

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**LUANA DOS SANTOS JOAQUIM**

**ATUAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A) ARTISTA NO ATELIÊ DE PINTURA: A  
EXPERIÊNCIA FORMATIVA PARA A DOCÊNCIA NO CURSO DE  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA UNESC**

**CRICIÚMA**

**2024**

**LUANA DOS SANTOS JOAQUIM**

**ATUAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A) ARTISTA NO ATELIÊ DE PINTURA: A  
EXPERIÊNCIA FORMATIVA PARA A DOCÊNCIA NO CURSO DE  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA UNESC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Giani Rabelo.

**CRICIÚMA**

**2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

J62a Joaquim, Luana dos Santos.

Atuação do(a) professor(a) artista no ateliê de pintura : a experiência formativa para a docência no curso de licenciatura em artes visuais da UNESC / Luana dos Santos Joaquim. - 2024.

95 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2024.

Orientação: Giani Rabelo.

1. Arte - Estudo e ensino. 2. Professores universitários como artistas. 3. Ateliês de pintura. 4. Professores universitários como artistas - Formação. I. Título.

CDD. 22. ed. 700.7

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101  
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

**LUANA DOS SANTOS JOAQUIM**

**ATUAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A) ARTISTA NO ATELIÊ DE PINTURA: A  
EXPERIÊNCIA FORMATIVA PARA A DOCÊNCIA NO CURSO DE  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA UNESC**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação na área de Educação, Linguagem e Memória no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 17 de setembro de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Giani Rabelo – Doutora – (Unesc) – Orientadora

Prof. Ricardo Luiz de Bittencourt – Doutor – (Unesc)

Prof. Marcelo Feldhaus – Doutor – (UFSC)

Esta dissertação de Mestrado Acadêmico foi realizada com apoio do Programa de Assistência Financeira Estudantil do Ensino Superior de Santa Catarina, na forma da bolsa UNIEDU.

A Deus, à minha família, a meus pais Ismael e Andréa, ao meu irmão Patrick. Aos professores(as) que tive e que me foram exemplo. A todos os amigos que fiz neste caminho de pesquisa. À minha orientadora. A todos os professores(as) artistas.

## AGRADECIMENTOS

Do início ao fim desta pesquisa, eu nunca estive sozinha. Quando o mestrado ainda era um sonho, muitas pessoas me ajudaram a torná-lo realidade. Para mim, o mestrado não é apenas um título, mas uma responsabilidade de colaborar com a área que escolhi como profissão; uma oportunidade de ampliar os conhecimentos sobre educação e de conhecer pessoas que compartilham do desejo de fazer sempre mais pela educação. Sou grata a cada um que fez parte desse processo!

Primeiramente, agradeço aos professores, que me orientaram com dedicação e leveza, pelos conhecimentos compartilhados e o modo como conduziram a pesquisa; certamente, agregaram muito em minha formação. Professor André Cechinel, meu primeiro orientador, agradeço por escolher minha pesquisa e me auxiliar nos primeiros processos de desenvolvimento. Agradeço à professora Giani Rabelo por aceitar dar continuidade à minha orientação, somando suas pesquisas e experiências, contribuindo significativamente para o bom êxito dos estudos. A ambos, minha gratidão e admiração!

Aproveito para agradecer a todos os professores que, desde a educação básica, contribuíram de modo significativo para minha formação. Além de suas disciplinas específicas, foram e são referências; os quais me ajudaram a construir uma visão sobre educação. Em nome de todos eles, que são muitos, agradeço à Tamires Pignatell, Ricardo Canarin, Méuca Damazio, Lucas Cechinel, Trycia de Freitas, Aline Prudêncio, Jaqueline Ghellere, Alexandre Salvador; em especial, à professora Deise Bardini, a qual me alfabetizou, e à professora de Arte Lourdete Bitencourt, que me aproximou da história da arte e foi uma grande incentivadora das minhas produções artísticas desde os meus primeiros traços.

Agradeço também aos professores que marcaram minha formação na graduação: Silemar de Medeiros, Daniele Zacarão, Sérgio Honorato, Aurélia Honorato, Angélica Neumaier, Rafael Mueller, Édina Baumer, Izabel Duarte, Viviane de Assunção e, de forma muito especial, à professora Odete Angelina Calderan (*in memoriam*), que foi muito importante para minha formação acadêmica; não somente orientou meu TCC, ela o tornou uma experiência tão significativa que a temática deu partida ao projeto para o mestrado. Foi a primeira pessoa da universidade a quem contei sobre minha aprovação no programa de pós-graduação e a qual, em meio ao campus, pulou de alegria comigo. Sua contribuição à minha formação também se eterniza nessa pesquisa.

Agradeço de forma singular à minha família, meus pais Ismael e Andréa, e meu irmão Patrick, os quais sempre me apoiaram e torceram por mim; essa pesquisa não seria possível sem vocês. Obrigada pela educação que me deram e pelas vivências que me proporcionaram, pelo

cuidado e preocupação comigo, e por sempre estarem dispostos a me ajudar e a compreender todas as horas de estudos e trabalho. Agradeço por serem meu suporte, encorajando-me, fortalecendo-me e fazendo-me acreditar quando as dificuldades apareciam. Agradeço por sempre me proporcionarem o contato com os livros, os estudos e a arte. Por visualizarem meus sonhos e lutarem junto comigo para torná-los realidade. Eu os amo e dedico todas as minhas realizações a vocês!

Agradeço aos demais membros da minha família, pessoas essenciais em minha vida, e que, de diversas maneiras, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Meus avós, Ademir e Maria Terezinha, João e Rosa (*in memoriam*), aos meus tios, tias, primos, primas; especialmente à minha prima Cíntia a qual, mesmo distante geograficamente, sempre se fez presente, apoiando-me e auxiliando na concretização dos meus projetos. Agradeço e parablenizo aos professores e professoras da minha família que diariamente também lutam por uma educação acessível e de qualidade. A todos que fazem parte dessa grande e linda família da qual tenho a alegria de fazer parte: minha gratidão e profundo carinho!

Agradeço ao Padre Antônio Vander, que foi um grande incentivador da minha formação acadêmica, encorajando-me a sonhar alto e a não desistir frente aos desafios que surgiam.

Agradeço aos meus amigos, de longa data e os mais recentes, por todo apoio; em particular, à Silvana Mazzuquello que, desde a inscrição para o mestrado, ajudou-me sempre que precisei; à Francine Nazário, colega no curso de graduação, que contribuiu significativamente em minhas primeiras experiências na pesquisa e apresentações em eventos acadêmicos; àqueles que dividiram os desafios e as realizações nas disciplinas e tornaram o processo mais leve. Em nome de todos eles, sou grata à Jaqueline de Oliveira, Lucas Fernandes e Karoline Pignatell, os quais, além de colegas, tornaram-se amigos.

Agradeço aos meus alunos e colegas de trabalho com quem aprendo diariamente.

E, acima de tudo, agradeço a Deus por tudo que ele me proporcionou.

“Assim como homem nenhum vive ou morre para si mesmo, assim nenhuma experiência vive ou morre para si mesma. Independentemente de qualquer desejo interno, toda experiência vive e se prolonga em experiências que se sucedem. Daí constituir-se o problema central da educação alicerçada em experiência a seleção das experiências presentes, que devem ser do tipo das que irão influir frutífera e criadoramente nas experiências subsequentes”.

John Dewey



---

<sup>1</sup> Pintura realizada pela pesquisadora. “Arte; Formação; Experiência”. 2024

## RESUMO

Esta pesquisa foi realizada a partir de reflexões acerca das experiências que constituem a atuação do(a) professor(a) artista (que leciona e produz arte) e das experiências possibilitadas pela formação no ateliê de pintura. Como lócus de investigação, optou-se pelo Ateliê de Pintura Professora Maria Marlene Milaneze Just e pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Unesc a fim de abranger conceitos como *ensino da arte, formação e experiência*. Estes, por sua vez, constituem o objetivo geral desta investigação: compreender a atuação dos professores artistas no ateliê de pintura do curso de Artes Visuais o qual contribui para a experiência formativa integral dos(as) futuros docentes. Para alcançar esse objetivo, foram traçados os seguintes objetivos específicos: (i) discutir os conceitos de arte, formação e experiência, bem como conhecer a trajetória dos professores artistas que lecionam no ateliê de pintura do curso de Artes Visuais; (ii) compreender como os professores artistas concebem a arte enquanto área do conhecimento, a experiência na arte e a formação que integra a experiência; (iii) perceber como o espaço do ateliê de pintura é pensado na estrutura da matriz curricular e do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Artes Visuais; (iv) apresentar o ateliê de pintura como laboratório de ensino da arte por meio da experiência nos processos de produção artística; (v) evidenciar a atuação dos professores artistas no espaço do ateliê de pintura do curso de Artes Visuais. Com o levantamento dos estudos que permeiam a temática, esta pesquisa seguiu de forma qualitativa, unindo o referencial teórico, a realização de entrevistas semiestruturadas com professores artistas do Curso de Artes Visuais e a investigação por meio da metodologia documental; organizados sob um olhar de criação inerente à experiência que a pesquisadora obteve durante o processo de pesquisa. Os entrevistados foram dois docentes: Sérgio Honorato e Angélica Neumaier; ambos professores artistas que utilizam o ateliê de pintura como local de trabalho artístico e docente. Considerando as contribuições das reflexões e experiências dos entrevistados, pôde-se construir um diálogo com o referencial teórico em direção aos objetivos da pesquisa e, a partir de então, lançar também um olhar para as matrizes curriculares do curso de Artes Visuais as quais possuem ligação direta com o desenvolvimento da atuação docente. A partir dos procedimentos metodológicos mencionados, a pesquisa seguiu com os procedimentos de análise das temáticas *professor(a) artista, ensino de arte, experiência e formação em arte* com embasamento teórico nos estudos de Jaques Rancière (2011), Ana Mae Barbosa (2001; 2003), Jorge Larrosa (2011; 2017), John Dewey (2010), Renato Torres e Priscila Lara (2019), Jocielle Lampert (2014; 2017; 2018), Marta Facco (2018) Luciana Loponte (2013) e Daniele Alves (2019). Por meio do alcance dos objetivos da pesquisa, foi possível constatar que o ateliê de pintura pode ser considerado um espaço de ensino da arte e de experiências significativas para a formação do(a) acadêmico(a); que é importante possibilitar o contato com experiências artísticas de produção e participação em exposições na formação em licenciatura em Artes Visuais; que se possa estruturar metodologias com ênfase nos processos artísticos a partir das experiências formativas dos(as) professores(as) artistas; e que os estudos no ateliê de pintura constituem uma formação de futuros(as) docentes os quais, além do conteúdo teórico, irão para sala de aula com uma visão diferenciada de processos artísticos pela experiência que vivenciaram. Enquanto aguarda reverberar em diferentes modos de perceber o ensino da arte e estruturar metodologias voltadas para a experiência, esta pesquisa também considera a valorização do trabalho realizado pelos professores artistas, da arte e, principalmente, da docência.

**Palavras-chave:** Licenciatura em Artes Visuais. Professor(a) artista. Ateliê de Pintura. Experiência Formativa.

## ABSTRACT

This research was conducted based on reflections about the experiences that shape the work of the teacher-artist (who teaches and produces art) and the experiences made possible through training in the painting studio. As the locus of investigation, the Painting Studio Professora Maria Marlene Milaneze Just and the Licentiate in Visual Arts at Unesc were chosen in order to encompass concepts such as art education, training, and experience. These, in turn, constitute the general objective of this investigation: to understand the role of teacher-artists in the painting studio of the Visual Arts Degree, which contributes to the integral formative experience of future educators. To achieve this goal, the following specific objectives were outlined: (i) to discuss the concepts of art, training, and experience, as well as to learn about the trajectories of teacher-artists who teach in the painting studio of the Visual Arts Degree; (ii) to understand how teacher-artists conceive of art as a field of knowledge, the experience in art, and the training that integrates this experience; (iii) to perceive how the space of the painting studio is structured within the curriculum and the Pedagogical Degree Project (PPC) of the Visual Arts Degree; (iv) to present the painting studio as a laboratory for teaching art through experience in artistic production processes; (v) to highlight the work of teacher-artists in the painting studio of the Visual Arts Degree. Through a review of studies on the topic, this research followed a qualitative approach, combining theoretical references, semi-structured interviews with teacher-artists from the Visual Arts Course, and investigation through documentary methodology; all organized from a creative perspective inherent to the researcher's experience during the research process. The interviewees were two faculty members: Sérgio Honorato and Angélica Neumaier, both teacher-artists who use the painting studio as a space for artistic and teaching work. Considering the contributions from the interviewees' reflections and experiences, it was possible to build a dialogue with the theoretical framework in line with the research objectives and, from there, to also examine the Visual Arts Degree curricula, which are directly linked to the development of teaching practice. Based on the mentioned methodological procedures, the research proceeded with the analysis of the themes teacher-artist, art education, experience, and art training, with theoretical support from the studies of Jaques Rancière (2011), Ana Mae Barbosa (2001; 2003), Jorge Larrosa (2011; 2017), John Dewey (2010), Renato Torres and Priscila Lara (2019), Jociele Lampert (2014; 2017; 2018), Marta Facco (2018), Luciana Loponte (2013), and Daniele Alves (2019). By achieving the research objectives, it was found that the painting studio can be considered a space for art education and significant experiences for student training; that it is important to provide opportunities for artistic production experiences and participation in exhibitions as part of Visual Arts teacher education; that methodologies emphasizing artistic processes should be structured based on the formative experiences of teacher-artists; and that studies in the painting studio form future teachers who, in addition to theoretical content, will enter the classroom with a different perspective on artistic processes due to the experiences they have lived. While awaiting reverberation in different ways of perceiving art education and structuring experience-oriented methodologies, this research also considers the appreciation of the work done by teacher-artists, of art, and especially of teaching.

**Keywords:** Licentiate in Visual Arts. Teacher-Artist. Painting Studio. Formative Experience.

## LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1 – Porta de entrada do ateliê de Pintura Prof. Maria Marlene Milaneze Just – Unesc
- Imagem 2 - Bloco dos Ateliês do Curso de Artes Visuais Unesc
- Imagem 3 – Processo de pintura com lápis de cor
- Imagem 4 – Pinturas da pesquisadora em exposição
- Imagem 5 - Tela pintada pela pesquisadora
- Imagem 6 - Exposição das obras com mediação para os alunos
- Imagem 7 - Interior do Ateliê de Pintura Maria Marlene Milaneze
- Imagem 8 - Pintura realizada pela pesquisadora. “Arte; Formação; Experiência”. 2024
- Imagem 9 - Ateliê de Pintura Professora Maria Marlene Milaneze Just – Unesc
- Imagem 10 – Ateliê de Pintura Professora Maria Marlene Milaneze Just – Unesc
- Imagem 11 – Ateliê de Pintura Professora Maria Marlene Milaneze Just – Unesc
- Imagem 12 – Professora Artista Angélica Neumaier
- Imagem 13 – Obras da Professora artista Angélica Neumaier
- Imagem 14 – Professor Artista Sérgio Honorato
- Imagem 15 - Obras do Professor artista Sérgio Honorato
- Imagem 16 – Aula do Professor artista Sérgio Honorato no ateliê de pintura Maria Marlene Milaneze Just
- Imagem 17 – Desenho de partes do rosto
- Imagem 18 – Divulgação da Exposição dos acadêmicos
- Imagem 19 – Ateliê de Pintura Professora Maria Marlene Milaneze Just – Unesc

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Antecedentes de pesquisa

Quadro 2 – Distribuição com divisão das disciplinas em seus diferentes núcleos

Quadro 3 – Núcleos da Matriz Curricular 05

Quadro 4 – Dados por instalação física do Ateliê de Pintura

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

FUCRI - Fundação Educacional de Criciúma

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PPC – Projeto Pedagógico do Curso

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

SATC – Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>2 ARTE, FORMAÇÃO E DOCÊNCIA NA PERSPECTIVA DO(A) PROFESSOR(A) ARTISTA</b> .....	35
2.1 QUEM É O(A) PROFESSOR(A) ARTISTA? .....	36
2.2 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE, EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO .....	41
<b>3 PROFESSORES(AS) ARTISTAS E SUAS TRAJETÓRIAS</b> .....	45
3.1 O PROCESSO FORMATIVO E FORMADOR DO(A) PROFESSOR(A) ARTISTA ...	46
3.2 DESAFIOS DO(A) PROFESSOR(A) ARTISTA.....	51
<b>4 CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA UNESC: O ATELIÊ DE PINTURA COMO ESPAÇO FORMATIVO</b> .....	55
4.1 BREVE APRESENTAÇÃO DO CURSO DE ARTES VISUAIS DA UNESC.....	56
4.2 ATELIÊ DE PINTURA COMO ESPAÇO FORMATIVO NO CURRÍCULO DO CURSO DE ARTES VISUAIS .....	61
4.3 A RELAÇÃO ENTRE BACHARELADO E LICENCIATURA NA FORMAÇÃO POR PROFESSORES(AS) ARTISTAS .....	64
<b>5 PROFESSORES(AS) ARTISTAS NO ATELIÊ DE PINTURA DA UNESC</b> .....	67
5.1 ANGÉLICA E SÉRGIO: PROFESSORES ARTISTAS NO ATELIÊ.....	68
5.2 ATUAÇÃO DO PROFESSOR ARTISTA NO ATELIÊ DE PINTURA .....	73
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	78
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	82
<b>APÊNDICES</b> .....	86
Apêndice A – Roteiro da entrevista feita com professor(a) artista.....	86
Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE .....	88
<b>ANEXOS</b> .....	92
Anexo A – Aprovação do Comitê de Ética .....	92
Anexo B – Carta de Aceite da Instituição .....	95



Ateliê de Pintura  
Prof. Maria Marlene Milaneze Just  
42 anos - Curso de Artes Visuais - 2012  
unescc

Alcool 70%  
Utilize

Imagem 1 – Porta de entrada do ateliê de Pintura Prof. Maria Marlene Milaneze Just – Unesc  
Fonte: Acervo pessoal.

## 1 INTRODUÇÃO

*A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. (BENJAMIN, 1985).*



Imagem 2 – Bloco dos ateliês – Unesc  
Fonte: Acervo pessoal.

A partir das experiências que constituem a atuação do(a) professor(a) artista e das experiências possibilitadas pela formação no ateliê de pintura é que desenvolvi esta investigação. O ensino da arte traz questões que envolvem história, técnicas, expressões poéticas, entre outros elementos que o tornam uma área de conhecimento a qual se diferencia das outras, pois possibilita uma relação com a produção artística, a apreciação estética e a história, envolvendo o(a) professor(a) e o(a) aluno(a) em um processo de ensino e aprendizagem diferenciado.

Diferencia-se, visto que há um movimento da área do conhecimento com a fruição estética. As discussões que partem desse processo não são estáticas uma vez que a arte não é estática; ela acompanha as mudanças que ocorrem na sociedade, tanto de forma crítica, quanto poética. A arte se torna um modo de olhar para a realidade e ressignificá-la. Esse fator influi em diferentes modos de perceber a educação pela arte; abre possibilidades para pensar em um ensino que coloque em movimento metodologias para ensinar arte por meio de conceitos e

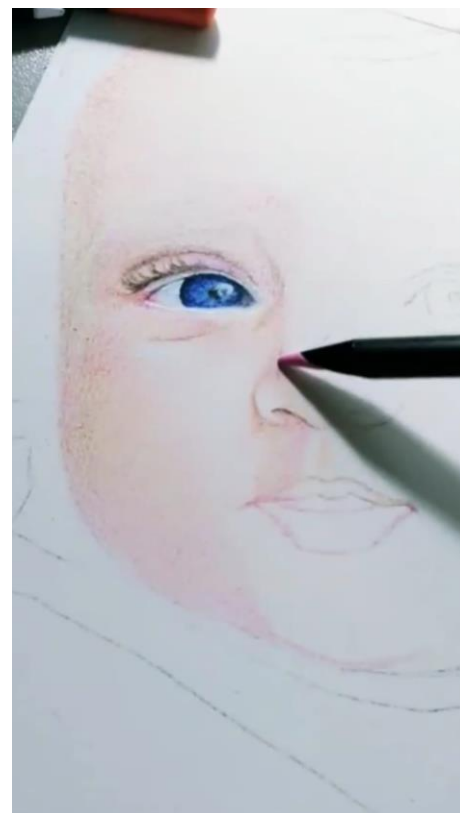
atuações artísticas. Deste modo, investigar a atuação do(a) professor(a) artista<sup>2</sup> torna-se importante para elucidar olhares diferentes para a educação, considerando o processo formativo, o espaço escolar, a valorização da experiência e outras possibilidades de posicionamento do(a) professor(a) de arte.

Essas questões permearam minha formação inicial na graduação e minha atuação enquanto professora e artista. Atuações que se conectam no cotidiano escolar, nas produções artísticas e na pesquisa. Logo, pesquisar sobre o(a) professor(a) artista é reconhecer o lugar onde eu e tantos outros colegas nos colocamos na arte e na educação, bem como fazer circular outras possibilidades para o ensino da arte. Em busca de discutir a relação entre o(a) professor(a) artista e o ateliê de pintura na formação de discentes do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, surge a seguinte indagação: Como a atuação do(a) professor(a) artista no ateliê de pintura do curso de Artes Visuais (licenciatura) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc) contribui para a experiência formativa integral dos(as) futuros(as) docentes?

Para dar início à discussão, elucidado como surgiu a necessidade de compreender melhor esse espaço – ateliê de pintura – e a atuação do(a) professor(a) artista em uma estrutura que possibilita a formação de futuros docentes.

Ao longo da minha formação acadêmica em Licenciatura em Artes Visuais, iniciada em 2018 e concluída no ano de 2021, fui intensificando a minha relação com o fazer artístico e a pesquisa em arte e educação. Inicialmente, ingressei no curso interessada na docência, entretanto, trago comigo, desde a infância, experiências com diferentes linguagens da arte: a literatura, a música, a escultura e a arquitetura; tudo isso por meio das capelas, ritos e tradição católica. Sempre fui incentivada, na escola e em casa, a pintar, desenhar, dedicar-me aos trabalhos escolares, especialmente nas artes; além de apreciar diferentes filmes – dos clássicos aos contemporâneos – e participar de peças de teatro. Ou seja, a valorização da arte e do estudo sempre estiveram presentes na minha vida, e os responsáveis por este feito são meus pais e

Imagem 3 - Processo de pintura com lápis de cor



Fonte: Acervo Pessoal

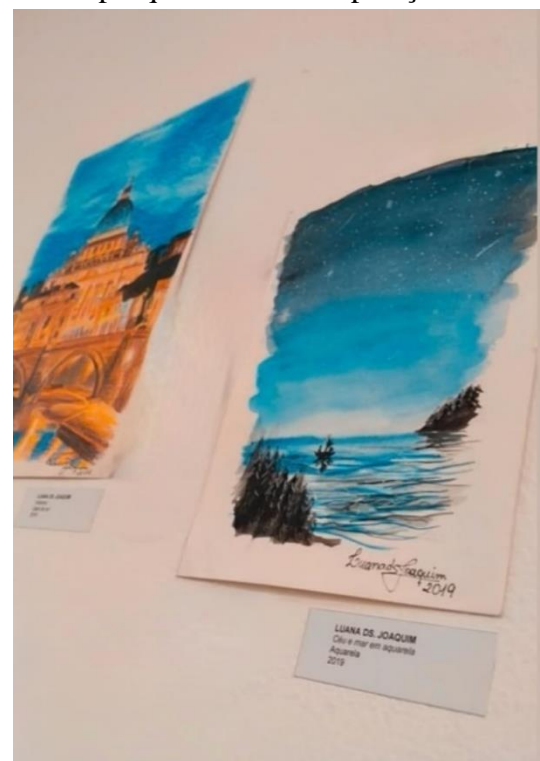
---

<sup>2</sup> Termo designado ao(à) professor(a) do componente curricular de arte que também produz arte.

meu irmão mais velho. No entanto, com o passar do tempo, principalmente no ensino médio, não percebia potencialidade nessa área para o meu futuro. Ledo engano! Minutos antes da matrícula, mudei minha opção de licenciatura em Letras para licenciatura em Artes Visuais em razão do número de bolsas disponibilizadas por curso. Uma mudança tão repentina quanto importante, pois foi na graduação – por meio das disciplinas teóricas sobre história da arte e sobre educação, e, principalmente, nas experiências nos ateliês de arte –, que me vi pertencente ao curso ao descobrir a possibilidade de não ser apenas professora ou artista, mas de unir essas duas áreas de atuação. Assim, iniciaram meu interesse e questionamentos sobre as ações pedagógicas de um(a) professor(a) que também produz arte. Em cada aula e em cada linguagem artística abordada (Desenho, Pintura, Cerâmica, Gravura e Escultura), ganhava amplitude minha relação com a arte mediante o conhecimento abordado nas aulas teóricas, nas técnicas dos artistas que tivemos oportunidade de conhecer e nos estilos que narram a realidade dos períodos históricos ao mostrar a potência da arte no diálogo com as diferentes épocas e culturas.

Com as atividades realizadas nos ateliês, desenvolvendo diferentes técnicas e materiais (imagem 3 e 5)<sup>3</sup> e exposições organizadas pelo curso (imagem 4)<sup>4</sup>, minhas produções artísticas começaram a ser reconhecidas, possibilitando que surgissem encomendas, bem como a abertura de minha microempresa<sup>5</sup> a qual atende pedidos de diferentes lugares do país. O término do curso de graduação e os convites para continuar expondo em outras galerias e espaços expositivos potencializaram a necessidade de investigar sobre o(a) professor(a) artista, agora do lugar de professora formada em arte e artista. Como aconteceu na exposição “Entre lápis e

Imagem 4 – Pinturas da pesquisadora em exposição



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 5 – Tela pintada pela pesquisadora



Fonte: Acervo Pessoal

<sup>3</sup> Desenvolvimento de desenho e pintura em lápis de cor (imagem 3) e tinta acrílica em tela (imagem 5)

<sup>4</sup> Obras da pesquisadora expostas em uma exposição coletiva da turma “Ateliê de Pintura”, em 2020.

<sup>5</sup> Exercitando Arte: < <https://www.instagram.com/exercitando.art> >.

pincéis”, realizada na galeria de arte Caio Borges, em Içara. Ao expor minhas produções artísticas, pude ainda, receber meus alunos e alunos de outras instituições (imagem 6) compartilhando meus processos de criação e experiências. Esse movimento de produção e exposições, que na graduação já gerava um olhar para a docência artística, hoje se acentua quando preparo os planejamentos das minhas aulas na educação básica, inserindo técnicas desenvolvidas no ateliê de pintura na graduação.

Compartilhar com os(as) alunos(as) os próprios trabalhos, percebendo o interesse e a confiança que demonstram para aprender e utilizar diferentes técnicas e materialidades; permitir o acesso ao conhecimento do sistema das artes, contemplando informações sobre outras profissões relacionadas, além da do artista; proporcionar meios para que entendam a importância do processo, descentralizando apenas o resultado; discutir as perspectivas da arte, principalmente contemporâneas; visitar lugares de arte onde podem se reconhecer nesta experiência (que é uma oportunidade de aproximação com a arte); todos esses aspectos fomentam a pesquisa sobre o(a) professor(a) artista.

Portanto, há a possibilidade de enxergar a história e a produção de arte para além dos livros didáticos, tanto no cotidiano quanto na aproximação com os(as) artistas, que hoje produzem e estudam a arte, e com os espaços que eles ocupam. Dessa forma, na vivência do dia a dia escolar, a experiência enquanto professora artista se evidencia nas inúmeras possibilidades de quem não apenas fala de arte, mas a vive; possibilitando a inserção de outros meios de proporcionar aos(as) alunos(as) a experiência que reverbera da formação em arte e educação.

Ao escolher estudar a relação existente entre a arte, o(a) artista, educação, docência e experiência, busco compreender como a atuação de professores(as) artistas, lecionando no ateliê de pintura, contribui para a formação dos acadêmicos, levando em consideração as implicações desse processo que atravessaram minha formação acadêmica e continuam refletindo em minha atuação em sala de aula. As reflexões que partem dessa temática apontam para um olhar para a educação – a partir da arte e do fazer artístico – e, também, para o processo de formação oferecido pelo(a) professor(a) de arte que produz arte.

Imagem 6 – Exposição das obras com mediação para os alunos



Fonte: Acervo Pessoal

Nesta investigação, o lócus de pesquisa escolhido foi o Ateliê de Pintura Professora Maria Marlene Milaneze Just<sup>6</sup> do Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). A escolha pelo ateliê de pintura se justifica pela aproximação pessoal com essa linguagem artística e por ter sido o lugar onde partiram a identificação com a produção artística e os questionamentos em torno do conceito e atuação do(a) professor(a) artista. Considero que todos os ateliês, em suas diversas linguagens (gravura, cerâmica e escultura), possuem o mesmo grau de importância e potencialidade formativa, porém, para um maior aprofundamento no conceito de professor(a) artista, escolhi um deles para investigar. Sendo assim, os sujeitos participantes são os docentes Sérgio Honoratto<sup>7</sup> – que atua em disciplinas diretamente relacionadas aos processos criativos no ateliê de pintura da instituição, com formação acadêmica em Educação Artística pela Unesc, concluindo em 2003 –, e Angélica Neumaier<sup>8</sup>, com formação em Desenho e Plástica, concluída em 1998, pela Universidade Federal de Santa Maria; cabe ressaltar que Angélica trabalha no ateliê de gravura, mas possui formação em pintura. Ambos lecionam no curso de Artes Visuais na Unesc: Sérgio, há 12 anos; e Angélica, há 27 anos. A atuação de ambos no curso enquanto professores artistas, suas produções artísticas, participações em exposições e o modo de lecionar – incluindo a experiência como fator importante para a relação de ensino e aprendizagem nos ateliês relacionados à pintura –, foram importantes para serem convidados a fazer parte dessa pesquisa.

Justifico a escolha pelo Curso de Artes Visuais da Unesc devido à minha formação artística e docente ter iniciado nesse ambiente e foi onde surgiu o interesse pela temática por meio dos estudos teóricos e práticos no ateliê de pintura.

A pesquisa parte do pressuposto de que as aulas no ateliê, particularmente no ateliê de pintura, diferenciam-se de outros lugares educacionais por proporcionar experiências e experimentações que seriam limitadas em outros espaços. Para Jociele Lampert (2017), que possui pesquisas sobre as metodologias nos estúdios de pintura pela perspectiva do(a) professor(a) artista,

Olha-se especificamente para o estúdio de pintura, como sendo a pintura expandida, desdobrada, reprojeta, reencarnada ou ampliada, como exemplos de expressões vinculadas aos procedimentos pictóricos feitos a partir do tempo contemporâneo. Obviamente tratam do processo pictórico e seus meios operativos e metodológicos de

---

<sup>6</sup> A professora que dá nome ao ateliê de pintura, Maria Marlene Milaneze Just, possui graduação em Desenho e Plástica pela Fundação Educacional de Criciúma (1974). É uma professora artista que lecionou no curso de graduação em Educação Artística (1975-1996) e, a partir de 1997, na graduação em Artes Visuais na Unesc, com disciplinas ministradas de Desenho Artístico e Pintura, Pintura e Pesquisa de Novos Materiais e Pintura. Além de atuação docente no ateliê, também possui trabalhos artísticos pessoais em seu ateliê. Fonte: <<http://lattes.cnpq.br/7732358689787714>>.

<sup>7</sup> <<https://www.sergiohonorato.com/>>.

<sup>8</sup> <[https://www.instagram.com/angelica\\_neumaier/](https://www.instagram.com/angelica_neumaier/)>.

forma a ampliar a espacialidade do conceito e dos estudos de estruturas cromáticas. Neste sentido, apontam para a compreensão o de fazeres estéticos, articulando prática e reflexão em seu fazer/sentir/agir. (Lampert, 2017, p. 62).

Assim, o ateliê de pintura pode possibilitar ao(à) aluno(a) uma experiência de se reconhecer nesse espaço físico de criação, de investigação, de fruição, de teoria e prática, uma vez que é nesse espaço de constituição de perspectivas em que as metodologias do(a) professor(a) artista e a abertura do(a) discente para a formação se constroem.

Pensar nas conexões que se estabelecem a partir do olhar para o ateliê desencadeia reflexões que podem ecoar na percepção de que se tem de educação, relação entre ensino e aprendizagem e a profissão docente. Esse entendimento alcança a formação à medida em que os(as) acadêmicos(as), os que possuem a possibilidade de vivenciarem aulas em ateliês, têm acesso a um repertório maior a ser levado para a sala de aula: compreensão sobre a importância do processo criativo; resiliência para perceber as potencialidades do inesperado e das descobertas, que fogem das estruturações e roteiros normalmente preparados para serem seguidos em uma aula; bem como pensar o próprio caminho como professor(a) artista.

Desse modo, as vivências nos ateliês de pintura passam a fazer parte da construção da identidade artística docente, pois, além de oportunizarem maior apropriação das técnicas artísticas, também instigam um olhar para a reorganização do espaço de ensino e aprendizagem e para a estruturação de metodologias que consideram a experiência no processo formativo. Para Lampert (2018), é nessa prática de olhar para o ateliê como lugar de ensino e aprendizagem que o potencializa como eixo gerador de conhecimento o qual vai além do ensino técnico. Portanto, para Lampert e Nunes (2014, p. 110), “os espaços de construção permitem aos(às) pesquisadores(as) estabelecer articulações entre o ateliê e sua reverberação na atividade docente ao abordar conceitos sobre o lugar do professor artista”.

Entendo que, ao lecionar em um ateliê de pintura vinculado a um curso de graduação, é necessário que o(a) professor(a) possua conhecimentos e práticas permeadas por sua experiência profissional, bem como, os saberes docentes. Assim, saber quem é esse(a) professor(a), quais suas perspectivas e atuações nas relações de ensino e aprendizagem nos ateliês, mostra-se necessário para visualizar esse modo de perceber a relação entre arte, formação e experiência.

A compreensão desses conceitos direciona a pesquisa para seu objetivo geral que é o de compreender a atuação dos(as) professores(as) artistas no ateliê de pintura do curso de Artes Visuais (licenciatura) da Unesc o qual contribui para a experiência formativa integral dos(as) futuros docentes. Para alcançar esse objetivo, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

(i) discutir os conceitos de arte, formação e experiência, bem como conhecer as trajetórias dos(as) professores(as) artistas que lecionam no ateliê de pintura do curso de licenciatura em Artes Visuais da Unesc; (ii) compreender como os(as) professores(as) artistas concebem a arte enquanto área do conhecimento, a experiência na arte e a formação que integra a experiência; (iii) perceber como o espaço do ateliê de pintura é pensado na estrutura da matriz curricular e do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Artes Visuais (licenciatura) da Unesc; (iv) apresentar o ateliê de pintura como laboratório de ensino da arte por meio da experiência nos processos de produção artística; (v) evidenciar a atuação dos(as) professores(as) artistas no espaço do ateliê de pintura do curso de Artes Visuais (licenciatura) da Unesc.

A partir da definição do objeto desta investigação, fui em busca de estudos que abordassem a temática do(a) professor(a) artista<sup>9</sup> em cursos de Artes nas seguintes bases de dados: Repositório Unesc e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Quanto a esta última base de dados, fiz o mapeamento inicial no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes<sup>10</sup>. Neste levantamento, foram priorizadas pesquisas *stricto sensu* de 2016 a 2022 por serem mais recentes.

Quadro 1 – Antecedentes de pesquisa

ANTECEDENTES DE PESQUISA					
Base de Dados	Descritores	Título de pesquisas	Autor/Ano de publicação	Instituição	Link do trabalho
BDTD	Professor-artista <i>and</i> Artes Visuais	Entre a docência e o fazer artístico em Artes Visuais: a atuação de professores-artistas na Educação Básica de Belém e Ananindeua (Pará)	RODRIGUES, Ailson Gonçalves Publicado em 2021.	Universidade Federal do Pará	<a href="https://bdttd.iict.br/vufind/Record/UFPA_4f73de975276b0be4a054e249887c2aa">https://bdttd.iict.br/vufind/Record/UFPA_4f73de975276b0be4a054e249887c2aa</a>
		Formações (C)A/R/Tográficas: experiência em processo na arte, na educação e na pesquisa para a formação de professores artistas	ALVES, Daniele de Sá Publicado em 2019.	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	<a href="https://bdttd.iict.br/vufind/Record/UFPB_bc4fc85bc379debe64c63ec088457d7d">https://bdttd.iict.br/vufind/Record/UFPB_bc4fc85bc379debe64c63ec088457d7d</a>
		A arte contemporânea e a Abordagem Triangular: conexões possíveis para o	VIEIRA, Mauro Roberto Publicado em 2018.	Universidade Federal de Minas Gerais	<a href="https://bdttd.iict.br/vufind/Record/UFMG_1aaff11">https://bdttd.iict.br/vufind/Record/UFMG_1aaff11</a>

<sup>9</sup> Na escrita desta dissertação, optou-se por escrever “Professor(a) artista” para contemplar os professores e professoras artistas, mas, na investigação dos antecedentes de pesquisa, foi utilizado “professor-artista” por ser o termo mais utilizado.

<sup>10</sup> A pesquisa ocorreu no segundo semestre de 2022; diante disso, algumas alterações podem ter ocorrido nas bases de dados.

		ensino de Artes Visuais			b7cedf8e1c0ae1a81fc2ec51c
		Professor-artista-professor: materiais didáticos-pedagógicos e ensino-aprendizagem em arte	LOYOLA, Geraldo Freire Publicado em 2016.	Universidade Federal de Minas Gerais	<a href="https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG_e0ad63fcf48cc65d0c65713378cb2dc1">https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG_e0ad63fcf48cc65d0c65713378cb2dc1</a>
		Relações entre ensino, práticas artísticas e pesquisa: princípios didáticos para a formação do professor de Artes Visuais	TEUBER, Mauren Publicado em 2016.	Universidade Federal do Paraná	<a href="https://bdtd.ibict.br/vufind/search/results?sort=year&amp;filter%5B%5D=dc.subject.por.fl_str_mv%3A%22Artes+-+Estudo+e+ensino%22&amp;filter%5B%5D=institucion%3A%22UFPR%22&amp;filter%5B%5D=dc.subject.por.fl_str_mv%3A%22Forma%C3%A7%C3%A3o+de+professores%22&amp;join=AND&amp;boolean%5B%5D=AND&amp;lookfor%5B%5D=&amp;type%5B%5D=AllFields">https://bdtd.ibict.br/vufind/search/results?sort=year&amp;filter%5B%5D=dc.subject.por.fl_str_mv%3A%22Artes+-+Estudo+e+ensino%22&amp;filter%5B%5D=institucion%3A%22UFPR%22&amp;filter%5B%5D=dc.subject.por.fl_str_mv%3A%22Forma%C3%A7%C3%A3o+de+professores%22&amp;join=AND&amp;boolean%5B%5D=AND&amp;lookfor%5B%5D=&amp;type%5B%5D=AllFields</a>
		Imagem em movimento: releitura e performance a partir de obras de Cândido Portinari como experiência criativa e estética no contexto escolar	SILVA, Shirley Batista da Publicado em 2020.	Universidade Federal da Paraíba	<a href="https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCEN_028c56cd61451d0567a640c246a560a1">https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCEN_028c56cd61451d0567a640c246a560a1</a>
		Metodologias em arte e educação desenvolvidas ao sul do Brasil: <i>un Sur adelante</i>	SIRTOLI, Guilherme Susin Publicado em 2022.	Universidade Federal de Pelotas	<a href="https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?filter%5B%5D=dc.subject.por.fl_str_mv%3A%22Educação%22&amp;filter%5B%5D=eu_rights_str_mv%3A%22">https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?filter%5B%5D=dc.subject.por.fl_str_mv%3A%22Educação%22&amp;filter%5B%5D=eu_rights_str_mv%3A%</a>

					22openAccess%22&filter%5B%5D=dc.publisher.program.fl_str_mv%3A%22Programa+de+P%C3%B3s-Gradua%C3%A7%C3%A3o+em+Artes+Visuais%22&type=AllFields
		Artista-professora-pesquisadora: uma reflexão sobre ensinar arte para alunos do 4º ano de ensino básico a partir da obra Bichos Urbanos	BORTOLANZA, Simone Koubik  Publicado em 2018.	Universidade Federal do Paraná	<a href="https://bdt.dibict.br/vufind/search/results?sort=year&amp;filter%5B%5D=dc.subject.por.fl_str_mv%3A%22Artes+-+Estudo+e+ensino%22&amp;filter%5B%5D=eu_rights_str_mv%3A%22openAccess%22&amp;filter%5B%5D=dc.subject.por.fl_str_mv%3A%22Educa%C3%A7%C3%A3o%22&amp;join=AND&amp;boolean%5B%5D=AND&amp;lookfor%5B%5D=&amp;type%5B%5D=AllFields">https://bdt.dibict.br/vufind/search/results?sort=year&amp;filter%5B%5D=dc.subject.por.fl_str_mv%3A%22Artes+-+Estudo+e+ensino%22&amp;filter%5B%5D=eu_rights_str_mv%3A%22openAccess%22&amp;filter%5B%5D=dc.subject.por.fl_str_mv%3A%22Educa%C3%A7%C3%A3o%22&amp;join=AND&amp;boolean%5B%5D=AND&amp;lookfor%5B%5D=&amp;type%5B%5D=AllFields</a>
		O ensino do desenho no âmbito cultural e profissional na Amazônia amapaense	DIAS, Ronne Franklim Carvalho  Publicado em 2020.	Universidade Federal de Goiás	<a href="https://bdt.dibict.br/vufind/Record/UFG-2_8e59aaf59d1a5a5ba5b3b8c71bce388f">https://bdt.dibict.br/vufind/Record/UFG-2_8e59aaf59d1a5a5ba5b3b8c71bce388f</a>
		Metodologias artísticas de pesquisa em educação e deslocamento na formação docente: a fotografia como	EGAS, Olga Maria Botelho  Publicado em 2017.	Universidade Presbiteriana Mackenzie	<a href="https://bdt.dibict.br/vufind/Record/UPM_3c79a9b77cecd4abd94183dc4303e3c1">https://bdt.dibict.br/vufind/Record/UPM_3c79a9b77cecd4abd94183dc4303e3c1</a>

		construção do pensamento visual			
	Professor-pesquisador-artista	Experimentações e composições na educação de um corpo-professor: dançar como um método de pesquisar-criar	FERRAZ, Wagner Publicado em 2021.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	<a href="https://bdtd.ibict.br/vufind/search/results?sort=year&amp;filter%5B%5D=dc.subject.eng.fl_str_mv%3A%22Body%22&amp;filter%5B%5D=dc.contributor.advisor1.fl_str_mv%3A%22L%3B3pez+Bello%2C+Samuel+Edmundo%22&amp;filter%5B%5D=language%3A%22por%22&amp;join=AND&amp;boolean%5B%5D=AND&amp;lookfor%5B%5D=&amp;type%5B%5D=AllFields">https://bdtd.ibict.br/vufind/search/results?sort=year&amp;filter%5B%5D=dc.subject.eng.fl_str_mv%3A%22Body%22&amp;filter%5B%5D=dc.contributor.advisor1.fl_str_mv%3A%22L%3B3pez+Bello%2C+Samuel+Edmundo%22&amp;filter%5B%5D=language%3A%22por%22&amp;join=AND&amp;boolean%5B%5D=AND&amp;lookfor%5B%5D=&amp;type%5B%5D=AllFields</a>
		Amatória: práticas artísticas de uma feminista que reescreveu uma parte na memória líquida de seu corpo	GARCIA, Maryori Katherine Cabrita Publicado em 2019.	Universidade Federal do Pará	<a href="https://bdtd.ibict.br/vufind/search/results?sort=year&amp;filter%5B%5D=institution%3A%22UFPA%22&amp;filter%5B%5D=dc.publisher.program.fl_str_mv%3A%22Programa+de+P%3B3s-Gradua%C3%A7%C3%A3o+em+Artes%22&amp;filter%5B%5D=dc.contributor.advisor1.fl_str_mv%3A%22LE%383O%2C+Ana+Cl%C3%A1udia+do+Amaral%22&amp;join=">https://bdtd.ibict.br/vufind/search/results?sort=year&amp;filter%5B%5D=institution%3A%22UFPA%22&amp;filter%5B%5D=dc.publisher.program.fl_str_mv%3A%22Programa+de+P%3B3s-Gradua%C3%A7%C3%A3o+em+Artes%22&amp;filter%5B%5D=dc.contributor.advisor1.fl_str_mv%3A%22LE%383O%2C+Ana+Cl%C3%A1udia+do+Amaral%22&amp;join=</a>

					AND&bool0%5B%5D=AND&lookfor0%5B%5D=&type0%5B%5D=AllFields
		Professor-pesquisador-artista: reflexões para uma prática pedagógica artística	VALIM, Natália Publicado em 2016.	Universidade Estadual Paulista	<a href="https://bdt.dibict.br/vufind/Record/UNSP_cccb34bd6d1a7beda58ff8b5fc45d21d">https://bdt.dibict.br/vufind/Record/UNSP_cccb34bd6d1a7beda58ff8b5fc45d21d</a>
Unesc	Ateliês de Arte	Contribuições da experiência nos ateliês do Curso de Artes Visuais da UNESCO para a formação inicial de professores de artes	GUIMARÃES, Juliana Pereira Publicado em 2018.	Universidade do Extremo Sul Catarinense	<a href="http://repositorio.unesc.net/handle/1/7888">http://repositorio.unesc.net/handle/1/7888</a>
Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	Professor-artista; artes visuais	Diário de professor/artista em processo: a prática artística como foco de investigação no ensino das artes visuais	FIGUEIREDO, Marcia Amaral de Publicado em 2016.	Universidade do Estado de Santa Catarina	<a href="https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=4592086">https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=4592086</a>
		O infográfico como objeto/processo nas artes visuais	MELLO, Adriane Cristine Kirst Andere de Publicado em 2017.	Universidade do Estado de Santa Catarina	<a href="https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=5151430">https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=5151430</a>
		Formação artística e estética de professores e crianças: desenvolvimento da criação com artes visuais na educação infantil	STEIN, Vinicius Publicado em 2019.	Universidade Estadual de Maringá	<a href="https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=7662047">https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=7662047</a>
		[entre] imagens transitórias	SILVA, Tharciana Goulart da	Universidade do Estado de Santa Catarina	<a href="https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/">https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/</a>

			Publicado em 2017.		<a href="https://sistemas.capes.gov.br/sistemas/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=5049005">public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=5049005</a>
		A formação artística de professores de artes visuais: percursos, experiências e implicações na consolidação do saber-fazer docente	FRANCO, Marcos Aurelio Moreira Publicado em 2017.	Universidade Federal de Minas Gerais	<a href="https://sistemas.capes.gov.br/sistemas/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=5317158">https://sistemas.capes.gov.br/sistemas/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=5317158</a>
		A competência artística do professor de artes visuais e os procedimentos didático-metodológicos: um estudo de caso de professores egressos da UEPG-PR	LIMA, Camila Bourguignon de Publicado em 2020.	Universidade Federal do Paraná	<a href="https://sistemas.capes.gov.br/sistemas/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=9386820">https://sistemas.capes.gov.br/sistemas/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=9386820</a>
		O curso de educação artística na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1980 - 2000): história e memórias'	GODOI, Rozana Vanessa Fagundes Valentim de Publicado em 2020.	Universidade Federal da Grande Dourados	<a href="https://sistemas.capes.gov.br/sistemas/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=9775580">https://sistemas.capes.gov.br/sistemas/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=9775580</a>
		A Disciplina de Estágio Supervisionado e o fazer artístico: contribuições para a formação de professores de Artes Visuais da Faculdade de Artes do Paraná (2007-2015)	PIZZA, Dulcineia Galliano Publicado em 2020.	Universidade Estadual de Campinas	<a href="https://sistemas.capes.gov.br/sistemas/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=9419044">https://sistemas.capes.gov.br/sistemas/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=9419044</a>

Fonte: dados organizados pela autora.

Nota: informações obtidas nas bases Repositório da Unesc e Repositório da Capes. (2024)

Dentre os resultados encontrados na BDTD, a tese que mais se aproximou do objeto de estudo foi a realizada pela pesquisadora Daniele Alves (2019), intitulada “Formações (C)A/R/Tográficas: experiência em processo na arte, na educação e na pesquisa para a formação de professores artistas”<sup>11</sup>. Essa pesquisa foi desenvolvida a partir da teoria e da criação artística durante o processo de formação de si e na formação docente de professores, pesquisadores e artistas. Também aborda a experiência da arte, da educação e da formação docente nos cursos de licenciatura em artes visuais. (Alves, 2019). Essa pesquisa traz considerações pertinentes para o estudo sobre o(a) professor(a) artista ao elucidar que

Experiência se constitui em processo e constrói conhecimento. Que arte e educação são processos distintos embora um possa acontecer pela via do outro. Que a subjetividade docente constitui modos de ser artista, professor e pesquisador de formas particulares, e a identificação dessas identidades pode acontecer de maneiras distintas, seja por reconhecimento, formação ou *práxis* investigativas, respeitando a devida autonomia de cada e com aberturas aos entrecruzamentos possíveis entre elas. Tais atravessamentos podem ocorrer desde que acordados entre as partes. Que mediar, friccionar e lubrificar as contribuições de cada identidade para a outra é uma experiência que se dá em processo. Que a experiência artista e pesquisadora é potente para a formação docente em artes visuais já que o ensino de arte está para além de conhecer obras de arte, seus artistas e contextos. Que o ensino de arte contribui para conhecer outras histórias e perceber sua própria história, permitindo contar poeticamente suas experiências, além das outras. Por isso, o ensino da arte é um espaço para aprender e ensinar sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmo. Tal processo é emancipador e permite identificação, visão crítica, apropriação e empoderamento para que as relações dadas como hegemônicas sejam questionadas e desconstruídas. (Alves, 2019, p. 171).

Adiante, ao pesquisar pelo descritor “Professor-pesquisador-artista”, apareceram três estudos, sendo que a dissertação mais próxima se intitula “Professor-pesquisador-artista: reflexões para uma prática pedagógica artística”<sup>12</sup>, realizada por Natália Valim (2016). Nessa pesquisa, o lócus da investigação é o ensino da arte na instituição escola e a figura do próprio educador, evidenciando o distanciamento entre a prática pedagógica e a prática artística e refletindo sobre a relação dialógica entre mestre e “aprendente”. (Valim, 2016).

No Repositório da Unesc, buscando por pesquisas de *stricto sensu* no campo Educação, nenhum estudo envolvendo o tema “professor-artista” foi encontrado; no entanto, a partir do descritor “ateliês de arte”, foi possível localizar a dissertação intitulada “Contribuições da experiência nos ateliês do Curso de Artes Visuais da Unesc para a formação inicial de professores de artes”<sup>13</sup>, de Juliana Guimarães (2018). Essa pesquisa aborda o conceito de experiência, tendo como lócus o curso de Artes Visuais - Licenciatura da Unesc, e os sujeitos

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/7363>>.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/144490>>.

<sup>13</sup> Disponível em:

<<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/7888/1/Juliana%20Pereira%20Guimar%c3%a3es.pdf>>.

pesquisados foram acadêmicos em formação inicial do curso. As constatações alcançadas com a pesquisa mostram que

A experiência no ateliê possui as suas especificidades, e esse espaço é descrito como um lugar de aquisição de conhecimento, ficando evidente o seu caráter formativo. Foi possível investigar o conceito de fazer artístico e a experiência no PPC<sup>14</sup> do curso evidenciando a necessidade de definições destacando a importância de ambos para a formação. Ainda constatou-se a importância da formação cultural disponibilizada pela instituição. Discutiu-se também a importância da universidade, instituição formadora, e a sua contribuição para a formação cultural e refletiu sobre a construção da docência em Artes Visuais na contemporaneidade que precisa ser constantemente revisitada em seus diversos modos de constituir-se. (Guimarães, 2018, p. 9).

No catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, a partir do descritor “professor-artista”, obtiveram-se 64 resultados e, ao acrescentar o termo “artes visuais”, apareceram dez resultados; dentre estes, a pesquisa que mais se aproxima da temática deste estudo é a dissertação “Diário de professor/artista em processo: a prática artística como foco de investigação no ensino das Artes Visuais”<sup>15</sup>, da pesquisadora Márcia Figueiredo (2016). Essa pesquisa foi desenvolvida a partir de um diário de professor-artista, tendo como objetivo investigar de que maneira este poderia ser utilizado nas práticas artísticas e pedagógicas na formação do professor de Artes Visuais (Figueiredo, 2016). O trabalho também abordou o conceito de Arte como Experiência, a partir do filósofo John Dewey (2010) e, como metodologia, a investigação pela Bricolagem, o que gerou procedimentos e técnicas construídos durante o processo da pesquisa.

As pesquisas encontradas evidenciaram a relevância da experiência e dos ateliês de arte na formação e atuação do(a) professor(a) artista, justificando a necessidade de refletir sobre as práticas artísticas e pedagógicas de professores(as) que produzem arte e estão inseridas nos processos formativos iniciais de futuros(as) professores(as).

Com o levantamento dos estudos que permeiam a temática, esta pesquisa segue de forma qualitativa a partir da conceituação de Patton (1986 apud Alves, 1991), o qual aponta três características desse tipo de pesquisa: a visão holística que parte do princípio de que a compreensão do significado de um comportamento é possível em função das inter-relações que emergem de um contexto; a abordagem indutiva na qual o pesquisador parte de observações mais livres, em que as dimensões e categorias de interesse emergem durante o processo de coleta e análise de dados; e a investigação naturalística na qual a intervenção do pesquisador no contexto observado é reduzida. Segundo Alda Alves (1991, p. 54), essas características

---

<sup>14</sup> PPC – Projeto Pedagógico do Curso.

<sup>15</sup> Disponível em:

<[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?p\\_opup=true&id\\_trabalho=4592086](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?p_opup=true&id_trabalho=4592086)>.

consideram “o pesquisador como o principal instrumento de investigação e a necessidade de contato direto e prolongado com o campo”. Entende-se que esses elementos irão contribuir para o desenvolvimento da pesquisa e atender as três características mencionadas quando acontece a entrevista, quando se observa a atuação do(a) professor(a) artista no ateliê de pintura e quando as observações e dados são analisados a partir de conceitos e autores(as) que fundamentam a pesquisa.

Como reflete Nadir Zago (2003, p. 287), “os instrumentos adotados na coleta de dados somente ganham sentido quando articulados à problemática de estudo”. Portanto, visando um desenvolvimento que envolve a experiência pertencente a um caminho formativo, propõe-se uma pesquisa na qual a investigação dê forma as reflexões construídas, visto que “o trabalho de campo dificilmente vai se desenrolar conforme o planejado e desse modo está sujeito a sofrer um processo de constante construção.” (Zago, 2003, p. 293). Assim, a pesquisa une o material teórico, a contribuição dos(as) entrevistados(as) e a investigação por meio da metodologia documental, organizados sob um olhar de criação inerente à experiência que a pesquisadora obtém durante o processo de pesquisa. Howard Becker (1993) sugere métodos artesanais de pesquisa em que o pesquisador produz as teorias e métodos necessários para o trabalho. Comparando com a construção de uma casa, mesmo com os princípios gerais de construção, não há lugares iguais, assim como não há arquitetos que trabalhem da mesma maneira. “Estas decisões não podem ignorar princípios gerais importantes, mas os princípios gerais em si não podem resolver os problemas desta construção. [...] temos que adaptar os princípios gerais à situação específica que temos em mãos”. (Becker, 1993, p. 12). Desta forma, esta pesquisa se propõe a unir a metodologia com a arte, educação, docência e experiência, conceitos que amparam essa investigação.

Nesse processo, a visita ao ateliê de pintura da Unesc, lócus da pesquisa, foi fundamental, bem como a entrevista com roteiro semiestruturado (vide Apêndice A) que objetivou organizar as questões em torno da problemática em questão, mas que não enrijeceu o processo, dando margem a sua reestruturação enquanto a entrevista acontecia, fundamentado na reflexão de Zago (2003, p. 305), quando defende que

Como recurso que é criado numa relação interpessoal, a entrevista não se processa numa relação de “sentido-único”, não se segue uma ordem linear. Esta é a razão pela qual o roteiro, conforme já assinalado, não segue uma estrutura rígida pois representa um guia e não tem a pretensão de ser conduzido como se fosse um questionário.

Portando, a entrevista não é aqui utilizada como uma técnica mecânica para uma coleta de dados, mas como parte da construção sociológica do objeto de estudo, como acentua Zago (2003). Para facilitar o desenvolvimento da entrevista, houve o registro por meio de gravação e, em seguida, uma transcrição na íntegra autorizada pelos(as) entrevistados(as). Entendendo que, ao buscar dados quantitativos, as entrevistas não precisam ser numerosas, mas suficientes para abranger as discussões que fazem parte da pesquisa. Sendo assim, foram convidados dois professores (um professor e uma professora) que atuam neste espaço, abordando questões sobre suas pesquisas e práticas de ensino e aprendizagem enquanto professores(as) artistas nos ateliês de pintura.

Como já enunciado, foram entrevistados dois docentes: Sérgio Honorato e Angélica Neumaier, ambos professores artistas que utilizam o ateliê de pintura como local de trabalho artístico e docente. O primeiro a ser entrevistado foi o professor artista Sérgio Honorato, formado em Educação Artística pela Unesc, entre os anos de 2000 e 2003, iniciando sua carreira como docente em 2002 na instituição de ensino SATC (Sociedade de Assistência aos

Imagem 7 – Interior do Ateliê de Pintura Maria Marlene Milaneze



Fonte: Acervo Pessoal

Trabalhadores do Carvão), onde trabalhava com as disciplinas de desenho e fotografia. Em 2010, com a parceria da SATC com a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Sérgio se especializou em Design Gráfico pela UFSC e, logo após, ingressou no mestrado em Design e Expressão gráfica também pela UFSC, com pesquisa voltada ao objetivo de encontrar formas que possibilitassem aos cegos perceberem imagens por meios táteis, concluindo em 2012. Atualmente, leciona na Unesc, no curso de Artes Visuais, bacharelado e licenciatura; além disso, possui o trabalho de *freelancer*, atendendo encomendas de produções artísticas, e desenvolve materiais sobre a linguagem do desenho, como seus livros digitais: *Desenho de Observação e Desenho do Corpo Humano*<sup>16</sup>. Em uma hora de entrevista, o professor artista Sérgio respondeu em torno de 19 perguntas, entre questionamentos pré-formulados (vide Apêndice A) e outros que surgiram ao longo da conversa. Ele aponta seu começo na arte com

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://www.sergiohonorato.com/livros-digitais>>.

mosaicos cerâmicos e que, com a necessidade de aprimorar seus conhecimentos, ingressa no curso de graduação buscando produzir obras com mais qualidade, originais, com resultados melhores<sup>17</sup>. Sua experiência no ensino superior, segundo seu relato, foi diferente do esperado visto que era o calouro mais velho; o que de certa forma não foi um empecilho, pois, como ele aponta, com a maturidade maior, o valor que se dá aos estudos também é maior. Portanto, após o tempo de formação, Sérgio se formou em bacharelado em Educação Artística.

A segunda entrevistada, professora artista Angélica Neumaier, compartilhou sua experiência profissional e sua visão em relação aos ateliês de arte na formação do(a) professor(a) artista em uma entrevista que durou em torno de trinta minutos, respondendo às questões do Apêndice A e acrescentando informações ao longo da conversa. Logo no início, Angélica conta que recebeu a influência de sua mãe, que gostava muito de arte, para também ingressar nessa área. Além de formada em bacharelado em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria (RS), é mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) na Unesc, na linha de pesquisa Educação, Linguagem e Memória, com pesquisa direcionada às memórias dos(as) acadêmicos(as) sobre a gravura na escola. Em 1994, chega a Criciúma e, dois anos depois, a professora de Cerâmica da Unesc convida Angélica para substituir o então professor de Cerâmica afastado por problemas de saúde. Ingressou para lecionar a disciplina de Técnicas de Educação Visual, semelhante à atual disciplina de Fundamentos da Linguagem Visual do curso de Artes Visuais, onde permanece até hoje, sendo a única instituição de ensino superior em que lecionou. Além da instituição de ensino, Angélica também possui experiência em empresas de design e serigrafia, fritas, esmaltes e corantes, tinturaria, estamperia e tecelagem.

Atentando-se para o que aponta Zago (2003) sobre a condição importante do local de pesquisa na produção dos dados, foi proposto que as entrevistas acontecessem nos próprios ateliês de arte. No momento da entrevista o professor Sérgio, encontrava-se no Ateliê de pintura da Unesc, localizado na sala 04, onde, logo após, atenderia os graduandos na primeira aula do semestre 02/2023. Já a entrevista da professora Angélica aconteceu no ateliê de gravura, localizado na sala 08 onde atualmente leciona.

Levando em consideração as contribuições dos(as) entrevistados(as) acerca de suas reflexões e experiências, pode-se construir um diálogo com o referencial teórico em direção aos objetivos da pesquisa e, a partir de então, lançar também um olhar para as matrizes curriculares do curso de licenciatura em Artes Visuais da Unesc, o qual possui ligação direta com o

---

<sup>17</sup> Sérgio Honorato. Entrevista concedida à Luana dos Santos Joaquim em 03/08/2023, em Criciúma - SC.

desenvolvimento da atuação docente. Com esta finalidade, torna-se importante a realização de uma pesquisa documental em que:

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente. (Cellard, 2012, p. 295).

A partir dos procedimentos metodológicos mencionados, a pesquisa seguiu com os procedimentos de análise envolvendo referenciais teóricos que abordam professor(a) artista, ensino de arte, experiência e formação em arte, com embasamento teórico nos estudos de Jaques Rancière (2011), Ana Mae Barbosa (2001; 2003), Jorge Larrosa (2011; 2017), John Dewey (2010), Renato Torres e Priscila Lara (2019), Jocielle Lampert (2014; 2017; 2018), Marta Facco (2018), Luciana Loponte (2013) e Daniele Alves (2019).

Para a realização da pesquisa por esse caminho metodológico, houve autorização do Curso de Artes Visuais da Unesc (Anexo A) e, após a submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa de Seres Humanos da Unesc e aprovação subsequente (Anexo B), as entrevistas foram realizadas. Os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de acordo com o Apêndice B.

Este estudo se deu no âmbito da Linha de Pesquisa Educação, Linguagem e Memória do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), escolhida por possuir na ementa o foco em imagens e linguagens artísticos-culturais e formação de sujeitos<sup>18</sup>. Inicialmente, sob orientação do professor Dr. André Cechinel e, após seu ingresso em outra instituição, passei a ser orientada pela professora Dra. Giani Rabelo.

A fim de apresentar os resultados da pesquisa, a dissertação foi organizada em cinco capítulos. Ela inicia com a primeira seção que introduz a pesquisa e traz os principais elementos. A segunda seção aborda os Principais Conceitos introduzindo a temática que se seguirá na seção seguinte, intitulada “Professores(as) artistas, trajetórias e concepções sobre arte, experiência e formação”. Nela, apresento os professores artistas que atuam no ateliê de pintura do curso de Artes Visuais (licenciatura) da Unesc, participantes da pesquisa, e suas trajetórias, bem como suas concepções sobre arte enquanto área do conhecimento, a experiência na arte e a formação que integra a experiência. Neste momento, dialoguei com Jacques Ranciere (2011), ao tratar de arte e formação; Jorge Larrosa (2011; 2017; 2020) e John Dewey (2010), ao discutir a

---

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://www.unesc.net/programa-de-pos-graduacao-em-educacao/linhas-de-pesquisa>>.

experiência, a experiência na arte e na educação. A quarta seção se atentará ao Ateliê de Pintura como espaço formativo na Estrutura/Matriz Curricular no Curso de Artes Visuais e, nela, trarei autores como Renato Torres e Priscila Lara (2019), Jocielle Lampert (2014; 2017; 2018) e Marta Facco (2018), visando perceber como o espaço do ateliê de pintura é pensado na estrutura/matriz curricular do curso de Artes Visuais (licenciatura) da Unesc e discutir o ateliê de arte como laboratório do ensino da arte por meio da experiência nos processos de produção artística. Na quinta e última seção, “Atuação dos(as) professores(as) artistas no ateliê de pintura da Unesc”, diálogo com Loponte (2013) e Alves (2019) e problematizo a atuação dos(as) professores(as) artistas no espaço do ateliê de pintura do curso de Artes Visuais (licenciatura) da Unesc.

## 2 ARTE, FORMAÇÃO E DOCÊNCIA NA PERSPECTIVA DO(A) PROFESSOR(A) ARTISTA

*Um dos traços essenciais do artista é ser um experimentador nato. Sem esse traço, ele se torna um acadêmico sofrível ou bom. O artista é obrigado a ser experimentador, por ter de expressar uma experiência intensamente individualizada através de meios e materiais que pertencem ao mundo comum e pública.*  
(Dewey, 2010).



Imagem 8 – Pintura realizada pela pesquisadora. “Arte; Formação; Experiência”. 2024  
Fonte: Acervo pessoal.

A atuação do(a) professor(a) artista se sustenta a partir de colunas que justificam a profissão. A formação do docente em arte se constitui no estudo das questões educacionais e da área específica, que contempla o estudo teórico e prático. Ao longo dessa formação, surge a necessidade de reflexão sobre o ensino da arte a partir da experiência. Portanto, a formação docente com um viés que possibilita ao(à) acadêmico(a) um contato com as particularidades da área específica, aqui em arte, abre espaço para um processo de experiências significativas à relação Arte e Educação. Para essa reflexão, parte-se da compreensão do sujeito Professor(a) Artista e do objetivo de discutir conceitos sobre o ensino da arte, experiência e formação considerando o(a) professor(a) artista que leciona no ateliê de pintura. Tais temáticas serão abordadas a partir das perspectivas dos seguintes autores(as): Jaques Rancière (2015), Ana Mae Barbosa (2001; 2003) e Jocielle Lampert (2017) para tratar do ensino da arte; Marta Facco (2018) e Daniele Alves (2019) colaboram para a discussão sobre a formação; por fim, Jorge Larrosa (2011; 2017) e John Dewey (2010) para discutir a respeito da experiência. Por meio

desse diálogo, busca-se não apenas conceituar, mas – a partir dos conceitos Arte, Formação e Experiência – discutir as reverberações que surgem na atuação do(a) professor(a) artista.

## 2.1 QUEM É O(A) PROFESSOR(A) ARTISTA?

A compreensão da atuação do professor(a) artista nos ateliês de pintura parte inicialmente da conceituação do termo “professor(a) artista” que, segundo Lampert e Nunes (2014, p. 103),

Foi usado inicialmente por George Wallis, em meados do século dezenove, e vem sendo construído desde então, um retrato pedagógico da identidade associado ao termo. Uma rede de empreendimentos foi desenvolvida para entender o processo de pensamento que discute o artista/professor, que é um processo conceitual de aplicar um modo artístico e estético de pensar o ensino.

Esse modo de pensar o ensino que o(a) professor(a) artista promove perpassa pelas suas experiências, sua subjetividade e sua identidade, elementos a serem aprofundados nesta pesquisa e que refletem nos processos de formação e de atuação na educação e na sociedade. Outro elemento importante para tal reflexão é pensar nos distanciamentos e aproximações que surgem ao longo do caminho de formação e que aliam história e profissão; isto é, anseios profissionais e poéticos do ser artista e do ser docente. Essa relação no ensino da arte também se desdobra a partir da junção arte VS vida a qual norteia a história da arte, partindo das vanguardas artísticas<sup>19</sup>, e continua reverberando na arte contemporânea. Desse modo, como acentua Alex Sander da Silva (2019, p. 25),

Se levamos em conta as produções artísticas, percebemos um movimento de interpretação e de reinvenção da própria vida e das possibilidades de uma educação formativa. Dessa forma, o desenrolar de uma educação como experiência formativa requer reconhecer o sentido da expressividade da arte.

Um dos acontecimentos que fortalecem essa junção e identifica as possibilidades de espaço a ser ocupado na produção artística é o impressionismo<sup>20</sup>, com o qual o ateliê de pintura – que, ao longo da história da arte, apresenta-se como um espaço de criação, estudo e pesquisa

<sup>19</sup> “Vanguardas Europeias foram movimentos artísticos e literários que surgiram no início do século XX, ocasionando uma revolução cultural. O objetivo principal dos movimentos era renovar a estética artística, rejeitando convenções e academismo. Buscavam liberdade criativa e expressão genuína, influenciando toda a cultura contemporânea.” Carlini, Rafael. 2023. Acesso em: 16 nov. 2023. Disponível em: <https://blog.uninassau.edu.br/vanguardas-europeias/>

<sup>20</sup> O impressionismo nasceu em abril de 1874, quando um grupo de jovens artistas de Paris, frustrados com a contínua exclusão de suas obras dos salões oficiais, reúnem-se com o objetivo de realizar as próprias exposições no estúdio do fotógrafo Félix Nadar (Dempsey, 2010, p. 14). Principais características: O abandono das lições acadêmicas, deixam seus ateliês e passam a pintar ao ar livre, buscando captar as luzes naturais e as impressões pessoais de paisagens, pessoas, objetos, cenas cotidianas. Principais artistas: "Claude Monet, Edgar Degas, Édouard Manet e Pierre-Auguste Renoir"

– perde o caráter estrito de produção quando os artistas passam a pintar na rua a fim de capturar as cores e luzes dos momentos cotidianos de centros urbanos e rurais. A partir de então, a rua também se torna um lugar a ser desbravado artística e simbolicamente, mostrando uma arte ainda mais unida ao cotidiano e à vida das pessoas. Assim, a arte vai rompendo barreiras e os artistas confluindo com outras áreas e profissões. E o ateliê passa a ser expandido, ocupando outros espaços; entre eles, o que almejamos, a escola.

As redefinições de ações artísticas e os inúmeros formatos de ateliê, que se desenvolveram ao longo da história, acentuam a importância de um espaço de formação dos artistas, onde são estudadas as relações pictóricas que envolvem o conhecimento de materiais, cores, luzes, princípios anatômicos, proporcionalidade etc. Considera-se ainda que, quando se trata de arte, não apenas os elementos exteriores dão sentido ao espaço ocupado, mas também a aproximação das questões singulares do artista, pois, diferente de outras profissões, o artista tem como material de trabalho não apenas objetos, mas, de igual importância, a presença da sua expressão individual, seu traço, visão e atuação no mundo. Ou seja, é um movimento que relaciona o interior com o exterior. Quando se refere a esse movimento, logo se destaca a educação estética, ramo de estudo da filosofia que estuda a apreensão pelos sentidos, sendo um elemento importante para a comunicação entre o artista, a obra e o público. Para Ana Mae Barbosa (2012), na educação estética e nas várias formas de leitura e fruição, a partir do cotidiano e das obras de arte, o ensino da arte tem lugar privilegiado; e complementa que “compreender o contexto dos materiais utilizados, das propostas, das pesquisas dos artistas é poder conceber a Arte não só como um fazer, mas também como uma forma de pensar em e sobre Arte”. (Barbosa, 2012, p. 78). Neste sentido, a partir da educação estética, a experiência vem ao encontro da arte como mais um fator essencial; como destaca Dewey (2015), na relação entre externo e interno,

A experiência em si tem caráter emocional satisfatório, porque possui integração interna e um desfecho atingido por meio de um movimento ordeiro e organizado. Essa estrutura artística pode ser sentida de imediato. Nessa medida, é estética. Ainda mais importante é o fato de que não só essa qualidade é motivo significativo para se empreender uma investigação intelectual e mantê-la verdadeira, como também nenhuma atividade intelectual é um evento integral (uma experiência), a menos que seja complementada por essa qualidade. Sem ela, o pensamento é inconclusivo. Em suma, a experiência estética não pode ser nitidamente distinguida da intelectual, uma vez que esta última precisa exibir uma chancela estética para ser completa. (Dewey, 2015, p. 114).

Deste modo, a intelectualidade e a experiência não se separam, mas se unem. Este fator potencializa a relevância do ateliê de arte como espaço de ensino e aprendizagem, atingindo o âmbito intelectual e a experiência estética pelo contato com produções artísticas e pela possibilidade de experimentação e criação; tudo isso em um espaço propício para a

comunicação horizontal entre professor(a) artista e acadêmicos. Enquanto a sala de aula, em sua grande maioria, continua com a organização do(a) professor(a) à frente da turma, carteiras enfileiradas e padrões estáticos, o ateliê é espaço de movimento, apreciação e ação artística. O termo *ação* aqui utilizado ressalta essa atuação, esse agir do indivíduo que não está estático, seja físico, mental ou emocionalmente. No ateliê, os materiais são outros, os espaços são outros, os objetos de pesquisa são outros, mas se não deve distanciar essa realidade do espaço de ensino e aprendizagem escolar; pelo contrário, pode trazer uma potencialidade para a atuação pedagógica e para a vivência dos processos de produção artística.

O artista, comparado a seus semelhantes, é alguém não apenas especialmente dotado de poderes de execução, mas também de uma sensibilidade inusitada às qualidades das coisas. Essa sensibilidade também orienta seus atos e criações. Ao manipularmos, tocamos e sentimos; ao olharmos, vemos; ao escutarmos, ouvimos. A mão se move com a agulha usada para gravar ou com o pincel. O olho acompanha e relata a consequência daquilo que é feito. Graças a essa ligação íntima, o fazer posterior é cumulativo, e não uma questão de capricho nem de rotina. Em uma enfática experiência artístico-estética, a relação é tão estreita que controla ao mesmo tempo o fazer e a percepção. (Dewey, 2015, p. 124).

Facco (2018) vem ao encontro dessas conexões entre as práticas artísticas e a experiência, e acrescenta o ensino da arte por meio dos saberes pedagógicos na construção do(a) professor(a) artista quando ressalta essas “conexões que, esperam-se, o sujeito em prática faça através das possibilidades oferecidas pela experiência da aula ateliê durante o processo criativo”. (Facco, 2018, p. 108). Destarte, as vivências no ateliê podem constituir o ser docente, pois, além de oferecer mais propriedade em falar das técnicas artísticas, ainda é carregada por uma experiência de encontro com a prática artística, de descobrimento e reconhecimento de novas possibilidades. Lampert (2017) destaca que tanto a arte quanto a educação se ancoram nos conjuntos de práticas que vão envolver o fazer, a autorreflexão e os contextos sociocultural e histórico, que, por sua vez, envolvem a prática pedagógica e a prática artística como procedimentos do processo criativo que são elucidados pela construção das experiências.

Ao entender que o(a) professor(a) artista não apenas se constitui pelos conhecimentos teóricos, mas também pelas experiências que permeiam o fazer artístico, compreende-se que o ateliê se torna um importante lugar de formação e um laboratório da prática docente em arte, valorizando o processo de produção artística, o qual contribui para o conhecimento de técnicas, materialidades e da própria subjetividade. Refletir sobre essas questões oportuniza o reconhecimento desse(a) professor(a) que se diferencia dos demais por ter o que Loponte (2013, p. 42) destaca como “atitude artista diante do que significa pesquisar em educação”.

Como elucidada Alves (2019, p. 104),

aprendemos outras formas de experimentar uma atuação artista, em que a experiência e a experimentação de realidades compartilhadas são acolhidas. Com isso, absorver as dimensões do fazer, conhecer, aprender, ensinar, investigar, experimentar arte na qualidade de professores artistas pesquisadores é o desafio que se impõe pela própria condição do tempo em que vivemos.

As relações que acontecem por meio dessas ações, ampliam as possibilidades de pensar e atuar nos âmbitos da arte e da educação, considerando as experiências que se constituem nas experimentações dos elementos de produção artística e sistema das artes. A partir de então, os olhares lançados para a pesquisa, para a arte e para a educação, se confluem, nesse lugar possibilitador que é o ateliê de pintura no curso de graduação de licenciatura em Artes Visuais.

Distingue-se aqui os conceitos de experiência e experimentação sob a perspectiva de Dewey (2010). O autor

[...] distingue a diferença entre experimentação e experiência, dizendo que a experiência faz parte do ser vivo, pois está ligada ao processo de viver. Mas, muitas vezes, ela é incipiente, porque passa apenas pela experimentação, de modo a não compor uma experiência singular, a qual a Arte necessita para ser estética e significativa, e da qual se entende que o artista professor encontre singularidades, o que demanda tempo e atenção. Porém, as experimentações tornam-se necessárias para que a verdadeira experiência possa acontecer, através das proposições, e para isso, precisamos nos lançar ao desconhecido, ao novo, ao diferente. (Facco, 2018, p. 103 apud Dewey, 2010).

Entender quem é o(a) professor(a) artista, como ele atua, o que se diferencia em sua formação e prática, que espaço ocupa na relação entre arte e educação, como percebe o ensino da arte, como percebe a experiência e a experimentação no processo formativo; tudo isso se apresenta de forma relevante ao investigar os desdobramentos que esse docente possibilita para a educação e a formação em arte.

Nesses termos, discutir formação em arte torna-se essencial, considerando o que aponta Jacques Rancière (2015) quando mostra que a comunicação pelas obras realizadas pelas mãos acontece assim como acontece o discurso pelas palavras. Portanto, as obras de arte, desenvolvidas por diferentes linguagens, são formas de comunicação que geram um discurso que se entende pela sensibilidade e, também, pela intelectualidade. É preciso entender como acontece esse discurso pela arte compreendendo como esse entendimento reverbera na formação e atuação do(a) professor(a) artista e na própria dinâmica de ensino e aprendizagem em arte. O discurso que se desenvolve pela arte requer que os(as) professores(as) artistas não apenas falem sobre a história da arte, mas adentrem nos aspectos que insiram os alunos no mundo da arte pelo conhecimento da teoria e da prática, pela comunicação que acontece na aproximação de si com a história contada pelo registro do olhar sensível dos artistas. E, a partir desses elementos que elucidam os discursos da arte ao longo da história, os docentes e discentes

possam criar seus próprios discursos contemporâneos por meio do estudo e da prática artística. Pois, segundo Rancière (2015, p. 77),

É bem verdade que o homem razoável tudo pode fazer. Mas ele deve aprender a língua própria a cada uma das coisas que quer fazer: sapato, máquina ou poema. [...] É preciso aprender com aqueles que trabalharam o abismo entre o sentimento e a expressão, entre a linguagem muda da emoção e o arbitrário da língua, com os que tentaram fazer escutar o diálogo mudo da alma com ela mesma, que comprometeram todo o crédito de sua palavra no desafio da similitude dos espíritos.

Com o domínio dessa linguagem, o autor vai destacar a emancipação do artista, à medida que esse “pretende fazer de todo trabalho um meio de expressão; não se contenta em sentir, mas buscar partilhá-lo”. (Rancière, 2015, p. 79). É esse movimento que se intercala entre o sentimento, a apreciação e a expressão e no qual se encontra a experiência. É por esse meio que o ateliê de pintura se torna uma possibilidade de desenvolvimento da formação docente em arte, corroborando a prática do(a) professor(a) artista, pois é um local de possibilidades no desenvolvimento da linguagem artística e na criação de um discurso que emancipe a atuação em arte do(a) docente/discente e artista. Nesse lugar em que se configura o ateliê de pintura, podem acontecer diversas situações de pesquisa em arte e pela arte, movimentos interiores e exteriores que trazem o diálogo entre o estudo em educação e da área específica.

Assim, o ateliê de pintura se torna um lugar proporcionador de experiências na interação do espaço desse ambiente e seus elementos de composição; nesse meio, é importante se atentar ao que menciona Dewey (2010) sobre uma experiência *singular*. Para o autor, essa experiência acontece quando “o material vivenciado faz o percurso até sua consecução. Então, e só então, ela é integrada e demarcada no fluxo geral da experiência proveniente de outras experiências.” (Dewey, 2010, p. 109). E ele ainda afirma:

Por causa da fusão contínua, não há buracos, junções mecânicas nem centros mortos quando temos uma experiência singular. Há pausas, lugares de repouso, mas eles pontuam e definem a qualidade do movimento. [...] Em uma obra de arte, os diferentes atos, episódios ou ocorrências se desmancham e se fundem na unidade, mas não desaparecem nem perdem seu caráter próprio ao fazê-lo – tal como, em uma conversa amistosa, há um intercâmbio e uma mescla contínuos, mas cada interlocutor não apenas preserva seu caráter pessoal, como também o manifesta com mais clareza do que é costume. (Dewey, 2010, p. 113).

A partir das discussões levantadas, percebe-se que a arte por si só contém a experiência como fator essencial para a compreensão intelectual e o conhecimento da linguagem que permite a emancipação do artista. No ateliê, a arte integra potencialmente a educação estética como parte do desenvolvimento formativo do acadêmico, que tem contato com a teoria da arte e fruição artística ao mesmo tempo em que tem, por objetivo, contribuir posteriormente, nas escolas, com a educação e, no meio artístico, por meio do seu fazer artístico.

Um fator importante para constituição de tais experiências é a atuação do(a) professor(a) artista nesse espaço educacional, que é o ateliê. Quanto mais o(a) professor(a) for emancipado e emancipador em suas aulas, mais trará uma vivência artística com os distanciamentos e aproximações necessários do objeto de estudo, acessibilizando conhecimentos e favorecendo um ambiente de investigação e fruição artística com o olhar voltado ao objetivo de formar um(a) professor(a) de arte; possibilitando ainda que esses discentes possam também se reconhecer e atuar como professores(as) artistas nos espaços formais e informais de educação. Nesse sentido, pode se reconhecer um movimento ético, estético e político nessa atitude de docência artista.

## 2.2 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE, EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO

A arte pode ser compreendida como área do conhecimento, disciplina pertencente ao currículo da Educação Básica, mas também como meio de pensar a educação. Segundo Ana Mae Barbosa (2012), houve mudanças na relação Arte e Educação, percebidas por professores. Em seus estudos, Barbosa (2012) destaca o maior compromisso com a cultura e com a história; ênfase na inter-relação entre o fazer, a leitura da obra de arte e a contextualização histórica, social, antropológica e/ou estética da obra; mais que desenvolver uma vaga sensibilidade nos alunos, influir no desenvolvimento cultural pelo ensino/aprendizagem da arte. Neste ponto, destaca “a arte como linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica”. (Barbosa, 2012, p. 118). Também ressalta em seus estudos a ampliação do conceito de criatividade, pelo fazer artístico e pelas interpretações das obras de arte; necessidade de alfabetização visual, não apenas nos elementos das artes visuais, como também do modo de recepção e ampliação do significado da obra; compromisso com a diversidade cultural, não mais limitada apenas aos códigos europeus e reconhecimento do conhecimento da imagem como fundamental para o desenvolvimento da subjetividade e desenvolvimento profissional.

Todos esses elementos mencionados dialogam com o estreitamento que deve acontecer entre o aluno e as obras de arte com seus significados e contextos, aprendizagem cultural pela sensibilidade, os novos sentidos da criatividade que incluem a produção artística e a interpretação da obra como alfabetização visual. Para o discente que ingressa na graduação no curso de Artes Visuais, o ensino sobre arte tende a se diferenciar pelo olhar que elucida os aspectos acima. No espaço do ateliê de pintura, corre-se o risco de pensar apenas em um lugar de produção, não considerando que as produções precisam de um fundamento abrangente das

diferentes culturas que envolvem as significações de obras de arte, a ampliação imagética possibilitada pelo estudo da pintura ao longo da história até a arte contemporânea. Nisso, vai se desenvolvendo uma experiência mais sólida na relação de ensino e aprendizagem. Embora a emoção seja importante para a prática artística, ela não é o suficiente para sustentar uma formação sozinha. Como elucida Barbosa (2012, p. 22),

Na educação, o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso. Se a Arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um “grito da alma”, não estaremos oferecendo uma educação nem no sentido cognitivo, nem no sentido emocional.

Torres e Lara (2019) também defendem o conhecimento teórico como parte da relação de ensino e aprendizagem na arte quando apontam que

A apropriação do conhecimento acumulado sobre arte, somado à experiência de vida do acadêmico e ao confronto com o contexto contemporâneo, auxiliam na elaboração de novas linguagens, as quais passam por um período de experimentações, que em alguns momentos dialoga com a história da arte. (Torres; Lara, 2019, p. 14).

Assim, as aulas no ateliê de pintura tendem a ser um espaço propício para o encontro da teoria e da prática, onde se debate sobre as implicações da produção artística ao longo da história da arte ao mesmo tempo que instiga o acadêmico a também ser cocriador de novos meios de pinturas na contemporaneidade. Deste modo, o(a) professor(a) artista se destaca nesse lugar de ensino por ter um conhecimento teórico pedagógico e da área específica, além de compartilhar experiências nesse meio como artista.

No caso da pintura, a experiência prática orientada permite explorar técnicas conhecendo a realidade artística contemporânea. O estímulo à criação poética, na formação docente, possibilita vivenciar uma situação de projeto que simula a prática profissional real. Contudo, a aprendizagem não se prende somente à pintura, mas em ampliar a visão, o repertório, o conhecimento sobre arte e sua produção, tendo a técnica como um eixo gerador de demais aprendizagens, propondo uma aprendizagem significativa em que se discute a pintura ligada ao campo expandido e mestiço, em meio ao suporte tradicional e contemporâneo dessa técnica milenar. (Pellegrin; Cunico; Rosa, 2020, p. 51).

A partir disso, pode-se pensar o conhecimento prático das materialidades e conceitos da arte contemporânea que se expande a discutir e alcançar diferentes espaços teóricos e físicos. O ateliê de pintura sendo um espaço de discussão e criação, é ativo na formação docente como meio de pensar as relações que se constituem nas experiências nos processos de produção artística e as discussões sobre educação, prática docente e artística. A partir das implicações citadas sobre o ensino e aprendizagem da teoria e prática no ateliê de pintura, Marta Facco (2018) destaca que

A ideia desta articulação seria a de compreender essas duas instâncias (artística e pedagógica) como uma engrenagem, onde uma é imbricada na outra, funcionando conjuntamente, uma afetando a outra criando experiências significativas. A aula ateliê cria a possibilidade de experiências através da maneira como cada um recorta e

coleciona fragmentos do mundo. É a nossa memória material dos movimentos de acumulação e significação do que nos é particular, e de entender como somos afetados pelo mundo que nos cerca. (Facco, 2018, p. 109).

Essas afetações provenientes da experiência podem ser tanto positivas como negativas. Como Dewey (1971, p. 14) destaca, “Não basta insistir na necessidade de experiência nem mesmo em atividade do tipo de experiência. Tudo depende da qualidade da experiência por que se passa”. Para analisar tais experiências na educação, Dewey (1971, p. 23) expõe a necessidade de uma “teoria de experiência, para poder se conduzir inteligentemente a educação na base de experiência”. O autor reflete sobre um *continuum* experiencial, que tem como princípio a classificação entre experiências de valor educativo e experiências sem tal valor.

Segundo Dewey (1971), em cada caso há uma continuidade, um crescimento; o importante é o direcionamento que cada um desses propõe. Para o autor, “cada experiência atua em certo grau sobre as condições objetivas em que decorrerão novas experiências” (Dewey, 1971, p. 28), ou seja, é necessária uma experiência de base que seja precursora de um encadeamento de outras experiências. Quando se tem o contato com a teoria e história da arte e, a partir dela, desenvolve-se uma produção artística, aos poucos vai se criando uma poética pessoal de encontro com aquilo que inicialmente se teve contato e com aquilo que a partir dele se criou. Nesse meio, o papel do(a) professor(a) artista é avaliar cada experiência de um modo que um outro com menos experiência não possa fazer, como acentua Dewey (1971).

Temos o modo em que o educador pode dirigir a experiência do jovem, sem exercer imposição. A responsabilidade primária do educador não é apenas a se estar atento ao princípio geral de que as condições do meio modelam a experiência presente do aluno, mas também a de reconhecer nas situações concretas que circunstâncias ambientes conduzem as experiências que levam a crescimento. Acima de tudo, deve saber como utilizar as condições físicas e sociais do ambiente para dela extrair tudo que possa contribuir para um corpo de experiências saudáveis e válidas. (Dewey, 1971, p. 32).

Desse modo, a horizontalidade que o ateliê proporciona não deve ocultar a responsabilidade do(a) professor(a) artista. A experiência pedagógica e artística que o(a) professor(a) possui deve ser compartilhada com os(as) acadêmicos(as), não de forma impositiva, mas para potencializar a relação de ensino e aprendizagem, o aproveitamento do espaço do ateliê de pintura, e as técnicas e discussões acerca da linguagem da pintura. Mesmo o(a) professor(a) sendo também aprendiz na relação com seus discentes, espera-se que o conhecimento científico e o aprofundamento da prática possam ser oferecidos pelo(a) professor(a) em suas aulas aos acadêmicos.

Sobre os cursos de formação de professores em Arte, Barbosa (2012) sugere que esses

[...] devem encarar o desafio de propiciar a seus alunos uma imersão na linguagem artística e ao mesmo tempo uma reflexão crítica e contextual das questões relativas aos conhecimentos implicados no processo. Não é uma tarefa fácil. O conhecimento

artístico e estético historicamente acumulado tangencia várias outras áreas de conhecimento. (Barbosa, 2012, p. 174).

Essa imersão a que Barbosa (2012) se refere aponta para uma formação de valorização da teoria e de uma prática que não termine em si mesma, mas que seja resultado de um estudo, possibilitadora de experiência, contribuindo para o desenvolvimento de uma poética pessoal e fomentando reflexões. Esses elementos, valorizados na formação acadêmica e conduzidos por professores(as) artistas que saibam explorar o espaço do ateliê de pintura, proporcionarão ao(à) acadêmico(a) vivenciar um contato maior com a arte, reverberando em ações de ensino e aprendizagem significativas em sua formação e de futuros(as) alunos(as).

### 3 PROFESSORES(AS) ARTISTAS E SUAS TRAJETÓRIAS

*O segredo do mestre é saber reconhecer a distância entre a matéria ensinada e o sujeito a instruir, a distância, também, entre aprender e compreender. O explicador é aquele que impõe e abole a distância, que a desdobra e que a reabsorve no seio de sua palavra. (Rancière, 2002).*

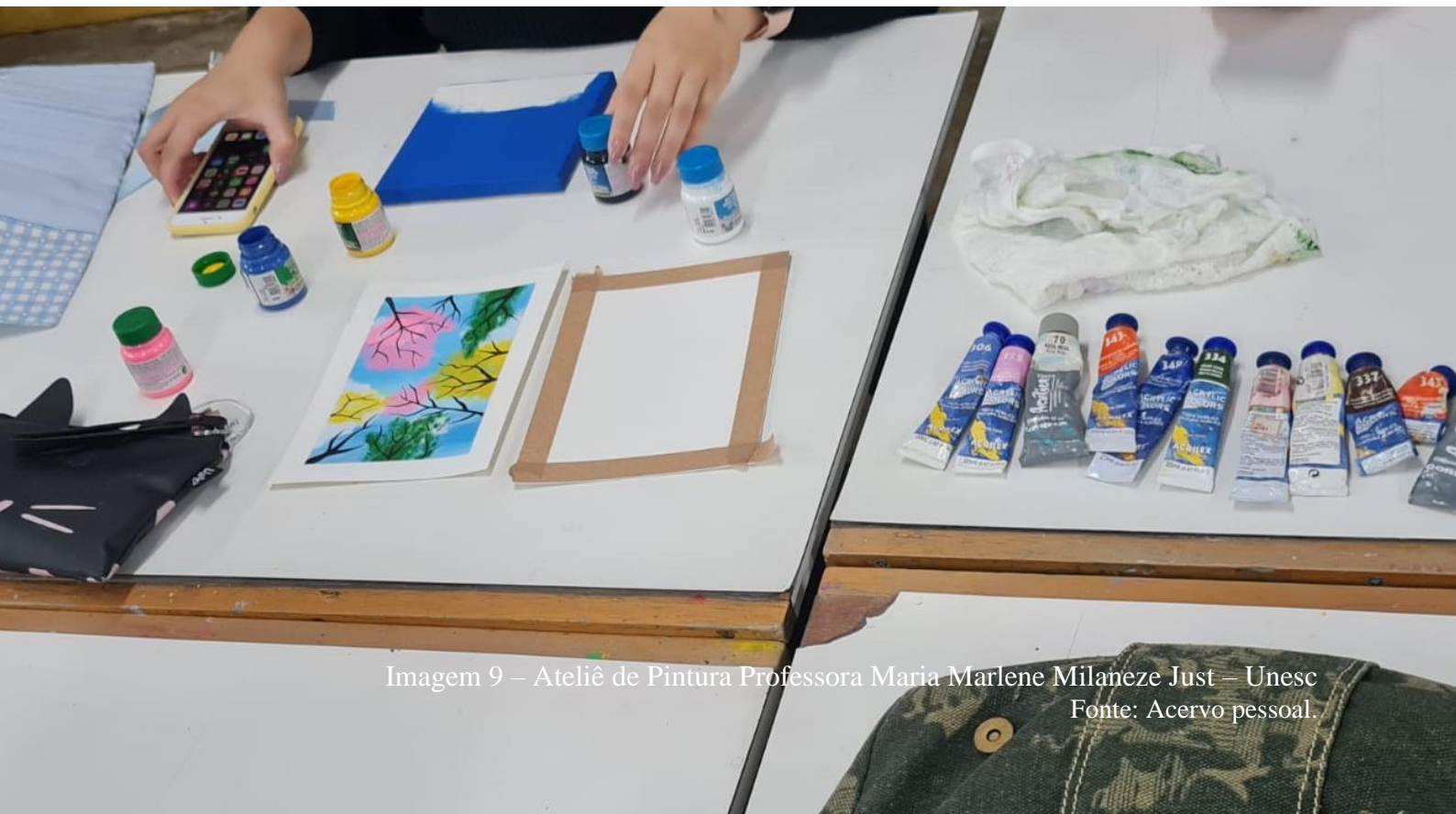


Imagem 9 – Ateliê de Pintura Professora Maria Marlene Milaneze Just – Unesc  
Fonte: Acervo pessoal.

Para chegar ao momento e lugar de lecionar em um ateliê de pintura no curso de graduação, é importante considerar o percurso possibilitador dessa atuação docente. Essas trajetórias contribuem para a compreensão de como as disciplinas ministradas nesse ambiente ocorre. Portanto, considera-se como objetivo compreender como as trajetórias de formação do(a) professor(a) artista contribuem para sua atuação no ateliê de pintura. Reconhecendo que por meio dos objetos de conhecimento relacionados à profissão artista, somados ao estudo pedagógico, obtêm-se modos de compartilhar com os(as) acadêmicos(as) essa bagagem de experiências de forma significativa para sua formação, diminuindo a distância desses sujeitos em relação à arte em suas variadas abordagens teóricas e práticas. Interessa compreender, também, que a trajetória do(a) professor(a) artista não se finda no seu título, mas continua reverberando em suas atuações docente e artísticas, atentando aos desafios que emergem no processo e que será discutido adiante nesse capítulo. A partir disso, contribuem para essa discussão autores como Rancière (2002), Dewey (2015), Silva (2019), Larrosa (2002),

dialogando sobre a experiência nas trajetórias formativas; e Basbaum (2013), refletindo acerca das variadas possibilidades que aliam ao ser artista. As conexões se fazem em conjunto com as informações compartilhadas pelos professores artistas entrevistados ao responderem sobre suas trajetórias na arte e educação.

### 3.1 O PROCESSO FORMATIVO E FORMADOR DO(A) PROFESSOR(A) ARTISTA

Ao abordar a educação como epicentro desta investigação, utilizando a arte, a experiência e a formação como meios de discussão, o sentido da formação humana torna-se o nosso ponto de partida. Segundo Silva (2019, p. 153),

Uma articulação entre formação e educação postula um conceito de experiência formativa que exige uma relação de estranhamento e reapropriação entre o espírito e o mundo como objeto. Ao pensar a relação pedagógica, o sujeito e o mundo concreto, envolvidos no processo formativo, adquirem uma universalidade enquanto possibilidade de serem produzidas e transformados. Assim, o conceito de formação humana aparece como um esforço necessário para superar os devaneios de tratar a educação como mera metodologização do processo pedagógico.

A experiência, portanto, torna-se possibilitadora do rompimento de uma mecanização do ensino, considerando uma formação do indivíduo não o percebendo como um mero espectador, mas envolvendo-o no processo ao propor experiências com objetivo educacional. Deste modo, para Silva,

é possível pensar a educação como formação cultural se considerarmos que ela tornaria a memória capaz de sistematizar experiências cumulativas do sujeito, o que permitiria uma compreensão da realidade que ultrapasse o mero uso de esquemas conceituais e práticos. (Silva, 2019, p. 154).

Recordando o já citado Dewey (2015), a integração interna com um desfecho atingido por um movimento organizado, sendo sentida de imediato, caracteriza-se como uma experiência estética. Para o autor, “a experiência estética não pode ser nitidamente distinguida da intelectual, uma vez que esta última precisa exibir uma chancela estética para ser completa.” (Dewey, 2015, p. 114). Portanto, a experiência toma-se um lugar importante no ensino da arte à medida que – por meio das obras de arte, contextos históricos, vivência dos artistas – possibilita um aprofundamento intelectual. Ou seja, há um movimento entre o exterior, o que foi expresso, o interior, o que foi/é sentido e a formulação crítica da realidade a partir do que é refletido. Propõe-se, assim, pensar que, se a arte e a experiência potencializam a formação humana, elas são indispensáveis quando se fala na formação acadêmica para o ensino da arte, tanto como eixo de discussão, quanto na vivência durante a graduação. Desse modo, a experiência formativa se torna um processo dialético e autorreflexivo (Silva, 2019). A partir disso, Silva (2019) destaca dois momentos vinculados ao conteúdo formativo:

O momento *materialista* da experiência: abertura ao empírico, disponibilidade de contato com o objeto; o pensamento precisa recuperar a experiência com o concreto sensível;

O momento *histórico*: a experiência em seu sentido dialético, de “tornar-se experiente”; e reelaboração do passado até o momento presente justamente para tornar acessível uma práxis transformadora. (Silva, 2019, p. 159).

Esses dois momentos do contato com o objeto e da construção ocorrida durante o tempo, de reunir experiência e tornar-se cada vez mais “experiente”, podem ser observados ao ser lançado um olhar para formação acadêmica em Artes Visuais, que institui o ateliê de pintura como um lugar de formação onde a “experiência formativa implica uma transformação do sujeito no curso de seu contato transformador com o objeto.” (Silva, 2019, p. 159). Logo, as experiências que se destacam na atuação do professor(a) artista são possibilitadas pelas aproximações ocorridas na trajetória do(a) professor(a) com a própria arte, que se reflete em sua didática e suas metodologias. A busca que direciona essa atuação é a de que os discentes encontrem no ateliê de pintura um espaço de descoberta, estudo e pesquisa que acarretarão ampliação das suas experiências nos âmbitos materialistas e históricos.

Pensando nessa formação, que assegura as possibilidades profissionais de um(a) professor(a) artista, abrem-se as oportunidades de se reconhecer no processo de forma integral, unindo o profissional com o processo de externalização de suas vivências e modos de atuar no mundo. Ricardo Basbaum (2013, p. 194) elucida que “não há como escapar desta máxima: dentro da universidade, o trabalho de arte se transforma em pesquisa e o artista em pesquisador”. Para o autor, “quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de ‘artista-artista’; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos ‘artista-etc’”. (Basbaum, 2013, p. 168). Dentro desse “artista-etc”, está o(a) professor(a) artista que encontra nas possibilidades da produção artística, no ensino e na pesquisa, o seu lugar de atuação na sociedade. Logo, o espaço onde é possibilitado esse reconhecimento é o espaço universitário.

Pode-se fazer do espaço universitário, em sua região ligada às artes, uma dobra portadora de potência, área de intensidade propensa a saltos.

Se cada biólogo, físico ou químico possui seu laboratório, cada artista-pesquisador deveria buscar construir seu estúdio ou ateliê, dentro dos Cursos de Artes? Certamente que a comparação, assim simplista, não procede por completo; mas serve para se perceber o quanto a academia torna-se impulsionada por outra dinâmica quando acontece a instrução do fazer artístico em seu território. (Basbaum, 2013, p. 197).

O ensino da arte no ateliê de pintura é visto assim como lugar de potencialidade necessário para as investigações da arte como prática e *poiesis* e como área do conhecimento, que será explorado pelo discente no campo da licenciatura. Nesse sentido, o(a) professor(a) artista, que conduz as disciplinas nesse espaço do ateliê de pintura, torna-se um mediador da

teoria e da prática, do processo materialista e histórico, da intelectualidade e da sensibilidade, do pensamento e da ação, como também da relação entre a história da arte e o sentimento de pertença à área. Vivenciar a arte, desse modo, é essencial para poder se falar dela. O caminho para discutir tal reverberação do ateliê de pintura na formação é evidenciar como a atuação do(a) professor(a) que também produz arte, o(a) qual chamamos de professor(a) artista, contribui para uma experiência formativa integral no ensino da arte.

A princípio, as experiências obtidas durante a formação desenvolvem em grande parte a visão sobre a arte e seu ensino. Quando se olha para o ateliê como um dos espaços de formação, o processo é valorizado com todas as interferências que possam ocorrer. A prática artística aproxima a história dos artistas com a dos estudantes à medida que os aproxima por meio do caminho trilhado na pesquisa, tentativas, erros, acertos, descobertas, até mesmo os momentos de cansaço e de fruição. Para o professor artista entrevistado Sergio Honorato, tanto no bacharelado quanto na licenciatura, é importante para o acadêmico não apenas a experiência da criação artística enquanto obra, mas a investigação dos próprios materiais. Em outras palavras, uma área de confluência do(a) professor(a)-artista-pesquisador(a). Assim, Honorato propõe, como parte de sua metodologia, buscar opções para que os acadêmicos possam produzir coisas, objetos artísticos e experimentar tipos de pintura além dos convencionais. Relatando sobre sua visão sobre a experiência na arte, esse professor artista cita uma das oportunidades de descobertas que ocorreram durante a exploração desses novos materiais de pintura.

No semestre passado, eu comprei uma pitaia na cor vermelha, aquela que tem uma cor intensa por dentro; ao tirar a polpa, percebi que o líquido que escorria era no tom magenta. O magenta é uma cor difícil de encontrar em latas de tintas ou bisnagas. Em lojas de tintas, é sempre uma cor complicada de se encontrar; nas caixas de lápis de cor, é difícil de aparecer, assim como nas aquarelas. Eu fiz um teste pegando esse suco da pitaia, pinte sobre um papel branco e pus no sol para ver o que aconteceria; se desbotaria, perderia o tom, se ficaria roxo ou azulado, como costuma acontecer com outros pigmentos como a beterraba; mas, para minha surpresa, ele se manteve intacto. Então, esse experimento, essa experiência, eu trouxe para sala de aula; trouxe um pedaço de pitaia e fiz os alunos experimentarem isso. Eles ficaram surpresos com a cor intensa da pitaia vermelha e a durabilidade sobre o papel, a forma como ela dilui bem com água. Ali, é a própria aquarela, porém natural do jeito como ela veio da fruta.<sup>21</sup>

Esse espírito científico de investigar, observar, criar hipóteses, experimentar e chegar a uma conclusão é um processo comum que um artista vivencia na prática e pode se relacionar com o desenvolvimento da relação de ensino e aprendizagem na formação docente. Não é raro perceber que, em certa medida, os docentes, com o passar do tempo, acomodam-se com suas metodologias e materiais, porém um(a) professor(a) artista, que tem tendência aos processos de

---

<sup>21</sup> Sérgio Honorato. Entrevista citada.

observação e experimentação recorrentes da produção artística, terá mais resistência em se acomodar com os materiais de sempre, pois tem necessidade da descoberta, da inovação, de novos meios de recriar sua arte; visto que a arte não é estática, assim como não são estáticas a vida, as emoções e as vivências humanas.

Nessa linha de pensamento, a entrevistada, professora artista Angélica Neumaier<sup>22</sup>, relata que, em sua metodologia, sempre inicia com a prática para depois fundamentar com a teoria. Segundo ela, “tudo começa pela experiência”. Cita, também, que o ateliê facilita o acesso do(a) acadêmico(a) a uma vivência coletiva, em que todos estão lado a lado, tanto no ato de produção, quanto no processo de aprendizagem. Cita ainda que no ateliê o(a) professor(a) traz as fundamentações teóricas, propõe investigações, possibilidades à criação, e não está à frente, mas junto. Assim, cria-se também um sentimento de pertencimento ao grupo, de comunicação, de trocas que fortalecem a ideia de que uma formação não se faz só. Para Pellegrin (2017, p. 45 apud Pellegrin; Cunico; Rosa, 2020, p. 55),

Os processos colaborativos proporcionam, na perspectiva educacional do ensino superior e na ótica poética, a possibilidade de desenvolvimento de uma subjetividade coletiva ancorada na perspectiva individual, embora advinda de acordo constante entre os desejos pessoais e coletivos.

Desse modo, o ateliê de pintura pode ser percebido como lugar individual quando se pensa nas produções dos artistas, no entanto, falando de arte contemporânea e formação, o ateliê não se configura no modo estático, mas abre as portas para a convivência, para a discussão e produção coletiva. Esse fator colabora para uma pluralidade de conhecimentos, até mesmo de materiais compartilhados, e para uma horizontalidade que aproxima uns dos outros. A reflexão de Neumaier<sup>23</sup> converge o pensamento de Rancière (2011) quando se refere a uma relação de igualdade entre professor(a) e aluno(a) ao dizer que “Um professor não é, nem mais, nem menos inteligente do que qualquer outro homem; ele geralmente fornece uma grande quantidade de fatos à observação daqueles que procuram”. (Rancière, 2011, p. 108).

Nesse processo de formação, em que se destacam a experiência, a convivência e a investigação na área da arte, o olhar também é lançado para a sala de aula na educação básica. Logo, o ateliê é percebido como um espaço de vivências e descobertas que corroboram o processo artístico e propõem um olhar artístico e científico para o ensino da arte, compreendendo as realidades sociais de cada comunidade escolar, visto que apenas a minoria das escolas, principalmente públicas, possui um espaço para produção artística além da sala de aula. Dificilmente se encontram instituições de educação básica com uma sala de arte ou ateliê.

---

<sup>22</sup> Angélica Neumaier. Entrevista concedida à Luana dos Santos Joaquim em 25/08/2023, em Criciúma - SC.

<sup>23</sup> Angélica Neumaier. Entrevista citada.

O que se vê na maioria delas são pequenos espaços de armazenamento de materiais, que também são escassos. Nessa direção, Sergio Honorato (2023) pontua a importância da experiência e investigação para pensar as diversas realidades que os(as) professores(as) de arte podem encontrar em relação à disposição de materiais.

Procuro fazer esse tipo de estímulo, principalmente com o pessoal da licenciatura, porque, quando eles forem para as escolas, nas quais de repente não há tanto recurso, eles vão precisar buscar maneiras de produzir arte com os alunos. É aí onde eu acho que essa experiência em sala de aula é fundamental.<sup>24</sup>

Essa questão levantada aponta para a importância não apenas artística, do ponto de vista da poética pessoal do acadêmico em arte, mas também para a importância do ateliê de pintura como um laboratório de experimentações para a atuação docente. Diferente do bacharelado, esse ateliê na licenciatura é um ponto de encontro entre o eu artista, o eu professor(a) e o outro.

Na turma de licenciatura, eu sempre foco a disciplina para o ensino da arte. Então, trago sempre técnicas que eles podem utilizar na sala de aula; muitas atividades que são lúdicas na área da produção da arte, que estimulam o processo de criação e produção da arte e, principalmente, materiais diversos para que eles possam trabalhar com qualquer coisa em sala de aula.<sup>25</sup>

Quem conhece a realidade escolar sabe que os(as) alunos(as) precisam de fundamentação teórica, confiança no ensino do(a) professor(a) e, na arte, reforça-se a necessidade de experiência. Na grande maioria das realidades, não haverá aquarelas de boas marcas, papéis de altas gramaturas e com diferentes texturas, diversidade de tintas, pincéis e outros tantos materiais. Por vezes, nem uma sala específica para um ensino de arte. Entretanto, mesmo lutando para a valorização e qualidade no espaço e nos materiais, o que Honorato destaca abre possibilidades de os(as) aluno(as) poderem explorar, olharem ao seu redor o que se pode transformar em arte. Esses processos são possibilitados quando o(a) professor(a) não entrega tudo pronto, mas instiga a investigação e a oportunidade dos(as) aluno(as) se tornarem mais independentes e criativos.

Destarte, o ensino da arte se compõe também de elementos que envolvem a experimentação que se dá a partir de uma hipótese que desenvolve uma observação, classificando um fenômeno<sup>26</sup>. Ter esse lugar propício para esse movimento mostra ser de grande

<sup>24</sup> Sérgio Honorato. Entrevista citada.

<sup>25</sup> Sérgio Honorato. Entrevista citada.

<sup>26</sup> Dicionário: Oxford Languages. Acesso em: 20 mai. 2024. Disponível em: <[https://www.google.com/search?q=experimenta%C3%A7%C3%A3o+significado+dicion%C3%A1rio&rlz=1C1FCXM\\_pt-PTBR991BR991&oq=experimenta%C3%A7%C3%A3o+significado+dicion%C3%A1rio&gs\\_lcrp=EgZjaHJvbWUqBggAEEUYOzIGCAAQRRg7MgoIARAAGIAEGKIEMgoIAhAAGIAEGKIEMgoIAxAGIAEGKIE0gEINTMzN2owajeoAgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=experimenta%C3%A7%C3%A3o+significado+dicion%C3%A1rio&rlz=1C1FCXM_pt-PTBR991BR991&oq=experimenta%C3%A7%C3%A3o+significado+dicion%C3%A1rio&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqBggAEEUYOzIGCAAQRRg7MgoIARAAGIAEGKIEMgoIAhAAGIAEGKIEMgoIAxAGIAEGKIE0gEINTMzN2owajeoAgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8)>.

importância para a formação à medida que dá suporte para que os(as) acadêmicos(as) possam conhecer e se desenvolver no processo de aprendizagem. O(a) professor(a) artista, por sua vez, possui mais liberdade para elaboração das atividades e mais meios para possibilitar que o discente possa experimentar os processos artísticos e compreender a importância do processo na aprendizagem, tirando o foco unicamente do resultado. Afinal, a experiência do desenvolvimento é o que dá sentido à conclusão. Essa valorização do que se vivencia e experimenta ao longo do processo formativo é de onde podem partir hipóteses que conduzam o discente para a compreensão da teoria, para as possibilidades da criação e para um caminho de pesquisa que o acompanhará em sua vida profissional. Tratando-se aqui especificamente da licenciatura, o ateliê potencializa uma visão para questões inerentes à educação, como a relação do(a) docente e discente, organização espacial, metodologias com produções artísticas, utilização e produção de materiais convencionais e não convencionais, exploração de diferentes suportes, além da experiência de desenvolver uma poética pessoal.

### 3.2 DESAFIOS DO(A) PROFESSOR(A) ARTISTA

Quando se utiliza o termo professor(a) artista, nesse contexto, é para designar um(a) professor(a) da disciplina de arte que também está atuante no meio artístico como artista. Tanto uma área quanto a outra possui demandas e responsabilidades. Na profissão docente, há processos correspondentes à relação de ensino e aprendizagem, procedimentos que atestam o desenvolvimento dos(as) alunos(as), desenvolvimento de planejamentos, avaliações, recuperações, relatórios, atualização de sistemas com notas, frequência, observações, reuniões, eventos e afins, com estipulação de tempo para que semestralmente tudo esteja organizado. Já na profissão artista, há pesquisas, experimentações, planejamentos orçamentários, atualizações de informações sobre editais, leituras, produções, preparações para exposições e, principalmente a criação. Se a dedicação a uma profissão tem seus desafios, vivenciando duas profissões os desafios, mesmo que se interliguem, são dobrados.

Nesse contexto do(a) professor(a) artista, o tempo torna-se cada vez mais disputado, o que pode interferir na realização de seus objetivos docentes e artísticos; logo, a experiência, tão importante no ensino e na produção de arte, é afetada.

Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo

moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. (Larrosa, 2002, p. 23).

Como cita Larrosa (2002), a modernidade afetada pelo efêmero e as instituições de ensino afetadas por uma organização empresarial forçam o docente ao molde quase robótico dos prazos, planejamentos estáticos, sistemas online e a serem alimentados, e o tempo cada vez mais consumido por todos esses compromissos que se somam às inúmeras mensagens em redes sociais; nesse cenário, considera-se que os professores possam responder coordenações, acadêmicos, entre outros setores em horários fora do expediente. Em todas as áreas do conhecimento, essas questões são desafiadoras, mas, em se tratando de arte, o desafio se intensifica, pois a contemplação, a experiência, a *theoria* e a *poiesis*<sup>27</sup>, necessárias para a compreensão da arte, exigem tempo. Como elucida Valim (2016, p. 19), “a arte cria, assim, um tempo distinto ao que foi proposto pelo mundo moderno que é o da velocidade; na arte, cria-se um tempo que, ao passar pelo sujeito, possibilita a criação de conexões efetivas.”. Para o professor(a) artista, esse tempo afeta suas produções e experimentações particulares que, por sua vez, também fazem parte da preparação para o ensino em sala de aula. Por conta disso, muitos professores(as) artistas acabam se vendo apenas como professores(as), sem mais tempo para serem artistas. Inclusive, afeta o tempo em aula para professores(as) universitários, média de 50 min, e escolas de educação básica, que varia entre 45 min e 90 min; nesta última, em grande parte das realidades, não há estrutura para a criação artística e nem materiais suficientes. Desse modo, o(a) professor(a) se desdobra para organizar um local adequado, conseguir materiais, inserir os(as) alunos(as) na apreciação e criação de arte; e, quando estes estão em produção, por conta do tempo, deixa tudo pela metade, organiza novamente o lugar, finaliza a aula, vai para outra turma e, na aula seguinte, recomeça. A professora artista Angélica Neumaier ressalta a problemática de tempo e espaço, assunto que trata em sua dissertação de mestrado<sup>28</sup>. Sobre isso ela pontua:

Para mim, toda escola tinha que ter uma sala para o ensino da arte, para essa relação de ensino e aprendizagem. O problema que identifiquei em minha pesquisa de dissertação é que as escolas só têm possibilidades de cinco minutos, entra e sai correndo. Então, ninguém vai dar gravura em uma aula de 45 minutos porque tem toda aquela questão de organizar e limpar a sala.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> **Poiesis** é uma palavra de origem grega e que, em português, fica poíese. Essa palavra possui o significado de criação ou mesmo produção. Ela ainda seria vista como um descobrimento. Disponível em: <<https://conceito.de/poiesis>>. Acesso em: 19 jun. 2024.

<sup>28</sup> As memórias em imagens e relatos: Experiências escolares no ensino de artes, Angélica Neumaier, 2018, Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/7067/1/Ang%C3%A9lica%20Neumaier.pdf>>.

<sup>29</sup> Angélica Neumaier. Entrevista citada.

Com o relato de Neumaier, destaca-se que o tempo limitante influencia também nos planejamentos em relação às aulas práticas, pois nem todo tipo de pintura pode ser feita em pouco tempo e sem um local adequado. Na graduação, os estudantes ainda possuem mais acesso a materiais e espaços propícios para a relação de ensino e aprendizagem em arte; o fator desafiante são os números de créditos por semestre destinados às disciplinas de práticas das linguagens artísticas e, em casos de faculdades a distância, o desafio desponta perante uma formação defasada no que diz respeito ao contato com a prática e à diminuição do tempo formativo. A partir dessa questão levantada, Silva (2019) destaca essas lacunas na formação que interferem no sistema educacional como um todo.

O fracasso educacional não se explica somente pela falta de escolas, nem por falta de escolaridade, uma vez que as escolas estão repletas de alunos. [...] Muitos fatores contribuem para esse fracasso, um desses fatores do nosso baixo rendimento escolar reside na exiguidade do tempo de atendimento que damos à formação. O aligeiramento da formação, recorrente na sociedade atual, torna-se questionável quando se reverenciam as exigências condicionadas unicamente às demandas do mercado. (Silva, 2019, p. 175).

E continua ao abordar as reverberações dessa realidade na prática docente:

Ao mesmo tempo que os professores buscam se empenhar em constituir uma formação adequada, com essa formação aligeirada pelos ditames econômicos, correm o risco, deles mesmos, de acabarem invertendo o papel da própria formação. Desse modo, limitam-se a desenvolver e repassar conteúdos de forma autoritária, conhecimentos preestabelecidos e cristalizados. E o que é para ser uma educação para formação cultural adequada, transforma-se em semiformação. (Silva, 2019, p. 176).

Desse modo, cria-se uma necessidade de olhar para a dinâmica de ser professor(a) e artista, percebendo as especificidades de exigência de ambas as áreas. Buscando sempre meios para que as áreas andem juntas de forma a não se anularem e que possam potencializar a ação pedagógica e artística. Espera-se que, dentro de uma perspectiva de arte e educação, valorize-se o tempo de experiência, fomentando uma formação/profissão que não atue de forma estagnada e produtivista, mas vivencie a arte. Afinal,

Quando o professor tem uma prática artística, tem a sua investigação, há clareza em proporcionar essas possibilidades aos seus estudantes; ele compreende, então, a necessidade dessa relação que possibilita o desenvolvimento de uma poiesis, de um impulso de trabalhar com continuidade. O verdadeiro mestre é aquele que facilita ao discípulo perceber o desenvolvimento de seu projeto. (Valim, 2016, p. 22).

E, assim, corrobora para uma formação integral no ensino de arte, abrangendo elementos teóricos e práticos, valorizando a experiência, a fruição, a apreciação e o pensamento crítico na formação, na ação docente, na escola, no ateliê e na vida.

Uma formação voltada ao(à) docente de arte para que este(a) possa vivenciar a arte e pensar o ensino partindo dela, gerando novas metodologias, estrutura organizacional do espaço e dos conteúdos, deve ser formulada a partir do projeto do curso, da atuação de seus(suas)

professores(as), como também da própria instituição; compreender que tipo de profissional se tem por objetivo formar, ser o norteador para o tipo de formação que se possibilita. Apesar das inúmeras questões que apontam esses desafios contemporâneos, em que se procuram formações cada vez mais curtas e fáceis.

Hoje existe também uma forte pressão das redes sociais nas quais as pessoas ficam muito introjetadas naquele mundo virtual e há uma necessidade imediata de coisas muito curtas, muito rápidas; as próprias redes estão fazendo isso, colocam vídeos que, antes eram grandes, agora são *shorts*. O YouTube, por exemplo, tem espaço só para os *shorts*, monetizando mais do que outros vídeos porque as pessoas querem coisas mais curtas. Elas não têm paciência para ver um documentário longo, parece que não tem tempo para essas coisas. Então, essa falta de concentração, falta de dedicação, é o que está prejudicando hoje a relação de ensino e aprendizagem, e o ateliê tem resgatado isso já que ninguém consegue pegar, sentar e fazer uma pintura em um minuto. Você só vai conseguir fazer isso quando você desenvolver uma habilidade muito grande, mas vai ter que ralar horas em cima disso e vai ter que desenvolver sua paciência. E essa relação do ateliê com as gerações que estão vindo agora, pós-pandêmica<sup>30</sup>, está sendo uma cura. É muito interessante, nós temos percebido isso de maneira muito forte.<sup>31</sup>

Com os desafios que se desdobram nos acontecimentos que afetam a educação e as mudanças sociais, o ateliê como espaço formativo se apresenta de modo a contrapor o ritmo da sociedade moderna com a sensibilidade da arte, a experiência e uma formação que dê sentido à escolha da profissão. Uma graduação – a qual se desenvolve em uma instituição que considera os pilares de uma educação sensível e valoriza o processo de aprendizagem no conhecimento técnico, teórico, prático e sensível – tem o diferencial para formar bons educadores.

---

<sup>30</sup> Pandemia do Covid-19, decretada em março de 2020, que levou a população mundial ao isolamento social por diversos meses.

<sup>31</sup> Sérgio Honorato. Entrevista citada.

#### 4 CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA UNESC: O ATELIÊ DE PINTURA COMO ESPAÇO FORMATIVO

*O papel da Arte na educação está relacionado aos aspectos artísticos e estéticos do conhecimento. Expressar o modo de ver o mundo nas linguagens artísticas, dando forma e colorido ao que, até então, se encontrava no domínio da imaginação, da percepção, é uma das funções da Arte na escola. (Barbosa, 2012).*



Imagem 10 – Ateliê de Pintura Professora Maria Marlene Milaneze Just – Unesc  
Fonte: Acervo pessoal.

O espaço formativo sobre o qual essa pesquisa se desenvolve é o Ateliê de Pintura Professora Maria Marlene Milaneze Just, localizado na Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), e sob direção do Curso de Artes Visuais nas áreas de Licenciatura e Bacharelado. Nesse espaço, promove-se um olhar artístico e estético direcionado ao estudo da arte, nas particularidades da teoria e da prática. Visando o desenvolvimento de uma poética pessoal, os(as) acadêmicos(as) também refletem sobre as reverberações de tais experiências em suas futuras atuações, seja como artistas, seja como professores(as), seja como professores(as) artistas. Considerando sobre tais conexões, adiante serão apresentados a história e o funcionamento do Curso de Artes Visuais da Unesc, buscando apresentar o ateliê de pintura como laboratório do ensino da arte por meio da experiência nos processos de produção artística. Desse modo, será considerado a história do curso, o ateliê como espaço formativo e a relação entre bacharelado e licenciatura na formação. Para fundamentar essa pesquisa, utilizaram-se

informações compartilhadas pela atual coordenadora adjunta do Curso de Artes Visuais – Unesc, Prof.<sup>a</sup> Dra. Aurélia Honorato e pelos professores artistas entrevistados, além de documentos do curso como a Matriz Curricular e o PPC de 2016, documentos que foram disponibilizados para pesquisa e corresponde ao meu período de formação; não obstante, recorreremos aos autores Torres e Lara (2019) para refletir sobre o ateliê como parte do processo de formação docente em Artes Visuais.

#### 4.1 BREVE APRESENTAÇÃO DO CURSO DE ARTES VISUAIS DA UNESC

Ao lançar um olhar para o ateliê de pintura da Unesc, faz-se importante perceber como esse ateliê se estrutura dentro da visão do curso acerca da formação em arte e docência, qual lugar o ateliê ocupa no processo formativo. Em contato com os documentos e com a história do curso, observa-se um estreito diálogo entre a área de atuação artística e a docência.

Segundo os documentos da instituição, o curso de Artes Visuais da Unesc inicia com a nomenclatura de Curso de Desenho e Plástica na, até então, Fucri<sup>32</sup> (Fundação Educacional de Criciúma). Seu início é marcado com a Reforma Educacional de 1971, pela Lei n. 5.692, que estabeleceu o conceito do ensino da arte como a prática de polivalência, na qual um(a) professor(a) ensina diferentes linguagens da arte como artes plásticas, música, teatro e dança, e recebe o nome de Educação Artística. Nesse contexto, a nomenclatura permanece com a perspectiva do ensino tecnicista na preparação do profissional para a indústria até o ano de 1981; o curso passa por modificações e, adaptando-se à Lei supracitada, passando a se chamar Educação Artística (Honorato, 2024).

Em 1996, com a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a nomenclatura Educação Artística foi substituída por Ensino da arte, passando a ser componente curricular obrigatório nos níveis da educação básica.<sup>33</sup> Com as transformações em andamento, em 1999, o curso vê a

---

<sup>32</sup> A Fucri é a mantenedora da primeira escola de nível superior criada no Sul de Santa Catarina. A entidade emergiu de um movimento comunitário regional que culminou com a realização de um seminário de estudos pró-implantação do ensino superior no Sul Catarinense. O evento contou com a participação de educadores, intelectuais, políticos, magistrados, lideranças comunitárias da sociedade civil organizada e imprensa. A Fucri foi criada pela lei n. 697, de 22 de junho de 1968, com cursos voltados para o Magistério, e, com o crescimento do Sul do Estado, foram criados outros, visando a satisfazer a demanda empresarial. [...] Em 3 de junho de 1997, o Conselho Estadual da Educação aprova por unanimidade o parecer do Conselheiro Relator e, em sessão plenária, em 17 de junho de 1997, também por unanimidade, aprova definitivamente a transformação em Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc, que definiu como missão “promover o desenvolvimento regional para melhorar a qualidade do ambiente de vida”, tendo a Fucri como mantenedora. Disponível em: <<https://www.unesc.net/portal/reitoria/historico>>. Acesso em: 19 jun. 2024.

<sup>33</sup> LDBE - Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos

necessidade de mais uma modificação: a formação do profissional da arte, passando a ofertar o bacharelado, além da licenciatura. Desde então, o curso passa a se chamar Artes Visuais com as habilitações de Bacharelado e Licenciatura. A partir de 2003, os dois cursos se tornam independentes, cada um com 4 anos de duração. (Honorato, 2024)

Até o presente momento, o curso passou por diferentes matrizes curriculares na licenciatura, chegando à matriz 05<sup>34</sup>, em vigor atualmente. Faz parte do Projeto de Licenciaturas Integradas, no qual o projeto pedagógico de cada curso de licenciatura deve estar articulado de forma integrada.

Quadro 2 – Distribuição com divisão das disciplinas em seus diferentes núcleos

ANO 01	ANO 02	ANO 03	ANO 04	ANO 05	
<b>PRIMEIRO SEMESTRE</b> História da Educação (4) Sociologia da Educação (4) PCC (1) 15h+20h	<b>TERCEIRO SEMESTRE</b> Teorias da Aprendizagem (4) Pit (4) PCC (1) 15h+20h	<b>QUINTO SEMESTRE</b> Proc. Ped. Cultura Digital (2) Gestão Proc. Educativos (2) PCC (2) 30h+35h Estágio I (6) 90h	<b>SÉTIMO SEMESTRE</b> Ed. Gênero e Sexualidade (1) Educ. Rel. Étnico Raciais (1) PCC (3) 45h+20h Estágio III (7) 105h	<b>NONO SEMESTRE</b> 100h Estágio (150h)	
<b>SEGUNDO SEMESTRE</b> MCP (4) Filosofia (4) PCC (1) 15h+20h	<b>QUARTO SEMESTRE</b> Didática (4) Proc. Ped. da Ed. Inclusiva (2) Libras (3) PCC (1) 15h+20h	<b>SEXTO SEMESTRE</b> PNOEB (2) Educação e Direitos Hum. (1) PCC (2) 30h+35h Estágio II (7) 105h	<b>OITAVO SEMESTRE</b> Educ., Saúde e Meio Ambiente (1) PCC (2) 30h+35h Estágio IV (7) 105h	<b>DÉCIMO SEMESTRE</b> 100h Estágio (150h)	
Eletivas* (60h)		Eletivas* (60h)		Eletivas* (120h)	

Eixo pedagógico comum  
 Disciplinas específicas da primeira licenciatura  
 Disciplinas específicas da segunda licenciatura  
 Estágio da segunda graduação

\* Para possibilitar a segunda licenciatura em mais um ano, é imprescindível que o/a acadêmico/a faça as disciplinas eletivas no curso desejado para a segunda licenciatura.

Fonte: Curso de Artes Visuais - Unesc

Nota: Informações obtidas a partir do projeto institucional das licenciaturas da Unesc para a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da educação básica (Documento ainda não oficializado).

A estrutura curricular vigente é organizada com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação em Artes Visuais (2009), que preveem:

Parágrafo único. Os conteúdos curriculares devem considerar o fenômeno visual a partir de seus processos de instauração, transmissão e recepção, aliando a práxis à reflexão crítico-conceitual e admitindo-se diferentes aspectos: históricos, educacionais, sociológicos, psicológicos, filosóficos e tecnológico. (Brasil, 2009, p. 2).

educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013) Disponível em:

<<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11691973/artigo-26-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996/noticias>>.

<sup>34</sup> As alterações da atual matriz curricular consideram as exigências da Resolução n. 02 de 01 de julho de 2015 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para formação continuada.

Para organização das disciplinas, atualmente, existem as disciplinas de licenciaturas integradas cujo objetivo é fazer com que o(a) aluno(a) perceba que a base da licenciatura é a formação do professor, para depois o “professor de”. Para isso, o núcleo comum, o qual se refere às disciplinas que todos os(as) alunos(as) das licenciaturas estudam juntos, foi criado. Assim, não é a história da educação do curso de artes, mas das licenciaturas. No curso de licenciatura em Artes Visuais, há o núcleo comum das licenciaturas, as disciplinas específicas e os PCC’s, que são as Práticas como Componentes Curriculares.

Quadro 3 – Núcleos da Matriz Curricular 05

<b>Teorias da Arte</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- História e cultura das artes (da pré-história até a Arte contemporânea, destacando a arte brasileira);</li> <li>- Estética;</li> <li>- Educação, Gênero e Sexualidade;</li> <li>- Educação e Direitos Humanos.</li> </ul>	Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena são trabalhadas em todos os núcleos.
<b>Linguagens</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Laboratório de Desenho;</li> <li>- Fundamentos da Linguagem Visual;</li> <li>- Laboratório de Fotografia;</li> <li>- Laboratório de Práticas Artísticas Contemporâneas;</li> <li>- Laboratório de Vídeo.</li> </ul>	
<b>Formação Pedagógica</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- História da Educação;</li> <li>- Sociologia da Educação;</li> <li>- Teorias da Aprendizagem;</li> <li>- Processos Pedagógicos da Educação Inclusiva;</li> <li>- Didática;</li> <li>- LIBRAS;</li> <li>- Gestão de Processos Educativos;</li> <li>- Processos Pedagógicos da Cultura Digital;</li> <li>- Políticas e Normas da Educação Pública.</li> </ul>	
	Disciplinas institucionais: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Metodologia Científica e da Pesquisa;</li> <li>- Filosofia;</li> <li>- Produção e Interpretação de Textos.</li> </ul>	
	Disciplinas Pedagógicas específicas da área da arte: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Laboratórios de Ensino da arte na Educação Infantil, nas Séries Iniciais, no Ensino Fundamental e Médio.</li> </ul>	
<b>Prática Profissional</b>	Disciplinas como de Prática como Componente Curricular que culminam na pesquisa de conclusão de curso.	

Fonte: Quadro organizada pela pesquisadora a partir do documento: Alteração de Matriz Curricular do Curso de Artes Visuais com Mudança de Turno Vespertino para Noturno (2019).

Com as informações levantadas, pode-se concluir que o núcleo que suporta o maior número de disciplinas é de formação pedagógica, reiterando a premissa de primeiro formar o(a) professor(a) e depois o(a) “professor(a) de...”.

Essa relação que se faz entre a área artística e as disciplinas pedagógicas no curso de Artes Visuais demonstra-se a partir de conceitos abordados por pesquisadores em Arte e Educação como Jocielle Lampert, que traz discussões acerca do “professor-artista” e do “Ateliê de arte como laboratório”. Visto que a relação arte e vida se conflui no fazer artístico, ao se falar de arte e condução das aproximações com o fazer artístico, a docência em arte se mostra como um caminho reflexivo e desafiador de trabalhar, não unilateralmente, mas em conjunto com as singularidades do ser docente e do ser artista.

É sabido que nem todos os(as) professores(as) de arte se tornam artistas, mas o contato com a produção artística, artistas e espaços de arte amplia os meios de ensinar sobre arte. Neste sentido, o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Artes Visuais Licenciatura da Unesc vai trazer como objetivo geral “formar profissionais para o ensino, fomentando a produção, a pesquisa e a crítica em Artes Visuais.”. (PPC, 2016, p. 34).

O objetivo geral elencado tem o intuito de desenvolver os seguintes objetivos específicos:

1. Desenvolver competências e habilidades para planejar e produzir criativamente, articulando ensino, produção artística, pesquisa, extensão e desenvolvimento de projetos culturais;
2. Atuar em instituições educacionais formais e não formais, conduzindo o processo de ensino aprendizagem nos contextos e relações que envolvem a arte na contemporaneidade;
3. Estabelecer diálogos entre a arte e a educação assumindo a função de agente multiplicador e de autoria nas ações de intervenção social que envolvam a arte;
4. Agir com autoria e autonomia para o contínuo desenvolvimento de seu conhecimento e habilidades específicas nas linguagens artístico-culturais em especial nas artes visuais;
5. Inserir-se no circuito artístico e cultural, como artista/professor em formação demonstrando sensibilidade e excelência na criação, difusão e recepção do fenômeno visual. (PPC, 2016, p. 34).

Para alcançar esses objetivos, o PPC traz as ações para a formação do(a) docente em arte:

A atuação do curso, no sentido de colaborar para a formação do perfil do egresso da licenciatura em artes visuais, contemplando os objetivos citados, envolve a oferta de disciplinas em uma matriz diversificada e atualizada, trazendo estudos sobre os saberes docentes, fundamentos da arte, sobre a teoria e história da arte, a inter-relação entre as diferentes linguagens artísticas, ateliês e manifestações contemporâneas da arte. Também são realizadas parcerias com escolas da rede pública (municipal e estadual), instituições museais, galerias e outros espaços de exposição e trânsito da

arte, abrindo oportunidades para experiências de estágio, pesquisa e inserção no meio artístico. Como atividades acadêmicas complementares, existe a oferta e organização de viagens de estudo e apreciação estética, tanto no circuito local de arte, como nas grandes exposições e bienais, além da realização de eventos, como a Semana Acadêmica, que propõe reflexões sobre a prática docente e o fazer artístico, por meio de palestras e oficinas. (PPC, 2016, p. 35).

Assim, percebe-se que no curso de Artes Visuais se busca a concordância, alinhamento e valorização dos conteúdos pedagógicos e da área em conformidade com a formação docente em arte. Consoante, portanto, ao que Soares (2011) aborda ser uma alternativa para uma boa relação entre licenciatura e bacharelado.

Quando os bacharéis perceberem que uma das grandes possibilidades de extensão do universo de suas pesquisas é a educação básica, as licenciaturas serão revigoradas. Quando os licenciados perceberem que suas práticas escolares são fontes inesgotáveis não só do ensino, mas, sobretudo da pesquisa, os bacharelados poderão ampliar largamente seu espectro de contribuição social para além dos estreitos e concorrenciais limites do mercado. (Soares, 2011, p. 118).

Desta forma, nota-se que o curso busca integrar as práticas artísticas e conteúdos específicos da área na licenciatura como possibilidade de desenvolvimento de uma poética pessoal do(a) futuro(a) docente proporcionando experiências estéticas, pesquisas, apreciações de produções artísticas em galerias, laboratórios, museus e outros espaços de arte, contínuo contato com artistas, inclusive professores(as) artistas.

Para conduzir essas disciplinas, o curso conta com professores(as) formados(as) em licenciatura e bacharelado, ou apenas em uma das duas habilitações. É importante destacar que as formações que cada professor(a) possui, segundo suas experiências na formação inicial e continuada, atingem sua atuação em sala de aula. As aulas nos ateliês, por exemplo, são lecionadas por um(a) professor(a) licenciado(a) que possui vivência na escola e o(a) qual conduzirá sua disciplina trazendo consigo suas experiências; além de oportunizar experiência estética e produção artística, lança um olhar para possíveis metodologias e materiais acessíveis pensados para sala de aula utilizando o conhecimento desenvolvido. Sendo que essa ação é um cuidado necessário para a construção do(a) docente, pois reverbera no olhar para o estudo pedagógico, bem como na visão de educação, escola e relação de ensino e aprendizagem.

No curso de Artes Visuais da Unesc, grande parte dos(as) professores(as), que atuam nos diferentes ateliês, possui a primeira habilitação em bacharelado. Em ambos os casos, as experiências e conhecimentos que compartilham, seja pela perspectiva pedagógica, seja pela perspectiva artística, ampliam e favorecem a formação dos acadêmicos.

## 4.2 ATELIÊ DE PINTURA COMO ESPAÇO FORMATIVO NO CURRÍCULO DO CURSO DE ARTES VISUAIS

A atuação dos(as) professores(as) artistas nos ateliês do curso de Artes Visuais licenciatura da Unesc acontece no bloco Z do campus. O ateliê de pintura, elucidado nessa pesquisa, é utilizado para aulas pontuais em diversas disciplinas do curso, mas efetivamente é o espaço de formação específica para a disciplina de pintura, ministrada atualmente pelo professor artista Sérgio Honorato.

Quadro 4 – Dados por instalação física do Ateliê de Pintura

Dados por instalação física
<b>Tipo de Instalação:</b> Ateliês
<b>Identificação:</b> Ateliê de Pintura - Prof. Maria Milaneze Just – Bloco Z – Sala 04
<b>Quantidade:</b> 01
<b>Capacidade de alunos:</b> o ateliê comporta 24 acadêmicos (turmas com número superior a 24 alunos são divididas em Turma 1 e Turma 2, conforme horário do semestre).
<b>Área Total (m<sup>2</sup>):</b> 134,55m <sup>2</sup>
<b>Complemento:</b> o ateliê está disponível ao curso de Artes Visuais – Licenciatura de segunda a sexta-feira, das 08h às 22h35 e atende o requisito de acessibilidade.

Fonte: PPC - Artes Visuais (2016, p. 86).

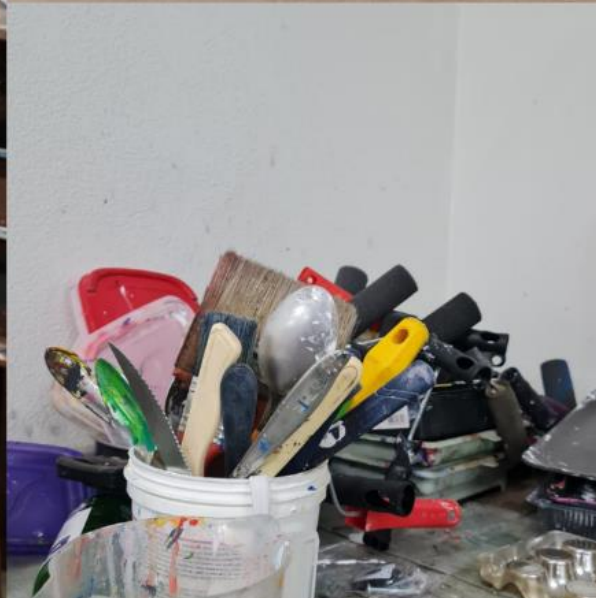
O curso acentua a importância da separação entre turma 1 e turma 2 para as disciplinas que compõem o Núcleo de Linguagens (aulas de ateliês e laboratórios), atendendo o que consta no Projeto Pedagógico do Curso de Artes Visuais Licenciatura, o qual defende que: “[...] favorece um acompanhamento mais individualizado do processo de criação e pesquisa dos acadêmicos nos diferentes campos do conhecimento”. (PPC, 2010, p. 48). Assim, busca garantir que todos(as) os(as) acadêmicos(as) possam ser atendidos no processo formativo de forma individualizada, sem desvalorizar a importância dessa característica do ateliê de convivência e compartilhamento do processo com a turma.

Torres e Lara (2019) discutem a relação dos processos artísticos individuais de criação e a convivência em grupo.

A convivência em grupo, além de ajudar na descoberta de processos individuais de criação, colabora para avanços intelectuais por meio da troca de conhecimentos entre os integrantes. Ao longo da convivência no ateliê os integrantes descobrem, desenvolvem e aprimoram seu processo poético. Em paralelo à aquisição de conhecimentos derivados da prática artística, os integrantes pesquisam referenciais artísticos e teóricos para o embasamento de suas pesquisas visuais. (Torres; Lara, 2019, p. 18).

Para essas relações de ensino e aprendizagem acontecerem no ateliê de pintura, percebemos em visita, *in loco*, que este oferece, além da estrutura, os materiais que facilitam o

processo de criação, dando ao espaço a característica de um lugar de desenvolvimento da pintura e possibilitando a interação entre os estudantes. Os materiais que o ateliê possui, e que ficam disponibilizados para os(as) acadêmicos(as) durante as aulas, são: cavaletes, blocos de papel, caixas de lápis de cor, giz pastel, tinta, mesas reclináveis, cadeiras estofadas, bancos, quadro branco, computador, projetor, pia, pincéis, armário e bancadas.



Outro aspecto que caracteriza o espaço do ateliê de pintura, destacado pelo professor artista Sérgio Honorato, diz respeito à energia do lugar. A história de 50 anos de educação e produção de arte nesse espaço descrita por ele:

Quando estou com os alunos aqui – eles estudando, eu lecionando, fazendo um esforço enorme para que eles desenvolvam o máximo de suas artes – eu respiro, ao mesmo tempo, uma atmosfera aqui dentro que me faz muito bem.<sup>35</sup>

Essas sensações e experiências que o ateliê de arte possibilita, tanto para a atuação dos(as) professores(as) artistas, quanto para a formação do(a) acadêmico(a), acontecem pelo fato da graduação ser presencial. E essa é uma característica do Curso de Artes Visuais Licenciatura da Unesc, que é o único curso de artes na modalidade presencial de toda a região do extremo sul catarinense. Desta forma, o único curso de artes que também possui um espaço de ateliê para a formação de professores(as).

Esses diálogos com o capital artístico também se potencializam à medida que o curso levanta discussões acerca dos conteúdos da matriz curricular e debate sobre questões políticas, sociais e econômicas que cercam o universo da arte e do artista, estabelecendo relações com a educação. Assim, o ateliê de pintura também se instala como um lugar de discussões em torno de questões sociais e artísticas que corroboram o pensamento crítico dos(as) acadêmicos(as), influenciando nas suas produções. Entretanto, esse aspecto só se desenvolve com a abertura do(a) professor(a) para conduzir tais reflexões. Em se tratando de professores(as) artistas, como no caso da Unesc, já há uma proximidade que parte desde as experiências enquanto professor(a) e como artista; as discussões, desse modo, confluem-se a partir da perspectiva da arte e educação a fim de lançar o olhar para a sociedade na qual pertence.

#### 4.3 A RELAÇÃO ENTRE BACHARELADO E LICENCIATURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS) ARTISTAS

Uma formação em licenciatura é constituída por diferentes disciplinas que abrangem as especificidades da área em questão e conhecimentos pedagógicos para que os conteúdos possam ser compreendidos pelos(as) alunos(as). Observando a maneira como as graduações em licenciatura organizam seus currículos e preparam suas metodologias, percebem-se questões que outros(as) autores(as) já elucidaram, como a atuação de professores(as) formados(as) em bacharelado e que não possuem formação em educação, mas lecionam na licenciatura como formadores(as) de professores(as). (Gatti, 2014). Esses(as) professores(as) poderão trazer suas

---

<sup>35</sup> Sérgio Honorato. Entrevista citada.

experiências na respectiva área, seus estudos e pesquisas, mas surge um espaço a ser preenchido na maneira como eles(as) desenvolverão um ambiente de ensino e aprendizagem, pois, para ser professor(a), não basta saber o conteúdo, mas como ensinar; e, na formação de professores, ensinar a ensinar. Marcelo (2009) dissertará que,

Em primeiro lugar, destaca-se a necessidade de que os professores possuam um conhecimento pedagógico geral, relacionado com o ensino, com os seus princípios gerais, com a aprendizagem e com os alunos, assim como com o tempo acadêmico de aprendizagem, o tempo de espera, o ensino em pequenos grupos, a gestão da turma etc. Inclui, também, o conhecimento sobre técnicas didáticas, estruturas das turmas, planificação do ensino, teorias do desenvolvimento humano, processos de planificação curricular, avaliação, cultura social e influências do contexto no ensino, história e filosofia da educação, aspectos legais da educação etc. (Marcelo, 2009, p. 19).

Esses elementos que Marcelo traz se acentuam à medida que se dirigem a professores(as) que formam outros(as) professores(as), envolvendo não somente o conteúdo ensinado, mas também sua didática, metodologia, experiências possibilitadas, referencial teórico e relações com a situação educacional atual. Um(a) professor(a) que está alheio a essas questões dificilmente conseguirá tornar seu conhecimento efetivo na formação e atuação do(a) futuro(a) docente.

Por isso, Marcelo (2009) também destaca que

Conhecimento Didático do Conteúdo aparece como um dos elementos centrais do saber do formador. Representa a combinação adequada entre o conhecimento da matéria a ensinar e o correspondente conhecimento pedagógico e didático necessário para o fazer. (Marcelo, 2009, p. 19).

A questão não seria separar professores bacharéis e professores licenciados, aumentando mais o distanciamento do elemento colaborativo das produções científicas e desenvolvimento docente, mas oportunizar ao bacharel, que atua na licenciatura, uma formação continuada em que possa conhecer elementos pedagógicos atrelando a sua formação e atuação. Soares (2011) traz em suas pesquisas esse empecilho, um entendimento de que bacharelados são apenas teóricos e licenciaturas apenas práticas, o que dificulta a boa relação entre bacharéis e licenciados. Para o autor, “tais oposições fundam-se no distanciamento entre o conhecimento produzido na universidade e o transmitido na educação básica.” (Soares, 2011, p. 114). Assim, em uma área, pode-se haver não apenas um distanciamento, mas também a desvalorização entre as duas habilitações. Soares (2011) aponta que

Muitas vezes o licenciado aprecia e admira aquele que faz pesquisa pura, mas o contrário não acontece, ou seja, o bacharel, quase sempre, deprecia aquele que se dedica à arte de ensinar os fundamentos científicos para crianças e jovens. (Soares, 2011, p. 113).

Sendo possível, dessa forma, perceber esses desdobramentos entre bacharelado e licenciatura de uma área pelas lacunas existentes entre as próprias licenciaturas, em que a interação entre os cursos é pouca ou quase nula. Para o(a) professor(a) artista, sujeito dessa pesquisa, a formação no bacharel é importante para potencializar a sua atuação docente, o que não anula o fato de que, no mínimo, formações continuadas em relação à educação sejam fundamentais. Não basta saber, é preciso saber compartilhar. Portanto, consciente da importância das duas abordagens (bacharelado e licenciatura), o(a) professor(a) artista possui a possibilidade de diminuir os distanciamentos que há entre elas por ter experiência e atuação nas duas áreas.

Quando se trata da valorização das licenciaturas, é importante ressaltar que, no processo de formação profissional, existem temas que podem corroborar para a construção de trabalhos em conjuntos com as demais áreas do conhecimento, ou seja, trabalhos que unem as diversas licenciaturas, promovendo uma maior interação entre elas e fortalecendo a formação e posição docente. Fazenda (2011) destaca que

[...] a interdisciplinaridade se aprende praticando e vivendo, os estudos mostram que uma sólida formação à interdisciplinaridade se encontra extremamente acoplada às dimensões advindas de sua prática em situação real e contextualizada. (Fazenda, 2011, p. 13).

Por meio das análises dos documentos curriculares do curso de Artes Visuais Licenciatura da Unesc, foi possível perceber que a Matriz 05 compreende, a partir da DCN de 2015<sup>36</sup>, as potencialidades em unir as licenciaturas. Com a atualização, as disciplinas do Núcleo de Formação Pedagógica são realizadas em conjunto com outras licenciaturas. Espera-se que, assim, possa ser promovida uma relação de união e fortalecimento da área pedagógica. Deste modo, a profissão docente se fortifica com a união das licenciaturas em prol da valorização da profissão docente nas diversas áreas e atuações. E os distanciamentos entre bacharelado e licenciatura em arte diminuem à medida que o(a) professor(a) artista conduz articulações que interajam com as duas áreas, afinal, o título desse profissional já carrega essa união.

---

<sup>36</sup> Após a DCN de 2015, houve a matriz 06 que atendeu a DNC de 2019. E, em 2024, temos uma nova DCN aprovada recentemente e incidirá uma nova mudança no currículo.

## 5 PROFESSORES(AS) ARTISTAS NO ATELIÊ DE PINTURA DA UNESC

*Nessas experiências, cada parte sucessiva flui livremente, sem interrupção e sem vazios não preenchidos, para o que vem a seguir. Ao mesmo tempo, não há sacrifício da identidade singular das partes. Um rio, como algo distinto de um lago, flui. Mas seu fluxo dá a suas partes sucessivas uma clareza e interesse maiores do que os existentes nas partes homogêneas de um lago. Em uma experiência, o fluxo vai de algo para algo. À medida que uma parte leva a outra e que uma parte dá continuidade ao que veio antes, cada uma ganha distinção entre si. O todo duradouro se diversifica em fases sucessivas, que são ênfases de suas cores variadas.*

(Dewey, 2010)



Imagem 11 – Ateliê de Pintura Professora Maria Marlene Milaneze Just – Unesc  
Fonte: Acervo pessoal.

As experiências de cada acadêmico(a) que passa pelo ateliê de pintura somam-se às experiências do(a) professor(a) artista que o(a) acompanha. Os professores artistas entrevistados, Sérgio e Angélica, antes das experiências como docentes, já desenvolviam seus trabalhos como artistas. A formação no bacharelado e a aproximação com o ateliê de pintura, seja na graduação, no caso da professora artista Angélica, seja na profissão, para o professor artista Sérgio, foram importantes para a atuação em um curso de graduação, bem como para se reconhecerem como professores e artistas. Neste capítulo, dar-se-á ênfase às atuações que esses profissionais exercem na arte e na educação. Contemplam-se aqui suas falas e diálogos possíveis com os autores Lampert (2014), Silva (2001) e Barbosa (2003).

## 5.1 ANGÉLICA E SÉRGIO: PROFESSORES ARTISTAS NO ATELIÊ

Um dos fatores em comum do(a) professor(a) e do(a) artista é a pesquisa, seja de materiais, de temáticas, de registros, ou mesmo de poéticas pessoais. De toda forma, o ateliê é um facilitador dessa pesquisa, é um espaço onde há liberdade de criação e investigação, de experiências e formação. Nesse lugar, o artista pode se encontrar como professor(a) e vice-versa. O(A) acadêmico(a) pode ter seus primeiros contatos com algumas linguagens da arte e o(a) professor(a) artista pode compartilhar suas experiências, as quais contribuirão para esses primeiros contatos, bem como criar junto com seus alunos.

A seguir, conhecendo as produções artísticas dos professores artistas pesquisados, pôde-se conhecer um pouco de suas vivências enquanto artistas, bem como ter acesso a algumas de suas pesquisas, que podem servir de registro e referência tanto para seus alunos, quanto para o público em geral. Assim, nota-se que a atuação do(a) professor(a) artista tem relevância não apenas no ateliê, mas na própria sociedade em que ele está inserido. Quando o(a) acadêmico(a) tem essa percepção, tende a valorizar mais essa profissão e possivelmente se sentir impelido a atuar em sua realidade por meio de suas expressões artísticas e conhecimentos compartilhados.

Imagem 12: Professora Artista Angélica Neumaier



Fonte: Agecom – Unesc<sup>37</sup>.

A professora artista Angélica Neumaier possui pesquisas sobre os povos originários de Santa Catarina e sua importância cultural e artística, atuando na área da arte contemporânea e seus processos, gravura (xilogravura e serigrafia) e estamparia.

---

<sup>37</sup> Exposição: “Caminhar, coletar, imprimir”. Disponível em: <<https://noticias.unesc.net/geral/2023/05/10/espaco-toque-de-arte-abre-nova-exposicao-caminhar-coletar-imprimir/>>.

Imagem 13 – Obras da Professora artista Angélica Neumaier



Fonte: Agecom – Unesc<sup>38</sup>.

Imagem 14 – Professor Artista Sérgio Honorato



Fonte: Rádio Marconi<sup>39</sup>.

O professor artista Sérgio Honorato possui trabalhos em lápis de cor, aquarelas, giz pastel, mosaico cerâmico, mosaico de tecido, caricatura, quadrinhos, nanquins etc.

<sup>38</sup> Exposição: “Caminhar, coletar, imprimir”. Disponível em: <<https://noticias.unesc.net/geral/2023/05/10/espaco-toque-de-arte-abre-nova-exposicao-caminhar-coletar-imprimir/>>.

<sup>39</sup> Mostra: “Ilustres Ilustradas”. Disponível em: <<https://radiomarconi.net/cultura-acic-abre-exposicao-do-artista-plastico-sergio-honorato/>>.

Imagem 15 – Obras do Professor artista Sérgio Honorato



Fonte: Agecom – Unesc<sup>40</sup>.

Ambos destacam a importância da vivência no sistema da arte e do ateliê no processo formativo, a qual influenciou nas atuações que posteriormente teriam como professor(a), mesmo que, a princípio, o ser professor(a) não fosse o objetivo.

Quando eu me formei, fiz bacharelado; não tinha intenção nenhuma de ser professor. Eu trabalhava na SATC, dava aula de fotografia, de desenho e gostava de fazer isso, mas não era essa a minha intenção. Minha intenção era só produzir arte e viver a minha arte no dia a dia. Aquele trabalho para mim era intermediário; o final seria (sic) eu viver no meu ateliê produzindo e vendendo arte. Esse era meu sonho, vamos dizer assim. No entanto, era uma ilusão, não era bem um sonho, mas uma ilusão. [...] Depois que comecei a lecionar, principalmente quando comecei a trabalhar aqui, de 2012 em diante, aos poucos eu percebi a força e como é bom estar dentro do ateliê ensinando o que a gente aprendeu. Então, o sentimento que eu já citei no início dessa entrevista – de me sentir bem aqui dentro, desse ambiente que me faz bem – aos poucos, fui descobrindo, fui reconhecendo que, quando vinha para cá, eu me sentia bem e, quando eu estava de férias, sentia falta desse lugar. Aí eu comecei a notar que lecionar me fazia tão bem quanto estar no meu ateliê fazendo arte. Tanto lecionar quanto produzir traz as mesmas sensações, as mesmas satisfações, as mesmas formas de realização.<sup>41</sup>

Para o professor artista Sergio, primeiro veio a prática artística e depois a docência, assim como para sua colega. No entanto, para Angélica, não houve um divisor de águas, mas

<sup>40</sup> Exposição: “Caminhar, coletar, imprimir”. Disponível em: <<https://noticias.unesc.net/geral/2023/05/10/espaco-toque-de-arte-abre-nova-exposicao-caminhar-coletar-imprimir/>>.

<sup>41</sup> Sérgio Honorato. Entrevista citada.

sim uma mistura na qual se confunde o ser professora e o ser artista. Ao ser perguntada sobre o momento em que se viu como professora artista, ela respondeu:

Eu penso que não é uma coisa que você percebe, de um zero para frente. É uma continuação. Eu, quando cheguei a Criciúma, nunca deixei de participar das exposições, mesmo estando aqui na Unesc, nunca parei de participar; então, não parei para pensar nisso. Talvez, o outro tenha me visto como professor artista, mas não eu. Acho que não dissocio o artista do professor. Eu tenho a experiência do que faço, o que eu faço também ensino; portanto, não é um dia eu sou professor e no outro professor artista, isso é uma constante.<sup>42</sup>

A partir da fala de Angélica, pode-se perceber que sua trajetória artística sustenta a sua atuação como professora. Sua posição reflete uma simplificação do ser professor como apenas um “ensinador”, não considerando todas as especificidades da profissão. Afinal, para lecionar, não basta ter o conhecimento da sua área específica, mas os suportes pedagógicos que norteiam as metodologias no que e como é ensinado.

Retomando as considerações feitas em relação à organização curricular do curso, primeiro se compreende o que é ser professor(a) para depois abranger a especificidade de ser o(a) “professor(a) de...”. Nas trajetórias observadas nos(as) professores(as) artistas formadores(as), o caminho iniciou com o ser artista para o ser professor(a), culminando na atuação do que denominamos professor(a) artista. Para ambos, o ateliê foi lugar de partida tanto da arte quanto da docência.

Visando essa possibilidade de um ateliê não necessariamente no espaço/lugar, mas na sua constituição poética e prática por parte de quem e como o utiliza, permite-se pensar nas relações entre a educação formal e o ateliê, sendo pelo espaço da aula de artes visuais, da sala de artes e do lugar onde o professor produz, seja esta produção voltada para sua atividade docente ou não, mas sim, como lócus de uma experiência criativa. (Lampert, 2014 p. 104).

---

<sup>42</sup> Angélica Neumaier. Entrevista citada.

Assim, o(a) professor(a) artista, quando está no ateliê, tanto para produzir, quanto para ensinar, ele/ela está em meio a um processo de criação. Suas produções podem fazer parte de um material de referência para os(as) acadêmicos(as); igualmente, por meio das aulas e das trocas com os(as) acadêmicos(as), podem surgir novas temáticas e ensinamentos que afetam também a carreira artística do docente. Por isso, retomando de forma concordante ao que elucida Neumaier, não há uma dissociação entre o ser professor(a) e artista, mas uma contínua confluência. Uma “permanente dialética entre pensamento e ação, entre teoria e prática e, como processo, afeta a criação e transformação da realidade social, incluindo a própria subjetividade”. (Silva, 2001, p. 2003).

Desse modo, o(a) professor(a) artista está em constante movimento: tanto intelectual quanto manual. Um(a) professor(a) que tem à disposição os materiais, a partir dos quais pesquisa e trabalha, ao compartilhar com os(as) acadêmicos(as), reflete em conjunto sobre os conceitos artísticos e ensina/produz partindo da própria experiência; isso é o diferencial, pois não fala sobre algo distante, mas sobre as realidades vividas. E com base em suas vivências, pode pensar possibilidades metodológicas e didáticas para que seus(suas) alunos(as) também possam ter significativas experiências ao ter contato com a teoria e prática artística. Além de estar envolvido(a) com exposições e projetos artísticos, o(a) professor(a) artista também está constantemente ampliando seu repertório imagético com as diferentes linguagens e produções, que se atualizam com possibilidades da arte contemporânea, bem como conhecendo outros colegas artistas.

Sendo assim, o(a) professor(a) artista torna seu trabalho uma constante pesquisa que reverbera em conteúdo para aproximar os(as) acadêmicos(as) do sistema das artes, dos processos de criação, dos artistas contemporâneos, das possibilidades que poderão levar para a

Imagem 16 – Aula do Professor artista Sérgio Honorato no ateliê de pintura Maria Marlene Milaneze Justi



Fonte: Acervo Pessoal

sala de aula após se graduarem e, por conseguinte, expandir e vivenciar experiências significativas para sua formação.

## 5.2 ATUAÇÃO DO PROFESSOR ARTISTA NO ATELIÊ DE PINTURA

Como apresentado, ambos os professores entrevistados possuem graduação em bacharelado com experiências na pintura. Entretanto, atualmente, apenas o professor artista Sérgio atua diretamente no ateliê de pintura, enquanto a professora artista Angélica Neumaier trabalha com o ateliê de gravura. Portanto, para essa seção, abordando a atuação unicamente no ateliê de pintura, refletir-se-á sobre os relatos do atual professor artista que trabalha nesse local.

Considerando as perspectivas da relação de arte e vida para se pensar na atuação docente, Loponte (2013, p. 15) ressalta que

Nem tudo é arte, mas qualquer material, sentimento, objeto ou vontade pode materializar-se em uma produção artística. Por que, então, o campo da educação e da formação docente não poderia impregnar-se dessas experiências e começar a produzir diferença em práticas pedagógicas e docentes que insistem em modos tradicionais de pensar?

O próprio espaço em que o ateliê de pintura se constitui já se mostra como possibilitador de modos diferentes de conduzir a relação de ensino e aprendizagem, pois, a partir de um ensino diferenciado na graduação, o(a) acadêmico(a) poderá ser conduzido(a) a pensar em práticas pedagógicas diferenciadas para a escola onde atuará. Em se tratando do ensino da arte, o próprio conteúdo sugere uma transformação, um olhar de criação e poética para elementos simples que podem se transformar em arte e em práticas tradicionais, as quais podem ser potencializadas por propostas de experiências diferentes. Assim, como elucida Facco (2018, p. 105), “compreende-se a aula ateliê como uma forma de deslocamento no modo de ver/olhar do sujeito em prática de si, instaurando perspectivas de novas metodologias para o contexto da Arte e da Educação”.

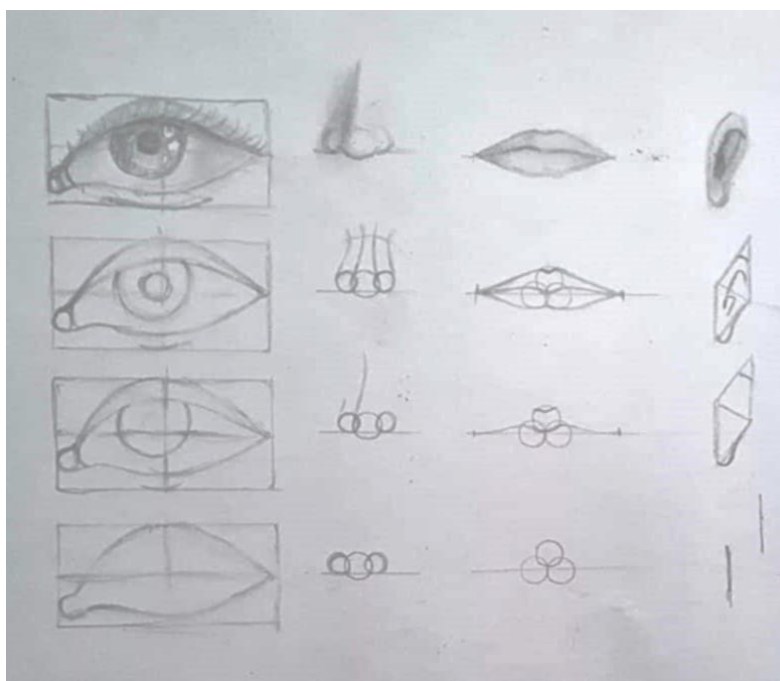
Para o professor artista Sérgio, um dos elementos tradicionais de ensino, que pode ser olhado e trabalhado de forma diferenciada, é o livro didático; em sua visão, normalmente os livros trazem espaços extensos entre um conteúdo e outro. E destaca que o olhar do(a) professor(a) tem de ser de aproximação do sujeito com o objeto estudado, e isso torna-se um desafio quando a facilidade que o(a) professor(a) adquiri com o tempo dificulta a abordagem da iniciação do aprendiz sobre as técnicas, que para muitos acadêmicos ainda é difícil.

Você saber se colocar na situação e a experiência de ver os acadêmicos com dificuldade naquela técnica para chegar a desenhar ou pintar de uma forma um pouco mais elaborada, percebe que os livros não estão dando conta. Se você pega uma metodologia pronta e tenta colocar em prática, mas você não tem a experiência, não é

a mesma coisa que você construir a sua metodologia a partir da experiência que você desenvolveu. Hoje, por exemplo, quando leciono desenho e pintura, principalmente desenho, eu parto sempre do que o acadêmico já sabe fazer ao chega na sala de aula. Falando em desenho, todos que chegam aqui sabem fazer uma linha reta, um círculo, um triângulo, um quadrado. Então, é com essas quatro formas básicas que eu consigo ensiná-los a desenhar qualquer coisa.<sup>43</sup>

Segundo as metodologias desenvolvidas pelo professor artista Sérgio, o ensino inicia com elementos simples e vai evoluindo para os mais complexos. Ao abordar anatomia humana, por exemplo, inicia também com linhas, quadrados e círculos; pois, deste modo, o(a) acadêmico(a) pode ver evolução nesse processo e compreender que ele/ela também participa do processo, ou seja, não inicia do zero já que tem uma bagagem que ali será somada.

Imagem 17 – Desenho de partes do rosto<sup>44</sup>



Fonte: Acervo pessoal.

Durante o processo de desenvolvimento de novos conhecimentos, em relação ao desenho e à pintura, há tentativas, acertos e erros. Há um tempo para que se possa representar visualmente algo próximo ao que o(a) acadêmico(a) imagina ou tem por referência. Esse tempo se torna mais leve quando há um olhar atento do(a) professor(a) artista ao reafirmar que o aprendizado acontece no processo; que, com o tempo, a tendência é que haja um desenvolvimento satisfatório à medida que o(a) acadêmico(a) se abre para experiências com paciência e constância. Outro fator é o compartilhamento das experiências entre os(as)

<sup>43</sup> Sérgio Honorato. Entrevista citada.

<sup>44</sup> Desenho realizado pela pesquisadora em uma atividade no ateliê de pintura no ano de 2018.

acadêmicos(as), pois a organização do ateliê facilita a interação entre eles. Em situações em que há o rompimento dessas interações, o ateliê pode se tornar um facilitador de reconexões. Como exemplo disso, o professor artista Sérgio destaca as mudanças que reparou nos(as) acadêmicos(as) após a pandemia<sup>45</sup>: Segundo ele, antes os acadêmicos eram mais integrados, trabalhavam em grupo, liam mais, demonstravam mais interesse e paciência; no entanto, em suas últimas turmas, houve uma mudança para atitudes mais individualistas e fechadas. Nesse sentido, percebeu o ateliê como possibilitador de uma abertura para a experiência e para a interação entre eles.

O ateliê tem essa característica de abertura. Depois de um ano da pandemia, ao lecionar em uma turma de primeira fase, notou-se a chegada de acadêmicos deprimidos, e nós colocamos o ateliê como uma forma de se expandir. Desde então, temos notado uma nova mudança: eles estão se tornando novamente pessoas mais expansivas, mais divertidas; pois isso aqui, cada sala de aula, cada ateliê, foi um espaço expansivo. [Com as turmas mais antigas] Era sempre muito riso, muita atividade. Agora, eles ainda estão fechados, mas já percebo que a turma que está mais adiante, na oitava fase, já está de novo daquele jeito que a gente conheceu [antes da pandemia].<sup>46</sup>

O ateliê, sob esse viés, reforça a concepção de que deve perpetuar, no(a) acadêmico(a), uma visão de pertencimento e interação. No ateliê, há um coletivo que, com suas singularidades, compartilha saberes, histórias, materiais e experiências; um lugar onde a pesquisa, a criação e a experimentação aconteçam de forma fluida. Concordando com Barbosa (2003, p. 157),

A formação do professor de Arte tem, portanto, este caráter peculiar de lidar com as complexas questões da produção, da apreciação e da reflexão do próprio sujeito, o futuro professor, e das transposições das suas experiências com a Arte para a sala de aula com seus alunos.

Assim, é importante que o(a) discente desenvolva esse senso de convivência para que, depois de formado(a), possa desenvolver com os(as) alunos(as) formas dinamizadas de trabalhar em grupo e de se ver como parte de uma categoria. Essas relações fortalecem inclusive a valorização da área em que atua. Ainda mais em se tratando de arte e educação, duas áreas de grande importância na sociedade e que sofrem com desvalorizações.

O professor artista Sérgio traz em seu relato a falta de valorização em relação às licenciaturas e, principalmente, à arte.

Eu acho que a cultura da valorização das artes é o que está faltando. Uma das coisas que diferencia, aliás, umas das poucas coisas que diferenciam o ser humano de um animal, é que temos a capacidade de produzir arte por sentimento, não porque alguém nos treinou para fazer; aqueles macacos que pintam tela, por exemplo, eles não estão pintando por sentimento, mas porque alguém os treinou. O ser humano é o único capaz

<sup>45</sup> Pandemia do Covid-19, decretada em março de 2020, que levou a população mundial ao isolamento social por diversos meses.

<sup>46</sup> Sérgio Honorato. Entrevista citada.

de criar uma obra de arte porque está sentindo a necessidade de colocar aquilo no papel, e isso nos diferencia dos bichos.

Outra coisa que nos diferencia dos animais é a capacidade de criar e inventar. Logo, os artistas e os cientistas são as pessoas que não renunciam ao poder de criação; o poder de criar é uma herança que a gente tem. Na minha opinião, uma herança divina que a gente tem, se me permite usar esse termo. Um cientista cria uma coisa a partir do raciocínio dele; ele pesquisa, ele investiga e ele cria algo. O ser humano artista faz a mesma coisa. Então, se Deus existe e ele olha para cá, acho que olha com carinho para os cientistas e para os artistas. Já que nós somos essa imagem e semelhança d'Ele, a gente é capaz de criar, mas a maioria das pessoas se limita a reproduzir e fazer no dia a dia uma rotina, repetindo sempre a mesma coisa. Nós vemos isso nas produções em massa na indústria; as pessoas se conformam e estão satisfeitas em fazer isso, elas acabam passando uma semana inteira, cinco dias da semana, trabalhando, sofrendo, associando o trabalho ao sofrimento porque elas fazem todo o dia a mesma coisa para viver sábado e domingo; são pessoas que vivem dois dias na semana. Agora, a pessoa que cria, ela vive intensamente todos os dias. Deste modo, os artistas e cientistas estão com a cabeça a mil, vivendo intensamente cada momento, porque a capacidade de criar não pode ser adormecida, ela não pode ficar parada. É como pegar um presente que você ganhou e esconder, enterrar, porque tem medo de usar.

Penso que a gente percebe o processo criativo nessa disciplina que eu leciono. Para quem cria, como eu que crio desde a minha infância, é fácil criar, pois já tenho meu processo desenvolvido; é muito fácil eu conseguir criar a partir de qualquer coisa. No entanto, para quem não exercitou isso ainda, é muito difícil.<sup>47</sup>

A consciência da importância da criação artística e científica na vida do sujeito, o qual possui essa inclinação para a área, contribui para que tenha em vista a relevância da sua atuação na sociedade. Cabe ao(à) professor(a) artista auxiliar o(a) acadêmico(a) a perceber, valorizar e se encontrar nesse meio. “Neste sentido, o aluno, futuro professor, deve ser estimulado a tomar decisões sobre o rumo de suas pesquisas e de suas produções, procurando manter sempre um contato estreito com a sua poética pessoal”. (Barbosa, 2003, p. 156).

Algumas ações na metodologia do(a) professor(a) artista podem facilitar o contato do acadêmico com as pesquisas e a produção considerando sua poética. Uma das ações que o professor artista Sérgio destaca é o desenvolvimento de uma exposição com as produções dos(as) discentes. Nesse projeto, o foco não é direcionado apenas ao ato de expor, mesmo que este contribua para a experiência do acadêmico e valorização de seu trabalho, mas elucida a importância do processo para a formação. Sérgio relata que, no início do processo criativo, foi desafiador para os(as) acadêmicos(as) que tinham quatro meses de aulas para desenvolverem suas produções. Depois de muitos estímulos, as produções fluíram. Ele destaca que, no final do primeiro semestre, todos estavam com suas artes elaboradas, mas o interessante foi o processo para chegar até ali.

Criar não é algo fácil de começar. Muitas vezes, a pessoa se acomodou por conta dessa forma que estamos vivendo hoje. As coisas estão muito fáceis; você quer pintar alguma coisa, você baixa da internet e tem as imagens prontas. As pessoas passaram a se habituar a não criar, mas a copiar; não criam nada. O fato de não criar nada deixou essa natureza criadora do ser humano

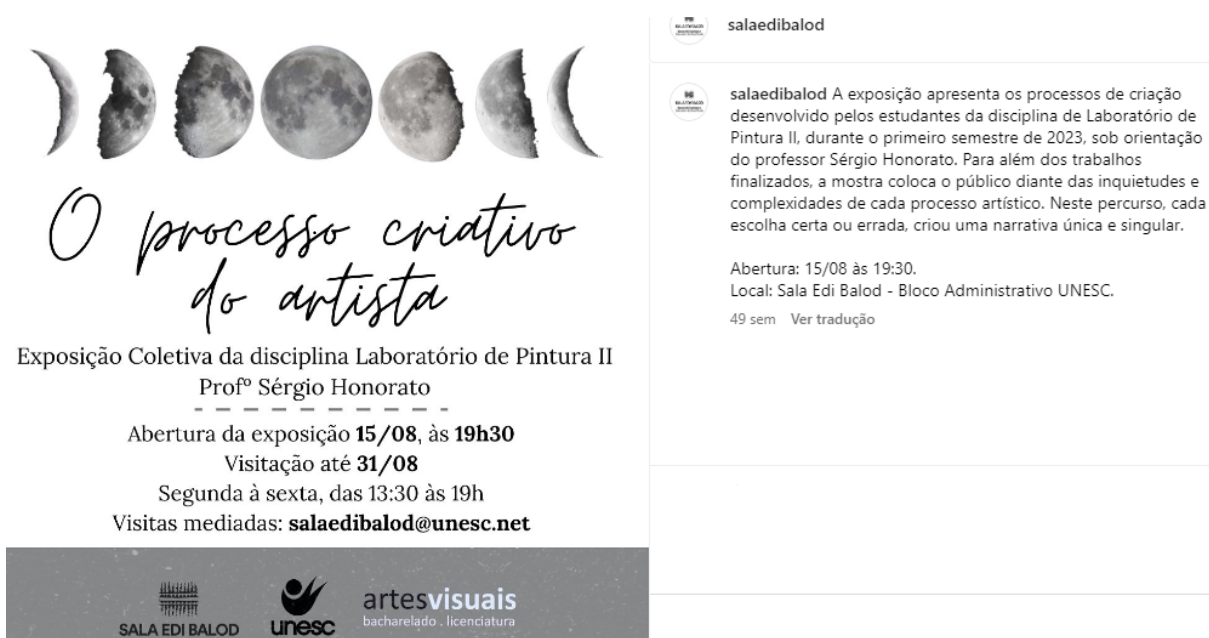
---

<sup>47</sup> Sérgio Honorato. Entrevista citada.

minguada, encolhida, enferrujada; é como um músculo que, se não utilizar, atrofia e, para desatrofiar, tem que colocar em prática, exercitar. E é isso que eu tenho feito com essas turmas agora: exercitar a capacidade de criação. É esse o grande diferencia. <sup>48</sup>

Na imagem 18 encontra-se a divulgação da exposição coletiva das produções artísticas desenvolvidas pelos acadêmicos e apresentadas com o título “O processo criativo do artista”, elucidando o trajeto percorrido durante a formação na disciplina de Laboratório de Pintura II. Essas experiências vividas no desenvolvimento de criação são importantes para sair da zona de conforto e conhecer os processos artísticos participando deles; além disso, diminui os distanciamentos dos(as) acadêmicos(as) com a arte: o objeto de estudo que futuramente será levada por eles/elas para a escola. Reforçando o argumento de que o(a) acadêmico(a) que tem essas vivências no ateliê terá mais propriedade e meios de trabalhar esses elementos com seus(suas) alunos(as).

Imagem 18 – Divulgação da Exposição dos acadêmicos



The image shows a promotional poster for an art exhibition and a screenshot of its Instagram post. The poster features a row of seven moon phases from left to right: a thin crescent, a waxing crescent, a first quarter, a full moon, a waning gibbous, a last quarter, and a thin crescent. Below the moon phases, the title "O processo criativo do artista" is written in a cursive script. Underneath the title, it says "Exposição Coletiva da disciplina Laboratório de Pintura II Profº Sérgio Honorato". The dates and times are listed: "Abertura da exposição 15/08, às 19h30", "Visitação até 31/08", and "Segunda à sexta, das 13:30 às 19h". The contact information is "Visitas mediadas: salaedibalod@unesc.net". At the bottom, there are logos for SALA EDI BALOD, unesc, and artesvisuais (bacharelado . licenciatura).

The Instagram post screenshot shows the profile of @salaedibalod. The post text reads: "salaedibalod A exposição apresenta os processos de criação desenvolvido pelos estudantes da disciplina de Laboratório de Pintura II, durante o primeiro semestre de 2023, sob orientação do professor Sérgio Honorato. Para além dos trabalhos finalizados, a mostra coloca o público diante das inquietudes e complexidades de cada processo artístico. Neste percurso, cada escolha certa ou errada, criou uma narrativa única e singular." The post also includes the opening hours: "Abertura: 15/08 às 19:30.", the location: "Local: Sala Edi Balod - Bloco Administrativo UNESC.", and the date: "49 sem Ver tradução".

Fonte: Instagram Sala Edi Balod<sup>49</sup>.

<sup>48</sup> Sérgio Honorato. Entrevista citada.

<sup>49</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/salaedibalod/>>.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O processo de criação em Artes Visuais envolve saberes de diversas naturezas, o que solicita a opção por um método de pesquisa que parta da prática, mas que se relacione com teorias da estética, do contexto histórico, das relações sociais e das técnicas artísticas. (Torres; Lara, 2019).*



Imagem 19 – Ateliê de Pintura Professora Maria Marlene Milaneze Just – Unesc  
Fonte: Acervo pessoal.

Lançar o olhar para a formação de professores(as) é um desafio necessário para compreender as perspectivas educacionais e refletir sobre o que já está posto, ao mesmo tempo que visa propor modos diferentes de atuação. A partir dos dados levantados no desenvolvimento dessa pesquisa, das trajetórias relatadas por meio de entrevistas, dos conceitos abordados em diálogo com autores da área de arte e educação e da organização do curso de Artes Visuais (Licenciatura) da Unesc, pode-se concluir que a atuação do(a) professor(a) artista no ateliê de pintura contribui para a produção de uma experiência formativa integral no contexto do ensino da arte.

Por meio da discussão dos conceitos do ensino da arte, formação e experiência, considerou-se o termo como um processo conceitual de aplicar um modo artístico e estético para pensar o ensino. (Lampert; Nunes, 2014). A partir de então, percebeu-se a formação e a

experiência como colunas que sustentam o ensino da arte pelo(a) professor(a) artista; considerar a experiência com um caráter emocional, com integração interna e um desfecho ordeiro e organizado (Dewey, 2015), tudo isso vem ao encontro do que diz Barbosa (2012) quando afirma que o subjetivo, interior e emocional devem progredir para atingir objetivos cognitivos. Logo, o ateliê de pintura pode ser considerado um espaço de ensino da arte e de experiências significativas para a formação do(a) acadêmico(a).

Visando compreender como as trajetórias de formação do(a) professor(a) artista contribuem para sua atuação no ateliê de pintura, verificou-se que ambos os professores entrevistados não tinham como objetivo atuar nas duas áreas, mas que, com as possibilidades que surgiram, a vivência do termo professor(a) artista aconteceu de forma fluida. Nesse processo de estar formado e de se tornar formador, eles destacam a importância da experiência com a arte como facilitadora de estruturar metodologias e compreender os processos dos(as) discentes. Como foi percebido durante a pesquisa, as experiências diminuem o distanciamento entre o objeto estudado e o(a) discente, possibilitando uma forma de aprofundamento intelectual a partir da reflexão sobre os elementos constitutivos da área, no caso da arte, sobre as obras, os processos de criação, contextos históricos e sociais etc., corroborando o desenvolvimento formativo do(a) acadêmico(a). No ateliê de pintura, essa experiência é acentuada com a atuação do(a) professor(a) artista nos dois momentos da experiência (Silva, 2019): o materialista, com os objetos dispostos para o uso dos(as) acadêmicos(as) nos processos de pintura; e o histórico, no qual as experiências se acumulam tornando o(a) acadêmico(a) um sujeito “experiente”. O(a) professor(a) artista é o sujeito especializado, experiente, que torna acessível suas experiências nas relações de ensino e aprendizagem.

Deste modo, é importante para o(a) acadêmico(a), que está em formação na licenciatura em Artes Visuais, ter esse contato de experiências vividas e compartilhadas para que possa estruturar suas metodologias de forma que não fale apenas sobre a parte técnica/teórica, mas que possa compartilhar seu próprio processo, falando sobre aquilo que conhece por meio do que experimentou. Ainda sobre esses processos no ateliê de pintura, no que diz respeito à formação em licenciatura, pode ocorrer do(a) discente se apropriar das vivências e querer também atuar como artista (como foi o meu caso). Inicialmente, notou-se que os professores artistas entrevistados fizeram o movimento da arte para a docência em arte, da formação em bacharelado para a atuação na licenciatura; agora, eles podem contribuir com o movimento inverso: de docentes em arte que também produzam arte, isto é, professores(as) que também sejam artistas. Assim como o(a) professor(a) artista, que atua no ateliê, percebe

essa inclinação nos(as) acadêmicos(as), ele/ela pode incentivar esse modo de ser docente e pesquisas que norteiam tal atuação.

Com intuito apresentar o ateliê de pintura, considerando-o como laboratório de ensino por meios dos processos de produção artística, foram consideradas as reverberações do ensino de arte, da formação e da experiência no ateliê de pintura; sobretudo, como ele se situa na organização curricular do curso de Artes Visuais (licenciatura) da Unesc e no espaço físico que ele ocupa. Nesta pesquisa, constatou-se que esse curso é o único na região com aulas presenciais e, conseqüentemente, o único com ateliês; dentre estes, o de pintura. Nesse espaço formativo, são oferecidos diferentes materiais e uma estrutura que favoreça a interação entre os(as) acadêmicos(as). E é um espaço em comum entre os(as) acadêmicos(as) de bacharelado e licenciatura em Artes Visuais, mesmo que as aulas aconteçam de forma separada. A partir dos elementos da pesquisa, ficou defendido que haja uma aproximação entre os cursos de bacharelado e licenciatura a fim de fortalecer as pesquisas em arte por diferentes aspectos. Um(a) professor(a) artista tem a possibilidade de construir essa ponte à medida que atua nas duas áreas.

Essa constatação se confirma a partir do conhecimento de como acontece a atuação dos professores artistas no ateliê de pintura da Unesc. Partiu-se, portanto, das experiências artísticas dos professores pesquisados, formados em bacharelado e com produções artísticas autorais, pesquisas desenvolvidas e participações de exposições, e que, a princípio, não haviam pensado na possibilidade de se tornarem também professores. Adiante, evidenciando a relevância do ateliê de pintura na Unesc, onde o professor artista Sérgio é o titular, observaram-se elementos importantes para pensar o ensino da arte nos ateliês de pintura, como a estruturação das metodologias considerando o processo, o conhecimento prévio dos(as) acadêmicos(as), as reflexões a cerca do artista como criador, a valorização do(a) artista e do(a) professor(a), bem como processos que estimulam os(as) acadêmicos(as) a saírem de suas zonas de conforto e a terem a experiência de expor seus próprios trabalhos artísticos. Todas as vivências vão constituindo uma formação de futuros(as) docentes que, além do conteúdo teórico, irão para sala de aula com uma visão diferenciada de processos artísticos pela experiência que vivenciaram.

Durante o percurso de pesquisa, encontraram-se alguns desafios voltados, principalmente, ao acesso a documentos atualizados em relação à nova organização das

licenciaturas com a Graduação Multi<sup>50</sup> vigente no momento. Em razão da dificuldade em ter esse material para a pesquisa, foram utilizados documentos em construção e de anos anteriores.

Contudo, os objetivos desta pesquisa foram alcançados ao refletir sobre a atuação do(a) professor(a) artista no ateliê de pintura do Curso de Artes Visuais (licenciatura) da Unesc e buscar o diálogo com diferentes autores sobre as relações que se fazem entre arte e educação, formação e experiência. Desse modo, valorizando o trabalho realizado pelos professores(as) artistas, a arte e a docência, espera-se que esta pesquisa reverbere em diferentes modos de perceber o ensino da arte e estruturar metodologias voltadas para a experiência.

Para mim, é uma grata alegria concluir esta pesquisa, bem como o trajeto do mestrado, uma vez que foi de monumental importância esse período para ampliar minha visão sobre arte e educação, repensar as minhas atuações no ensino da arte e, de certo modo, contribuir para a área do conhecimento na qual me formei e escolhi atuar. Como egressa do curso pesquisado, buscar desvelar a problemática abordada foi não somente um retorno para um lugar significativo em minha formação, percebendo-o por outra perspectiva, mas também de reconhecimento desse lugar pouco visibilizado do(a) professor(a) artista.

Entender quem é esse sujeito, como ele atua e quais as reverberações que essa atuação provoca na formação de acadêmicos de licenciatura em Artes Visuais, é, inevitavelmente, pensar meios diferentes de ensino da arte que abrangem conceitos da própria arte (como a experiência) e lugares diferentes dos tradicionais para a formação, a exemplo do ateliê de pintura que aqui é visto não apenas como um lugar de pintar, mas de aprender sobre o ensino da arte pela própria arte. Essas compreensões ampliam as possibilidades para quem se forma no curso de Artes Visuais em licenciatura, pois mostram que não é preciso optar por uma atuação, mas que é possível ser professor(a) e ser artista e, sobretudo, tornam relevantes para as discussões sobre arte e educação. Desse modo, esta pesquisa se configura em um ponto de partida a novas reflexões sobre o ensino da arte, considerando a atuação do(a) professor(a) artista, a fim de pensar o ateliê de pintura como espaço de formação e de experiência para as relações de ensino e aprendizagem.

---

<sup>50</sup> Formação pela experiência: Graduação Multi chega para revolucionar o ensino de graduação da Unesc. Disponível em: <https://www.unesc.net/portal/aicom/blog/50662-formacao-pela-experiencia-graduacao-multi-chega-para-revolucionar-o-ensino-de-graduacao-da-unesc>. Acesso em: 26 ago. 2024

## REFERÊNCIAS

ALVES, Alda Judith. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. Cadernos de pesquisa, n. 77, p. 53-62, 1991.

ALVES, Daniele de Sá. **Formações (C)A/R/Tográficas: experiência em processo na arte, na educação e na pesquisa para a formação de professores artistas**. 2019. 155 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Contemporânea) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BARBOSA, Ana M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo, SP: Cortez, 2012. *E-book*. ISBN 9788524926914. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788524926914/>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BASBAUM, Ricardo Roclaw, 1961. **Manual do artista-etc** – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013. p. 264.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

CELLARD, André. **A análise documental**. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 295-316. Tradução de: Ana Cristina Arantes Nasser.

CUNHA, Marcus Vinicius da. **John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula**. Coordenador Antônio Joaquim Severino. – Petrópolis, RJ. Vozes, 1994.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo, Editora Nacional; 1971.

FACCO, Marta. **A aula ateliê no contexto da formação inicial do professor de Artes Visuais**. Revista Apotheke, ano 4, v. 4, ed. 3, p. 102-110, 2018.

FIGUEIREDO, Márcia Amaral de. **Diário de professor/artista em processo: a prática artística como foco de investigação no ensino das artes visuais**. 236 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Mestrado em Artes Visuais, Florianópolis, 2016.

GUIMARÃES, Juliana Pereira. **Contribuições da experiência nos ateliês do Curso de Artes Visuais da UNESCO para a formação inicial de professores de artes**. 156 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2018.

HONORATO, Aurélia. Retorno sobre PPC. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por luana.dsjoaquim@gmail.com em 18 de jun. 2024.

KRIPKA, Rosana; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa Lara. **Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa.** CIAIQ2015, v. 2, 2015.

LAMPERT, Jocielle. **Desafios da pesquisa em Arte e Educação ou Arte e Educação pela pintura.** In: QUEIROZ, João Paulo; OLIVEIRA, Ronaldo. *Os riscos da Arte: formação e mediação.* Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes, 2018. p. 55-62.

LAMPERT, Jocielle. **O estúdio de pintura como laboratório de ensino e aprendizagem em Artes Visuais.** *Matéria-Prima*, [s. l], v. 5, p. 60-65, 29 maio 2017.

LAMPERT, Jocielle; FACCO, Marta. **Caderno Ateliê: reflexões sobre metodologias operativas no estúdio de pintura.** *Matéria-Prima*, [s. l], v. 6, p. 27-36, 9 maio 2018.

LAMPERT, Jocielle; NUNES, Carolina Ramos. **Entre a prática pedagógica e a prática artística: reflexões sobre arte e arte educação.** *Digital do Lav, Santa Maria*, v. 7, n. 3, p. 100-112, 2014.

LARROSA, Jorge. **El profesor artesano: materiales para conversar sobre el oficio.** Noveduc, 2020.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação.** *Reflexão e Ação*, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** In: *Revista Brasileira de Educação*, nº19, 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** Autêntica, 2017.

LIMA, Maria Socorro Lucena; GONÇALVES, Hegildo Holanda. **A práxis docente no desempenho das atividades do professor formador.** 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/33171>>. Acesso em: 17 jun. 2024.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Arte para a Docência: estética e criação da formação docente.** *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 21(25). Dossiê Formação de professores e práticas culturais: descobertas, enlaces, experimentações. Editoras convidadas: Carla Beatriz Meinerz, Dóris Maria Luzzardi Fiss & Sônia Mara Moreira Ogiba. Disponível em: <<http://epaa.asu.edu/ojs/article/view/1145>>. Acesso em: 25 jul. 2022

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Da arte docência e inquietações contemporâneas para a pesquisa em educação.** *Revista Teias*, v. 14, n. 31, p. 12, 2013.

MARCELO GARCIA, Carlos. **Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro.** *Revista de ciências da educação*, 8, 7-22, 2009.

PELLEGRIN, R. de; CUNICO, A. P. de O.; ROSA, B. N. da. **Sala de aula - ateliê - galeria: a experiência com pintura na formação de professores-artistas.** *Revista Apotheke*, Florianópolis, v. 6, n. 2, 2020. DOI: 10.5965/24471267622020046. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/18334>>. Acesso em: 5 abr.

2023.

PIRES, Eloiza Gurgel. **Experiência e linguagem em Walter Benjamin**. Educação e Pesquisa, v. 40, p. 813-828, 2014.

RANCIERE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 191 p. (Educação: experiência e sentido).

SAVI, Daniela. **Graduação Multi Unesc: múltiplos olhares e novas experiências na formação de profissionais diferenciados**. múltiplos olhares e novas experiências na formação de profissionais diferenciados. 2023. Disponível em:

<<https://noticias.unesc.net/geral/2023/02/22/graduacao-multi-unesc-multiplos-olhares-e-novas-experiencias-na-formacao-de-profissionais-diferenciados/#:~:text=A%20Gradua%C3%A7%C3%A3o%20Multi%20E2%80%93%20m%C3%A9todo,por%20meio%20de%20atividades%20estimulantes>>. Acesso em: 08 abr. 2024.

SILVA, Alex Sander da. **Educação e experiência estética: desencantamento do conceito educativo**. Chapecó, SC : Argos; 199 p.: 2011.

SILVA, Alex Sander da. **Educação, expressividade estética e experiência formativa**. In: SILVA, Alex Sander da; SILVA, Luiza Batista de Oliveira (orgs.). *Educação, Estética e Experiência: entre saberes e práticas na contemporaneidade*. – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019. p. 15-31. P. 200.

TORRES, Renato; LARA, Priscila Mocelin. **A vivência no ateliê como parte do processo de formação docente em Artes Visuais**. Tuiuti: Ciência e Cultura, Curitiba, v. 6, n. 59, p. 4-28, 2019.

VALIM, Natália Cabrera Flores. **Professor-pesquisador-artista: reflexões para uma prática pedagógica artística**. 2016.

ZAGO, Nadir. **A entrevista em seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática da pesquisa**. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 138-179. P. 288-309.

## FONTES ORAIS

Angélica Neumaier. Nascida em 13/06/1966, na cidade de Santa Maria - RS. Professora artista. Desde 1996 é professora na modalidade Bacharelado e Licenciatura no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), localizada em Criciúma - SC. Investiga o caminhar como prática artística – a partir do caminhar, coletar e imprimir – e a arte dos povos originários e sua importância cultural e artística, atuando na área da arte contemporânea e seus processos, gravura (xilogravura e serigrafia) e estamparia. Entrevista concedida à Luana dos Santos Joaquim, em 25/08/2023, na cidade de Criciúma - SC.

Sérgio Honorato. Nascido em 04/12/1963, na cidade de Criciúma - SC. Professor artista. É professor titular do Curso de Artes Visuais Universidade do Extremo Sul Catarinense

(Unesc). Tem experiência na área de Design Gráfico, Artes Visuais, com ênfase em Fotografia, Ilustrações e Cerâmica, atuando, principalmente, nos seguintes temas: desenho, mosaico, caricatura, ilustrações e fotografia. Entrevista concedida à Luana dos Santos Joaquim, em 03/08/2023, na cidade de Criciúma - SC.

## APÊNDICES

### Apêndice A – Roteiro da entrevista feita com professor(a) artista

#### **I - Identificação**

1. Qual seu nome completo?
2. Data de nascimento:
3. Local de nascimento:
4. Endereço:
5. Contato:
6. Formação Acadêmica / Período:
7. Local de atuação:

#### **II- Identificação do/a professor/a e trajetória de formação e profissional**

1. Como ocorreu a sua formação na graduação em Artes Visuais?
2. Em que instituição realizou o curso de graduação e em que ano concluiu?
3. Fale sobre sua formação no mestrado e doutorado (instituição, período, linha de pesquisa, título da dissertação e da tese)
4. Antes de ingressar no ensino superior como professor(a) atuou onde?
5. Há quanto tempo atua no ensino superior?
6. Há quanto tempo atua na Unesc?
7. Atua na graduação e pós-graduação?
8. Caso atue na Pós-graduação, indique o curso e o tempo

#### **II – Concepção de arte enquanto área do conhecimento, de experiência na arte e da formação que integra a experiência**

1. Como você concebe a arte enquanto área do conhecimento?
2. O que é experiência na arte?
3. Qual o diferencial da formação que integra a experiência?

#### **III – Ateliê de Pintura na Estrutura/ Matriz Curricular do Curso de Artes Visuais**

1. Há quanto tempo existe o ateliê de pintura no curso de graduação em artes visuais?  
Existem registros?
2. Ao longo dos anos aconteceram alterações neste espaço?

3. Descreva o ateliê de pintura.
4. Como ele é organizado e como se constitui?
5. O ateliê atende as necessidades estruturais e de materiais para as aulas?

#### **IV - O ateliê de pintura como laboratório do ensino da arte e as experiências nos processos de produção artística**

1. Como ocorre a formação de professores(as) artistas no ateliê?
2. O ateliê funciona como um laboratório do ensino da arte no curso de licenciatura?
3. Como o ateliê de pintura contribui para a experiência na formação docente?

#### **V - Atuação dos professores(as) artistas no ateliê de pintura da Unesc**

1. Como ocorreu a sua formação na graduação em Artes Visuais?
2. Em que momento você percebeu como professor(a) artista?
3. Hoje, enquanto professor(a) artista, como você concilia a docência com as próprias produções?
4. Na sua formação você teve acesso ao ateliê de pintura? Se sim, qual a importância o ateliê teve?
5. Como você percebe a diferença do contato com a prática artística nas salas de aula comuns em relação aos ateliês?
6. Quais diferenciais podem se destacar na relação de ensino e aprendizagem que partem de uma formação onde se possibilita o desenvolvimento na arte e educação?
7. Nas metodologias e planejamentos desenvolvidos pelo professor(a)artista para as aulas no ateliê de pintura quais conceitos são mais abordados?
8. O que ainda é preciso de melhora no ateliê de arte no processo formativo?
9. Como você percebe a participação dos alunos no ateliê?

## Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE



**Título da Pesquisa:** ATUAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A) ARTISTA NO ATELIÊ DE PINTURA: A EXPERIÊNCIA FORMATIVA PARA A DOCÊNCIA NO CURSO DE ARTES VISUAIS DA UNESC

**Objetivo:** Investigar a atuação do professor(a) artista no ateliê de pintura do curso de Artes Visuais (licenciatura) da Unesc e suas contribuições para a experiência de formação discente.

**Período da coleta de dados:** 01/08/2023 a 31/09/2023

**Tempo estimado para cada coleta:** 1 hora para cada entrevista

**Local da coleta:** A entrevista acontecerá no ateliê de pintura da Unesc que será visitado para registro das imagens da estrutura existente.

**Pesquisadora/Orientadora:** Dra. Giani Rabelo

**Telefone:** (48) 996261529

**Pesquisadora/Acadêmica:** Luana dos Santos Joaquim

**Telefone:** (48) 996288849

**Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Unesc**

Como convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa acima intitulada e aceitando participar do estudo, declaro que:

Poderei desistir a qualquer momento, bastando informar minha decisão diretamente ao pesquisador responsável ou à pessoa que está efetuando a pesquisa.

Por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, não haverá nenhuma remuneração, bem como não terei despesas para com a mesma. No entanto, fui orientado(a) da garantia de ressarcimento de gastos relacionados ao estudo. Como prevê o item IV.3.g da Resolução CNS 466/2012, foi garantido a mim (participante de pesquisa) e ao meu acompanhante (quando necessário) o ressarcimento de despesas decorrentes da participação no

estudo, tais como transporte, alimentação e hospedagem (quando necessário) nos dias em que for necessária minha presença para consultas ou exames.

Foi expresso de modo claro e afirmativo o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/ indiretos e imediatos/ tardios pelo tempo que for necessário a mim (participante da pesquisa), garantido pelo(a) pesquisador(a) responsável (Itens II.3.1 e II.3.2, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Estou ciente da garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa (Item IV.3.h, da Resolução CNS nº 466 de 2012).

Os dados referentes a mim serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 466/2012 do CNS - Conselho Nacional de Saúde - podendo eu solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

Para tanto, fui esclarecido(a) também sobre os procedimentos, riscos e benefícios, a saber:

#### **DETALHES DOS PROCEDIMENTOS QUE SERÃO UTILIZADOS NA PESQUISA**

A entrevista tem como objetivo estabelecer aproximações com o objeto de estudo e os documentos previamente analisados. Os entrevistados são professores(as) artistas, a fim de compreender melhor o desenvolvimento da formação docente em arte que, por meio das experiências vivenciadas nos ateliês de pintura, possibilita a atuação como professor(a) artista. Os entrevistados receberão este Termo Livre Esclarecido, o qual o possível participante deverá indicar o aceite de sua participação. Nesta fase, os entrevistados receberão informações sobre a pesquisa, seus objetivos, momento o qual poderão ler os termos de consentimento e optarem pela participação ou não deste estudo. As entrevistas serão previamente agendadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados que receberão todas as informações necessárias. Na entrevista, a pesquisadora realizará algumas perguntas, as quais o entrevistado poderá optar em responder, ou mesmo se retirar do estudo a qualquer momento.

#### **RISCOS**

Os riscos aos entrevistados serão os mínimos possíveis, visto que o entrevistado poderá escolher as perguntas que irá responder. A participação ocorrerá por meio de entrevista semi-estruturada direcionadas diretamente ao participante. Caso ocorra algum desconforto por parte do entrevistado, ele poderá suspender a entrevista, se assim desejar. Destaca-se ainda que serão respeitadas questões sensíveis que possam violar a imagem, intimidade, vida privada ou representar algum risco psíquico e/ou sentimental ao entrevistado. A realização, a gravação e a divulgação do conteúdo das entrevistas só ocorrerão com a autorização dos entrevistados mediante o TCLE.

### **BENEFÍCIOS**

Os participantes podem se beneficiar do estudo por meio da contribuição de suas experiências pessoais e de vida, ocorrendo um diálogo de suas experiências com a formação de professores(as) artistas por meio da experiência nos ateliês de pintura

Declaro ainda, que tive tempo adequado para poder refletir sobre minha participação na pesquisa, consultando, se necessário, meus familiares ou outras pessoas que possam me ajudar na tomada de decisão livre e esclarecida, conforme a resolução CNS 466/2012 item IV.1.C.

Diante de tudo o que até agora fora demonstrado, declaro que todos os procedimentos metodológicos e os possíveis riscos, detalhados acima, bem como as minhas dúvidas, foram devidamente esclarecidos, sendo que, para tanto, firmo ao final a presente declaração, em duas vias de igual teor e forma, ficando na posse de uma e outra sido entregue ao(à) pesquisador(a) responsável (o presente documento será obrigatoriamente assinado na última página e rubricado em todas as páginas pelo(a) pesquisador(a) responsável/pessoa por ele(a) delegada e pelo(a) participante/responsável legal).

Em caso de dúvidas, sugestões e/ou emergências relacionadas à pesquisa, favor entrar em contato com o(a) pesquisador(a) Luana dos Santos Joaquim pelo telefone (48) 996288849 e/ou pelo e-mail [luana.dsjoaquim@unesb.net](mailto:luana.dsjoaquim@unesb.net).

Em caso de denúncias, favor entrar em contato com o Comitê de Ética – CEP/Unesc (endereço no rodapé da página).

O Comitê de Ética em Pesquisa em Humanos (CEP) da Unesc pronuncia-se, no aspecto ético, sobre todos os trabalhos de pesquisa realizados, envolvendo seres humanos. Para que a ética se faça presente, o CEP/Unesc revisa todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos. Cabe ao CEP/Unesc a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na Instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas. Tem também papel consultivo e educativo, de forma a fomentar a reflexão em torno da ética na ciência, bem como a atribuição de receber denúncias e requerer a sua apuração.

<b>ASSINATURAS</b>	
<p><b>Voluntário(a)/Participante</b></p> <p>A assinatura do entrevistado só irá depois que o projeto for aprovado pelo comitê. A submissão do TCLE é o modelo preenchido que será depois apresentado ao entrevistado</p> <hr/> <p style="text-align: center;"><b>Assinatura</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>Pesquisador(a) Responsável</b></p> <hr/> <p style="text-align: center;">–</p> <hr/> <p style="text-align: center;"><b>Assinatura</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Nome: Luana dos Santos Joaquim</b></p>
<p><b>Nome:</b> _____</p> <p><b>CPF:</b> _____._____._____ - ____</p>	<p><b>CPF: 116.485.269 – 85</b></p>

## ANEXOS

## Anexo A – Aprovação do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE DO EXTREMO  
SUL CATARINENSE - UNESC



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** ATUAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A) ARTISTA NO ATELIÊ DE PINTURA: A EXPERIÊNCIA FORMATIVA PARA A DOCÊNCIA NO CURSO DE ARTES VISUAIS DA UNESC

**Pesquisador:** Glani Rabelo

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 70992623.7.0000.0119

**Instituição Proponente:** Universidade do Extremo Sul Catarinense

**Patrocinador Principal:** SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCACAO

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 6.205.882

**Apresentação do Projeto:**

ATUAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A) ARTISTA NO ATELIÊ DE PINTURA: A EXPERIÊNCIA FORMATIVA PARA A DOCÊNCIA NO CURSO DE ARTES VISUAIS DA UNESC.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Investigar a atuação dos(as) professores(as) artistas no ateliê de pintura do curso de Artes Visuais (licenciatura) da Unesc e suas contribuições para a experiência formativa integral dos/as futuros discentes.

**Objetivo Secundário:**

Apresentar as trajetórias dos(as) professores(as) artistas que atuam no ateliê de pintura do curso de licenciatura em Artes Visuais da Unesc;

Compreender como os(as) professores(as) artistas concebem a arte enquanto área do conhecimento, a experiência na arte e a formação que integra a experiência;

Perceber como o espaço do ateliê de pintura é pensado na estrutura e diferentes matrizes curriculares do curso Artes Visuais-Licenciatura da Unesc;

Apresentar o ateliê de pintura como laboratório do ensino da arte por meio da experiência nos processos de produção artística; Investigar a atuação dos(as) professores(as)

Endereço: Avenida Universitária, 1.105

Bairro: Universitário

CEP: 88.806-000

UF: SC Município: CRICIUMA

Telefone: (48)3431-2606

E-mail: [etica@unesc.net](mailto:etica@unesc.net)

UNIVERSIDADE DO EXTREMO  
SUL CATARINENSE - UNESC



Continuação do Parecer: 6.205.860

artistas no espaço do ateliê de pintura do curso de Artes Visuais (licenciatura) da Unesc.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Os riscos aos entrevistados serão os mínimos possíveis, visto que o entrevistado poderá escolher as perguntas que irá responder. A participação ocorrerá por meio de entrevista semi-estruturada direcionadas diretamente ao participante. Caso ocorra algum desconforto por parte do entrevistado, ele poderá suspender a entrevista, se assim desejar. Destaca-se ainda que serão respeitadas questões sensíveis que possam violar a imagem, intimidade, vida privada ou representar algum risco psíquico e/ou sentimental ao entrevistado. A realização, a gravação e a divulgação do conteúdo das entrevistas só ocorrerão com a autorização dos entrevistados mediante o TCLE. A entrevista não terá riscos para os entrevistados, pois pressupõe-se que os entrevistados já assinaram o TCLE para que pudesse ser atendido no local e estes riscos já foram expressos no TCLE.

**Benefícios:**

Os participantes podem se beneficiar do estudo por meio da contribuição de suas experiências pessoais e de vida, ocorrendo um diálogo de suas experiências com a formação de professores(as) artistas por meio da experiência nos ateliês de pintura.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa é relevante para o curso de Artes da Unesc. E atende os requisitos deste comitê.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos estão adequados.

**Recomendações:**

Não há.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

não há pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Endereço: Avenida Universitária, 1.105

Bairro: Universitário

CEP: 88.806-000

UF: SC

Município: CRICIUMA

Telefone: (48)3431-2606

E-mail: [cefica@unesc.net](mailto:cefica@unesc.net)

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO  
SUL CATARINENSE - UNESC**



Continuação do Parecer: 6.205.892

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2162782.pdf	23/06/2023 19:59:23		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rostoassinada.pdf	23/06/2023 19:56:16	Giani Rabelo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	15/06/2023 17:38:22	Giani Rabelo	Aceito
Declaração de concordância	Carta_de_aceite.pdf	15/06/2023 17:33:28	Giani Rabelo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_dissertacao.pdf	15/06/2023 17:30:40	Giani Rabelo	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CRICIUMA, 28 de Julho de 2023

Assinado por:

**Marco Antônio da Silva**  
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Universitária, 1.105

Bairro: Universitário

CEP: 88.806-000

UF: SC

Município: CRICIUMA

Telefone: (48)3431-2606

E-mail: [ceica@unesc.net](mailto:ceica@unesc.net)

## Anexo B – Carta de Aceite da Instituição



## CARTA DE ACEITE

Declaramos, para os devidos fins que se fizerem necessários, que autorizamos a realização de entrevistas com os(as) professores(as) que atuam no Ateliê de Pintura Professora Maria Marlene Milaneze Just e concordamos em disponibilizar Imagens e documentos referentes ao curso de Artes Visuais (licenciatura) da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, localizada na Av. Universitária, 1105 - Universitário, Criciúma - SC, 88806-000, para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado intitulada **ATUAÇÃO DO(A) PROFESSOR(A) ARTISTA NO ATELIÊ DE PINTURA: A EXPERIÊNCIA FORMATIVA PARA A DOCÊNCIA NO CURSO DE ARTES VISUAIS DA UNESC** sob a responsabilidade da professora orientadora Dra. Giani Rabelo e a pesquisadora Luana dos Santos Joaquim do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, pelo período de execução previsto no referido projeto.

*Daniele C. Zacarias*

Nome do Responsável pela instituição/empresa

Cargo do Responsável

Prof.<sup>a</sup> Ma. Daniele C. Zacarias Pereira  
Coord. do Curso de Artes Visuais  
Bacharelado - Licenciatura  
Portaria nº. 23/2022/REITORIA

**FUCRI - FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE CRICIÚMA (MANTENEDORA)**

Avenida Universitária, 1105 - Bairro Universitário - Cx. Postal 3167 - Fone: (0\*\*48) 3431-2500 - Fax: (0\*\*48) 3431-2750 - CEP 88806-000 - CRICIÚMA - SC  
C6d. 4052 <http://www.unesc.net>